

Christian Matheus Kolanski Vieira

**AS VIVÊNCIAS DOS TORCEDORES DE ESTÁDIOS PERIFÉRICOS DIANTE
DO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DOS ESTÁDIOS BRASILEIROS**

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2016

Christian Matheus Kolanski Vieira

**AS VIVÊNCIAS DOS TORCEDORES DE ESTÁDIOS PERIFÉRICOS DIANTE
DO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DOS ESTÁDIOS BRASILEIROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lazer.

Orientador: Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva.

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2016



ATA DA 106ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

CHRISTIAN MATHEUS KOLANSKI VIEIRA

Às 09h30min do dia 22 de julho de 2016 reuniu-se na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho *Percepção e comportamento dos torcedores de estádios periféricos diante do processo de modernização dos estádios brasileiros* requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para o candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva (Orientador)	X	
Prof. Dr. Luciano Pereira da Silva (UFMG)	X	
Prof. Dr. Rogério Santos Pereira (UFSC)	X	

Após as indicações o candidato foi considerado: aprovado

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para o candidato pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente **ATA** que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 22 de julho de 2016.

Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva (Orientador)

Prof. Dr. Luciano Pereira da Silva (UFMG)

Prof. Dr. Rogério Santos Pereira (UFSC)

AGRADECIMENTOS

Neste momento de imensa felicidade e satisfação, gostaria de agradecer às pessoas que estiveram presentes e me apoiaram ao longo desta caminhada, não apenas no mestrado, mas ao longo de todo meu percurso acadêmico.

A Deus, por estar sempre presente em minha vida guiando os meus passos e me fortalecendo frente às adversidades.

A CAPES, pelo suporte financeiro concedido no Mestrado.

Ao meu orientador e amigo, Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva, por todo carinho, atenção e sabedoria que vem me concedendo desde a graduação. Muito obrigado!

Aos membros da banca avaliadora, Prof. Dr. Luciano Pereira da Silva, Prof. Dr. Rogério Santos Pereira, Prof. Dr. Hélder Ferreira Isayama e Profa. Dra. Priscila Augusta Ferreira Campos, por aceitarem participar deste momento tão caro para mim e pelas valiosas contribuições propiciadas por esse encontro.

Ao meu pai, José, e a minha mãe, Delma, meus alicerces. Por sempre estarem ao meu lado, me amando, apoiando minhas decisões e incentivando os meus estudos. Minha eterna gratidão.

A minha irmã Cláudia, pelo companheirismo, apoio e carinho.

A minha namorada, Sabrina, pelo amor, confiança, cumplicidade e compreensão.

Aos meus colegas e amigos da graduação, da pós e da vida (impossível citar todos, mas essa homenagem é para todos vocês). Em especial Thalles, Raihane, Samara, Carla, Rayssa, Rafael, Larissa e Thamiris, pela compreensão, por me apoiar e compreender minhas frequentes ausências ao longo desses dois anos.

Aos meus familiares, pelo apoio e pela confiança.

Aos meus colegas e amigos do Programa de Educação Tutorial – Educação Física e Lazer (PET-EF), onde tive a oportunidade de conhecer pessoas maravilhosas ao longo de minha graduação, amigos que em muito contribuíram para meu crescimento acadêmico e profissional.

Aos meus colegas e amigos do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT), pelos preciosos momentos compartilhados, ensinamentos, contribuições e amizades ao longo desse percurso acadêmico.

Ao TJ e ao Lukinhas, pela ajuda concedida na coleta de dados.

Aos villanovenses e bugrinos que se prontificaram a ser voluntários da pesquisa. Sem os quais, este trabalho não seria concluído.

E, aos que me prestigiaram assistindo a defesa deste trabalho.

A todos, os meus sinceros agradecimentos!

Calma e Tranquilidade

O caráter não pode ser desenvolvido na calma e tranquilidade. Somente através da experiência de tentativas e sofrimentos a alma consegue ser fortalecida, a visão clareada, a ambição inspirada e o sucesso alcançado.

Helen Keller

RESUMO

O Brasil conta atualmente com 789 estádios de futebol espalhados por todos os cantos do país, de acordo com o Cadastro Nacional de Estádios de Futebol (CNEF) realizado pela Confederação Brasileira de Futebol em 2016. Apesar de serem os estádios com maior capacidade de público aqueles que mais aparecem nas mídias, eles não evidenciam a realidade dos estádios brasileiros. Estádios com capacidade igual ou superior a 40 mil assentos, representam apenas 3% do total, de acordo com o CNEF. Em contrapartida, estádios periféricos como o Castor Cifuentes/MG e o Farião/MG, com capacidade inferior a 10 mil presentes, representam 77,4%. Dessa forma, a principal questão que norteou este trabalho foi: o que os torcedores que frequentam os estádios periféricos (e que não foram afetados diretamente pela onda modernizadora) pensam sobre esse processo de modernização? Portanto, nossos objetivos foram: analisar a vivência dos torcedores de estádios periféricos diante do processo de modernização dos estádios brasileiros; investigar como se configuram as práticas do torcer pelos torcedores do Villa Nova/MG e do Guarani/MG em seus respectivos estádios; analisar a percepção que os torcedores de estádios periféricos têm sobre estádios e arenas; analisar em que o processo de modernização dos estádios influenciou no comportamento dos torcedores que frequentam os estádios periféricos; e, verificar o perfil dos torcedores periféricos. Para tanto, realizamos 19 incursões a campo, todas em dias de jogos dos clubes em questão. Os dados foram coletados por meio da observação participante (dentro e fora dos estádios) e pela aplicação de formulários, realizada em frente aos estádios momentos antes das partidas. Os dados foram tabulados no programa de análises estatísticas *Statistical Package for the Social Sciences* e analisados por meio da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Contamos com a participação de 107 torcedores. Como principais resultados: nossa amostra foi composta em quase sua totalidade por homens (evidenciando que ainda há grande desproporcionalidade de gênero nestes espaços), das mais variadas idades. Os sujeitos pesquisados, na maior frequência, são torcedores comuns (não pertencentes a torcidas organizadas), moradores da cidade (em muitos casos do bairro), possuem renda mensal individual entre um e dois salários mínimos e assistem aos jogos sozinhos (maior frequência) ou acompanhados por amigos. Houve por parte deste grupo a compreensão de que arenas são projetadas para oferecer conforto, ao passo que os estádios não. Inclusive sendo esta a principal diferença apontada entre estádios e arenas, junto ao aumento da sensação de segurança. Aparentemente, a modernização dos estádios não vem influenciando no comportamento do torcedor que frequenta os estádios periféricos. Somado a isso, os dados mostram que os torcedores também são favoráveis a estas transformações mesmo cientes dos pontos negativos. Inclusive cientes do risco de serem excluídos da vivência cotidiana nos estádios. Por fim, sugerimos que novos estudos sejam realizados buscando o aprofundamento nestas importantes temáticas.

Palavras-chave: Futebol. Equipamentos de lazer. Torcer. Estádios periféricos. Arenas multiuso.

ABSTRACT

Brazil currently has 789 soccer stadiums spread all over the country, according to the National Register of Football Stadiums (CNEF) conducted by the Brazilian Football Confederation in 2016. Though the ones that appear on media are those with highest capacity for people, they do not display the reality of the Brazilian stadiums. Stadiums with a capacity of 40.000 seats or higher represent only 3% of all, according to CNEF. In contrast, peripheral stadiums like Castor Cifuentes/MG and Farião/MG, with a capacity below 10.000 people, represent 77,4%. Thus, the main question that guided this work was: what do public who attend to the peripheral stadiums (those that were not directly affected by the modernization wave) think about this process of modernization? Therefore, our objectives were: to analyze the experience of fans who go to peripheral stadiums in light of the modernization of Brazilian stadiums; investigate how the practices of cheering are developed by fans of Villa Nova/MG and Guarani/MG in their respective stadiums; analyze the perception that fans who go to peripherals stadiums have of bigger stadiums and arenas; analyze how the process of modernization of stadiums influenced the behavior of fans who go to peripheral stadiums; and to check the profile of peripheral fans. To do so, we conducted 19 visits to the stadiums, all on game days for the refered teams. Data were collected through engaged observation (inside and outside the stadiums) and through forms filled up by fans in front of the stadiums, moments before the matches. Data were tabulated by the statistical analysis program Statistical Package for Social Sciences and analyzed using content analysis proposed by Bardin (2011). We had the participation of 107 individual fans. The main results: our sample was composed almost entirely by men (showing that there is still a great gender disproportion in these spaces), of different ages. The subjects surveyed, most often, are common supporters (not belonging to any organized rooting group), city residents (in many cases living in the same neighborhood where the stadium is), have individual monthly income between one and two minimum wages and attend to the games on their own (most often) or with friends. There was by this group an understanding that arenas are designed for comfort, as stadiums are not. This was actually the main difference pointed out between stadiums and arenas, along with a increased sense of security. Apparently, the modernization of stadiums is not influencing the behavior of fans who attend to peripheral stadiums. Data also show that fans are in favor of the changes even though they are aware of the negatives, including the risk of being hindered of frequent active life in stadiums. Finally, we suggest that further studies to be conducted, seeking to deep understanding of these important themes.

Keywords: Football. Leisure utilities. Fan. Peripheral stadiums. Multipurpose arenas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1. Lista de figuras

Figura 2.1	Faixa convidativa na porta do clube do Villa	64
Figura 2.2	Arquibancada lateral do estádio no jogo contra o Duque de Caxias	66
Figura 2.3	Portão principal para a torcida do Villa.....	67
Figura 2.4	Casa cheia no jogo contra o América.....	68
Figura 2.5	Charanga do Villa no jogo contra o Gama	69
Figura 2.6	Homenagem às mulheres no jogo contra o América.....	70
Figura 2.7	Fachada do Farião	78
Figura 2.8	Torcedor acompanhando o jogo pelo rádio.....	79
Figura 2.9	Guaragolo e Red Bugre lado a lado	80
Figura 2.10	Arquibancada lateral	81
Figura 2.11	Módulo cheio no jogo contra o Atlético.....	82
Figura 2.12	Trem passando nos fundos do Farião.....	83
Figura 2.13	Morro da Pitimba	84

2. Lista de gráficos

Gráfico 3.1	Faixa etária (torcedores do Guarani).....	89
Gráfico 3.2	Faixa etária (torcedores do Villa).....	89
Gráfico 3.3	Renda do participante (torcedor do Guarani)	93
Gráfico 3.4	Renda do participante (torcedor do Villa)	94
Gráfico 3.5	Em qual cidade reside (torcedor do Guarani).....	96
Gráfico 3.6	Em qual cidade reside (torcedor do Villa).....	96
Gráfico 3.7	Com quem vai assistir (torcedor do Guarani).....	98
Gráfico 3.8	Com quem vai assistir (torcedor do Villa)	98
Gráfico 3.9	Há quanto tempo torce (torcedor do Guarani).....	101
Gráfico 3.10	Há quanto tempo torce (torcedor do Villa).....	101
Gráfico 3.11	Como acompanha os jogos (torcedor do Guarani).....	104
Gráfico 3.12	Como acompanha os jogos (torcedor do Villa).....	104
Gráfico 3.13	Frequência que vai ao estádio (torcedor do Guarani)	106

Gráfico 3.14	Frequência que vai ao estádio (torcedor do Villa)	106
Gráfico 3.15	Como acompanha as notícias (torcedor do Guarani).....	110
Gráfico 3.16	Como acompanha as notícias (torcedor do Villa).....	110
Gráfico 3.17	Aqui é estádio ou arena (torcedor do Guarani)	119
Gráfico 3.18	Aqui é estádio ou arena (torcedor do Villa)	119
Gráfico 3.19	Gostaria que se tornasse arena (torcedor do Guarani)	121
Gráfico 3.20	Gostaria que se tornasse arena (torcedor do Villa).....	121
Gráfico 3.21	Em que arena assistiu jogos (torcedor do Guarani)	127
Gráfico 3.22	Em que arena assistiu jogos (torcedor do Villa)	127

LISTA DE TABELAS

Tabela 2.1	Presença do Villanovense no Castor Cifuentes em 2015/2016	63
Tabela 2.2	Presença do Bugrino no Farião em 2015/2016	76
Tabela 3.1	Presença dos Bugrinos e Villanovenses nos seus respectivos estádios em 2015/2016	87
Tabela 3.2	Faixa etária dos participantes.....	88
Tabela 3.3	Torcedores uniformizados.....	90
Tabela 3.4	Pertence a torcida organizada.....	91
Tabela 3.5	A qual torcida organizada pertence.....	92
Tabela 3.6	Renda dos participantes.....	92
Tabela 3.7	Reside na cidade.....	95
Tabela 3.8	Em qual cidade reside.....	95
Tabela 3.9	Com quem vai assistir a partida hoje	97
Tabela 3.10	Há quanto tempo torce pelo clube.....	100
Tabela 3.11	Como acompanha os jogos.....	103
Tabela 3.12	Frequência vai ao estádio do clube.....	105
Tabela 3.13	Como acompanha as notícias.....	109
Tabela 3.14	O Castor/Farião é estádio ou arena	118
Tabela 3.15	Gostaria que se tornasse arena	120
Tabela 3.16	Em quais arenas assistiu jogos.....	126

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CNEF	Cadastro Nacional de Estádios de Futebol
COEP	Comitê de Ética em Pesquisa
EDT	Estatuto de Defesa do Torcedor
FIFA	Fédération Internationale de Football Association
FMF	Federação Mineira de Futebol
GEFuT	Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LMDD	Liga Municipal de Desportos de Divinópolis
LMSA	Liga Mineira de Sports Athleticos
PPP	Parceria Público-Privada
RMV	Rede Mineira de Viação
SPSS	<i>Statistical Package for the Social Sciences</i>
TG	Torcedores do Guarani
TGV	Torcedores de Guarani e Villa
TJD	Tribunal de Justiça Desportiva
TV	Torcedores do Villa
UEMG	Universidade Estadual de Minas Gerais
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFSJ	Universidade Federal de São João Del Rey

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1. Problematização	13
1.2. Objetivos	17
1.2.1. Objetivo geral	17
1.2.2. Objetivos específicos.....	17
1.3. Justificativa.....	18
1.4. Percursos metodológicos	19
1.4.1. Os Instrumentos	20
1.4.2. Trabalho de Campo.....	21
1.4.3. Análise dos Dados.....	22
2. ESTÁDIOS, GLOBALIZAÇÃO E OS ESTÁDIOS PERIFÉRICOS	24
2.1. Estádios de futebol: simbolismo e desenvolvimento	24
2.2. Modernização dos estádios e a influencia no torcer.....	43
2.3. O Leão e o Alçapão	55
2.4. O Villanovense no Castor	62
2.5. O Tamanduá no Farião.....	70
2.6. O Bugrino no Farião.....	76
3. PERFIL E OPINIÃO DOS TORCEDORES	86
3.1. Perfil dos torcedores e identidade.....	88
3.2. Da relação com o clube e com o estádio	102
3.3. Estádios "versus" Arenas	114
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS.....	140
APÊNDICE A	145

1 INTRODUÇÃO

1.1 Problematização

[...] vai esperar acomodar todo mundo sentado para começar o jogo? Isso não é realidade, não é? Isso aqui não é Copa do Mundo ainda, nem é arena, é diferente, isso é estádio, não é arena.

*- Roberto Fernandes
Técnico de futebol*

O dia: 5 de outubro de 2013; a ocasião: 27^a rodada do campeonato brasileiro de futebol da série B; o local: Estádio Maria Lamas Farache (Frasqueirão)¹; o jogo: ABC Futebol Clube (ABC-RN) *versus* Sociedade Esportiva Palmeiras (Palmeiras); o destaque: poderia ter sido as duas belas viradas² que ocorreram na partida, mas não o foi.

Antes mesmo do apito inicial do árbitro, um fato já chamava mais atenção do que a partida de futebol chamaria naquele dia: A superlotação do estádio. As arquibancadas estavam ocupadas de tal forma, que por questão de segurança a polícia militar orientou alguns dos torcedores para que pulassem a grade que separava a torcida do campo. Ao ser abordado pela imprensa, após a resolução do incidente, o então técnico do ABC-RN, Roberto Fernandes, proferiu a citação que abre este trabalho³. Não cabe aqui julgar a opinião do mesmo, mas a reflexão no diz respeito ao processo de modernização (e seus desdobramentos) que vem ocorrendo nos estádios brasileiros.

Com base na citação inicial deste trabalho, mais especificamente na afirmação “*isso é estádio, não é arena*”, *a priori*, as diferenças entre estádios e arenas, bem como as normas de condutas que regem cada um desses espaços, parecem estar claras para os profissionais que trabalham diretamente com futebol (como técnicos e dirigentes); mas e para os torcedores? Estes compreendem a lógica citada pelo técnico do time do ABC-RN de que arenas são projetadas para oferecer conforto, ao passo que os estádios não? Quais as

¹ Localizado na cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte.

² O ABC-RN, que havia inaugurado o marcador, sofreu a virada do Palmeiras por 2x1, ainda assim reagiu e reverteu o placar. A partida terminou em 3 x 2 a favor do time da casa.

³ Reportagem disponível em <<http://globo.com/rede-globo/esporte-espetacular/v/palmeiras-perde-para-o-abc-rn-em-jogo-marcado-por-superlotacao-que-quase-gera-uma-tragedia/2870858/>>. Acesso em 10 de março de 2014.

concepções dos torcedores que frequentam os estádios periféricos⁴, sobre este processo de modernização⁵? De alguma forma a modernização dos estádios vem influenciando no comportamento do torcedor que frequenta os estádios periféricos?

Os estádios formam parte da vida cotidiana de milhões de pessoas e compõem uma parte da cultura brasileira, na medida em que possibilitam a inserção do torcedor em práticas que se constituem e consolidam apenas nestes locais. Além disso, permitem a ressignificação destas práticas de acordo com o contexto e período histórico. São muitos os motivos que fazem com que o estádio seja importante para o torcedor: a primeira ida ao campo se torna inesquecível, proporciona um conjunto de sensações táteis, olfativas, visuais e sonoras que nem mesmo televisão e rádio são capazes de transmitir; a primeira vez que testemunha a conquista de um título por seu clube do coração; a recordação de um grande ídolo que ali jogou; jogos marcantes; e até mesmo, momentos de grande decepção, como o *maracanazo*⁶ da seleção brasileira em 1950. As emoções do espetáculo futebolístico vivenciadas nesses estádios são fundamentais para que se promova a perpetuação desses sentimentos na memória coletiva associada com o estádio.

Compreendemos aqui o estádio enquanto um espaço, ademais, harmonizamos com Milton Santos (2014, p. 63), ao se reportar a este enquanto “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. Deste modo, os sistemas de objetos exercem influência na forma a qual as ações se concretizam ao passo que os sistemas de ações proporcionam a criação de novos objetos. Por meio desta relação de interdependência o espaço alcança sua dinâmica e se modifica (SANTOS, 2014).

⁴ Aos estádios que não passaram pelo processo de transformações e adequações para a Copa do Mundo FIFA (notadamente nomeados de Arenas) uso aqui, neste trabalho, a expressão de Estádios Periféricos.

⁵ O processo de modernização dos estádios é um tema polêmico, não havendo um consenso em relação ao ponto que o determinaria. Dessa forma, entende-se aqui como processo de modernização dos estádios, a recente conversão (através de obras de infraestrutura) de alguns estádios brasileiros em arenas multiuso.

⁶ *Maracanazo* é o termo usado em referência à partida que decidiu a Copa do Mundo de Futebol de 1950 a favor da Seleção Uruguaia de Futebol, deixando desolados os brasileiros. A partida ocorreu no estádio do Maracanã, e é considerada um dos maiores reveses da história do futebol.

Partindo da premissa de que o espaço seja um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, torna-se possível compreender o produto desta interação, como processo e como resultado, simultaneamente. Nesta perspectiva, se faz necessário distinguir “coisa” de “objeto”. Corroboramos com Santos (2014) ao defender a ideia do primeiro enquanto um produto natural, proveniente da natureza, como: os rios, montanhas e mares; à medida que o segundo assume os contornos de construções resultantes do trabalho humano, como: pontes, residências e estádios de futebol.

Acreditamos que as relações estabelecidas entre torcedores, jogadores, árbitros, dirigentes, etc., com o futebol, são tão intensas, que embora possuam peculiaridades, o estádio se apresenta como interseção para cada uma delas. Dando enfoque à figura do torcedor, Richard Giulianotti elaborou taxonomias que nos auxiliam a compreender esta importante manifestação sociocultural. Entre outras possibilidades, o autor destacou a figura do torcedor fanático. Aquele que, entre outros aspectos, se faz presente de maneira sistemática nos estádios. Por conseguinte, o torcedor fanático torna-se um conhecedor dos cânticos de sua torcida e fortalece seus laços afetivos com os demais torcedores. Assim como o autor, entendemos que este seja um espaço privilegiado para a prática do torcer. Uma vez que, “apoiar um clube é uma experiência vivenciada, baseada em uma identidade que se reflete em uma relação afetiva com o estádio, que é regularmente revisitado” (GIULIANOTTI, 2012, p. 16). Mas e hoje, quais os (possíveis) impactos da reformulação desses espaços?

Em 2014, pela segunda vez o Brasil sediou uma Copa do Mundo de Futebol. Assim sendo, foi necessário que o país passasse por uma série de obras de infraestrutura urbana e de mobilidade, além da reforma e construção de novas arenas esportivas. Entre as normativas definidas pela Fédération Internationale de Football Association (FIFA), a mesma sugere a utilização multifuncional dos estádios, a serem “projetados de forma que abriguem outros eventos esportivos e de entretenimento, melhorando assim a sua utilização e viabilidade financeira” (FIFA, 2011, p.43). Cada vez mais, a criação dessas novas arenas faz com que a “vida” dos estádios esteja muito além dos 90 minutos de uma partida de futebol. Estas arenas, além de palcos futebolísticos, se tornam shoppings, restaurantes, estacionamentos, cinemas, oficinas, etc.

Essa mudança advém da necessidade de que estes espaços produzam renda todos os dias, não só nos momentos enquanto as arquibancadas estão ocupadas pelos torcedores em dias de jogos. No Brasil, cabe ressaltar que embora haja essa tentativa, em grande medida os estádios acabam não tendo uma vida muito ativa além das partidas de futebol propriamente ditas. Não sendo utilizado com atividades que gerem retorno financeiro aos seus administradores. O Mineirão, por exemplo, costuma receber em sua esplanada ciclistas, *skatistas* e outros grupos de pessoas que se utilizam do espaço, no entanto, sem gerar receita para a empresa administradora do estádio.

Se antes ser moderno era sinônimo de grandiosidade (aqui entendido no que diz respeito à capacidade de absorção de público), para a Copa de 2014, o estádio moderno significa atender as normativas do “padrão FIFA”, “uma entidade com fins lucrativos e abrangência planetária, que é capaz de estabelecer critérios os quais os governos nacionais devem se adaptar” (CAMPOS; AMARAL, 2013, p. 49). Ser moderno, agora,

[...] significa a inserção no modelo de modernização atual de estádios de futebol, com direção normativa de acordo com as necessidades do capital, criando um formato excludente e modificador das tradições comportamentais dos torcedores. Um local de consumo inócuo, nada interativo, do espetáculo. (MASCARENHAS; OLIVEIRA, 2006b, p.12)

O brasileiro possui sua maneira de torcer e cada clube tem seu tipo peculiar de torcedor. Pela normatização do padrão FIFA não é mais possível a prática da famosa avalanche gremista; ou ainda (em parte) das tradicionais formas de se torcer das torcidas organizadas, notadamente mais efusivas e resistentes à lógica de assistir aos jogos em suas respectivas cadeiras numeradas. Assistir um Cruzeiro e Villa Nova com 132.834 presentes⁷, como foi em junho de 1997, parece improvável atualmente, considerando que a capacidade atual do Novo Mineirão pouco supera os 62 mil assentos. Como então extravasar e se expressar em um espaço, agora, tão normatizado? Cabe destacar que, embora haja um intento de se controlar o comportamento desses

⁷ Informação extraída de < <http://globoesporte.globo.com/platb/blog-do-futebol-mineiro/2012/03/22/publico-recorde-da-historia-do-estadio-mineirao-completa-22-anos/> >. Acesso em Março de 2013.

torcedores, este movimento não se dá de forma passiva, e comporta nichos importantes de resistências e tensões frente a estas mudanças.

Portanto, parece difícil questionar que a implantação do padrão FIFA nas novas arenas multiuso não tenha causado influência nos hábitos do torcedor em dias de jogos nestes estádios. Mas, e quando se refere aos estádios periféricos? O padrão FIFA, de alguma forma, causou alterações nos hábitos dos torcedores que frequentam estes estádios ou as novas práticas do torcer não atingiram esses torcedores? Quais as impressões desses torcedores sobre o “ir ao campo” nos dias atuais?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Analisar a vivência dos torcedores de estádios periféricos diante do processo de modernização dos estádios brasileiros.

1.2.2 Objetivos específicos

- Investigar como se configuram as práticas do torcer pelos torcedores do Villa Nova de Nova Lima e do Guarani de Divinópolis em seus respectivos estádios;
- Analisar a percepção que os torcedores de estádios periféricos têm sobre Estádios e Arenas;
- Analisar em que o processo de modernização dos estádios influenciou no comportamento dos torcedores que frequentam os estádios periféricos; e,
- Verificar o perfil dos torcedores periféricos.

1.3 Justificativa

A relevância desse estudo se mostra a partir da compreensão do lazer como uma dimensão da vida. Pensando que este campo se entrelaça a diversos contextos sociais, se faz imprescindível estarmos atentos e sermos críticos aos fatores que a ele se relacionam, buscando garantir assim, a qualidade e continuidade das discussões sobre o tema. O lazer neste trabalho surge do entendimento do torcer como possibilidade de fruição dos momentos de lazer do indivíduo.

Pensando no torcer como objeto de estudo, muitos trabalhos vêm sendo realizados de forma a investigar como tem ocorrido o processo de modernização dos estádios nas capitais, e em alguns casos, a percepção dos torcedores em relação a isso. Como exemplo, temos o Grupo de Estudos Sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), do qual fazemos parte, que desde o ano de 2013 vem realizando pesquisa por meio de aplicação de formulários com os torcedores no interior do Mineirão em dias de jogos. Esta pesquisa tem como intuito investigar a percepção dos torcedores ali presentes sobre a reforma do estádio.

Por outro lado, pouco se investiga sobre a relação que se estabelece entre os torcedores localizados fora desse “centro de mudanças”, o que eles pensam sobre esse processo de modernização? Esse entendimento pode proporcionar melhores condições para se gerir esse processo além de resgatar a história dos clubes do interior de Minas Gerais, por vezes esquecidas. Assim, deve-se considerar que um estudo com esta proposta poderá fomentar novos olhares às discussões sobre a temática do torcer.

O Brasil conta atualmente com 789 estádios de futebol espalhados por todos os cantos do país, de acordo com o Cadastro Nacional de Estádios de Futebol (CNEF) realizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em 2016. A região sudeste é a com maior quantidade, detendo 32,8% dos estádios, Minas Gerais aparece com 18% dos estádios da região⁸. Apesar de serem os estádios com maior capacidade de público aqueles que mais aparecem nas mídias, eles não evidenciam a realidade dos estádios brasileiros. Estádios como os da Copa do Mundo de 2014, com capacidade

⁸ Em valores absolutos, a região sudeste concentra 259 estádios, sendo 46 em Minas Gerais.

igual ou superior a 40 mil assentos, representam apenas 3% do total dos estádios brasileiros, de acordo com o CNEF. Em contrapartida, estádios periféricos como o Castor Cifuentes e o Farião⁹, com capacidade inferior a 10 mil presentes, representam 77,4% do total. Em Minas Gerais, 73,9% dos estádios possuem capacidade inferior a 10 mil pessoas. Tanta representatividade destes estádios menores no cenário nacional, podemos generalizar e dizer que os estádios brasileiros são modernos? De fato, não se pode negar a existência de um processo em andamento pela modernização dos estádios no Brasil, entretanto, há que se esclarecer que essa modernização não contempla os estádios brasileiros em sua totalidade. Pelo contrário.

Assim, este trabalho é fruto da busca pela compreensão dos aspectos sociais, políticos, econômicos e, sobretudo, culturais presentes na relação do torcedor com os estádios e, conseqüentemente, a sua relação com o lazer. Há tempos, notamos que a indústria do lazer e do entretenimento vem crescendo e se organizando cada vez mais, sempre reforçando a ideia do consumo. Portanto, compreender como se dá o torcer nestas circunstâncias deve ser levado em consideração pelo meio acadêmico.

1.4 Percursos metodológicos¹⁰

Este estudo configurou-se como uma pesquisa de campo, na qual “as condições de controle das variáveis modificam-se com o ambiente e interferem na resposta” (MATTOS; ROSSETO JÚNIOR e BLECHER, 2008, p. 34). Isto se deve ao fato de que os estudos de campo “procuram muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo determinadas variáveis” (GIL, 1999, p. 72). Dessa forma, o planejamento do estudo de campo pode representar uma possibilidade mais flexível, sendo até mesmo possível a reformulação de

⁹ Capacidade para 5160 e 4181 torcedores, respectivamente. Ambos localizados em Minas Gerais.

¹⁰ Este estudo passou pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG – CAAE 50835115.7.0000.5149 – e respeitou todas as normas estabelecidas pelo Conselho Nacional de Saúde envolvendo pesquisa com seres humanos.

objetivos ao longo do processo de pesquisa (GIL, 1999). Além disso, neste método “estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes” (GIL, 1999, p. 72).

Como este método proporciona a utilização de diferentes instrumentos, como: entrevistas, aplicação de questionários, testes e observação participante ou não (MORESI, 2003), optamos pela aplicação de formulários e pela observação não participante. A pesquisa de campo é comumente “realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo” (MORESI, 2003, p. 9), dessa forma, os dados foram obtidos com os torcedores presentes, dentro (observação) e fora (formulários e observação) dos estádios nos dias de jogos, para em um segundo momento serem analisados em diálogo com a bibliografia.

1.4.1 Os Instrumentos

A aplicação de formulários, instrumento essencial na investigação social foi escolhido como meio de coleta de dados por poder ser utilizado em quase todos os segmentos da sociedade, considerando que o preenchimento é realizado pelo aplicador; possibilitar através da presença do aplicador que eventuais dúvidas sobre as questões possam ser explicadas, e assim, as questões serem mais bem compreendidas; permitir a participação de um número representativo de participantes (MARCONI; LAKATOS, 2008).

Este instrumento foi composto por um cabeçalho e oito questões. Com o cabeçalho buscamos desenhar um perfil básico dos torcedores, sendo possível conhecer alguns dados dos mesmos, como cidade em que reside, renda, sexo e idade. As questões principais foram mistas, isto é, o formulário contém perguntas abertas e perguntas de múltipla escolha. Com elas buscamos verificar como os torcedores se relacionam com seu clube e com o estádio; quais impressões eles têm a cerca do que é um estádio e do que é uma arena; quais suas (possíveis) experiências em arenas; e, seu posicionamento sobre o processo de modernização dos estádios.

A observação, elemento básico da investigação científica na pesquisa de campo, foi escolhida como meio auxiliar de coleta de dados por auxiliar na

obtenção de provas a respeito de objetivos os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento; oferecer meios diretos e satisfatórios para estudar uma ampla variedade de fenômenos; permitir a coleta de dados sobre um conjunto de atitudes comportamentais típicas; evidenciar dados não constantes do roteiro de entrevistas (MARCONI; LAKATOS, 2008).

Após o término de cada jogo as observações feitas antes e durante a partida eram registradas em um caderno de campo. As anotações eram organizadas a cada dia de coleta, contendo os principais dados referentes ao mesmo. Este instrumento teve como finalidade registrar os hábitos e comportamentos dos torcedores nos dias de jogos dentro e fora do estádio.

1.4.2 Trabalho de Campo

As incursões a campo foram realizadas nos Estádios: Waldemar Teixeira de Faria (Farião) e Municipal Castor Cifuentes (Castor Cifuentes)¹¹. Estes estádios foram escolhidos para a categoria de estádios periféricos, por se tratar de estádios conhecidos no cenário mineiro; ambos com mais de 60 anos de existência (dotados da marca distintiva da tradição); e ainda com estrutura monumental similar, mas estádios que não passaram por esse processo de modernização.

Os jogos analisados foram aqueles em que o time mandante destes estádios estava jogando em casa, a saber: Farião - Guarani Esporte Clube (Guarani) e Castor Cifuentes - Villa Nova Atlético Clube (Villa Nova). A aplicação dos formulários foi realizada nas duas horas que antecederam os jogos em frente aos estádios. Foram preferencialmente abordados os torcedores que acompanham o seu time com frequência e há vários anos (essa informação foi obtida no contato inicial). As observações foram realizadas na área interna (nas arquibancadas) do estádio, durante a realização dos jogos; e, na área externa (ruas do entorno do estádio) antes dos jogos. Vale ressaltar também que todos são clubes pertencentes ao módulo I do Campeonato Mineiro de 2015 e 2016, competições nas quais os formulários foram aplicados aos torcedores. No caso do Villa Nova, também houve aplicação de formulários

¹¹ Farião e Castor Cifuentes estão situados respectivamente nas cidades de Divinópolis e Nova Lima.

na Série D do Campeonato Brasileiro de 2015, já que o mesmo disputou esta competição. No total, foram analisados 19 jogos, sendo 15 pelo Campeonato Mineiro e 4 pelo Campeonato Brasileiro série D. Destes, 12 jogos do Villa Nova e 7 do Guarani. O período de aplicação dos formulários teve início no dia 1 de Fevereiro de 2015 e término no dia 10 de Abril do ano seguinte.

O método empregado permite a utilização de amostras reduzidas, visto que “os dados são analisados em seu conteúdo psicossocial” (MARCONI; LAKATOS, 2006, p. 269). Destarte, não houve a necessidade de que este estudo atingisse um determinado percentual de público presente nos jogos, assim sendo, o maior número de pessoas possível foi buscado, sem, no entanto, se preocupar com uma meta numérica a ser atingida. Para a interpretação dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo.

1.4.3 Análise dos Dados

Após o término da coleta de dados, os formulários foram numerados sequencialmente e trabalhados junto ao caderno de campo. Para visualizar com maior clareza as temáticas recorrentes tanto nas questões abertas quanto nas anotações de campo, categorizamos estes dados. Portanto, por meio da análise de conteúdo foi possível uma melhor compreensão do fenômeno estudado. Conforme sugerido por Bardin (2011), a análise de conteúdo foi organizada em três distintas etapas: Pré-análise; exploração do material; e, tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Na fase de pré-análise ocorreu a organização em si, neste momento buscamos estratégias para operacionalizar e sistematizar as ideias para análises futuras, mesmo que de forma intuitiva. Teve como objetivos a elaboração de hipóteses e objetivos e a formulação de indicadores que fundamentaram a versão final das interpretações. A segunda fase, exploração do material, consistiu na operação de codificação dos dados, no caso desta pesquisa foi caracterizada pela tabulação dos dados, que pode ser realizada tanto manualmente quanto por *softwares* de computador. Nesse caso, optamos pelo programa de análises estatísticas *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 21 da IBM. A terceira e última fase foi a transformação dos dados brutos em formas mais claras de interpretação. Os resultados geraram

valores percentuais, gráficos e tabelas. Os quais, aliados as categorias anteriormente constituídas, propiciaram realizar algumas inferências e dar início às interpretações que permitiram alcançar os objetivos propostos nessa dissertação (BARDIN, 2011).

2 ESTÁDIOS, GLOBALIZAÇÃO E OS ESTÁDIOS PERIFÉRICOS

Este capítulo se divide em dois momentos. No primeiro, com dois subcapítulos, nos propomos a discutir os simbolismos envolvidos na relação torcedor/estádio; o futebol enquanto possibilidade de formação de identidades; o futebol enquanto um negócio lucrativo; e, o processo de modernização dos estádios e sua influência no torcer. No segundo, com quatro subcapítulos, a proposta foi descrever os estádios Municipal Castor Cifuentes e Waldemar Teixeira de Faria considerando os contextos aos quais estão inseridos, como as cidades que os abrigam e os clubes que lá mandam seus jogos. Além disso, procuramos averiguar as transformações as quais os estádios em questão foram submetidos ao longo dos anos. Por fim, buscamos apresentar e analisar os dados obtidos através do caderno de campo, apresentando ao leitor como se dá a relação dos villanovenses e bugrinos com seus respectivos estádios e clubes.

2.1 Estádios de futebol: simbolismo e desenvolvimento

O futebol é uma das grandes paixões do brasileiro, uma importante manifestação cultural através da qual o povo pode se expressar. Motivos para esse esporte ter se tornado paixão nacional não faltam: o talento “natural”¹² que o homem nacional demonstra para sua prática; e a conquista de cinco títulos mundiais pela seleção brasileira, que a torna a maior campeã de todos os tempos, contribuem na aceitação dessa ideia. Para Jocimar Daolio, o futebol é,

[...] uma maneira de o homem nacional extravasar características emocionais profundas, tais como paixão, ódio, felicidade, tristeza, prazer, dor, fidelidade, resignação, coragem, fraqueza e muitas outras. (DAOLIO, 2000, p.35)

Assim, a análise de suas práticas não deve ser realizada de forma desvinculada de todas as outras questões nacionais. Temos o futebol no nosso cotidiano. Mais do que isso, temos uma seleção de papéis que compõe nossa

¹² Cabe ressaltar que não defendo a ideia de dom natural, a menciono em função de se tratar de um pensamento do senso comum que foi construído historicamente em nossa sociedade, e que por muitos anos teve uma forte aceitação para explicar a elevada quantidade de atletas brasileiros com aptidão para o futebol.

identidade social, entre esses papéis, se destaca o de torcedor. Para muitos, o povo brasileiro é formado por mais de cem milhões de técnicos de futebol, pois quase todos se consideram aptos a escalar um time, criticar um sistema tático ou apreciar o desempenho de uma equipe (VOGEL, 1982).

Percebe-se que,

[...] as identidades nacionais são constituídas no interior das representações: os símbolos da pátria, as narrativas, a herança cultural e tudo o que possa representar o que significa pertencer ao local está descolado do real (COSTA, 2007, p.5).

Assim que, “sua representação é ponto-chave do sentimento nacional, e todos os atores envolvidos comungam da mesma ideia de nação tal como representada em sua cultura nacional” (COSTA, 2007, p.5). No Brasil, essa representação simbólica se associa diretamente ao futebol, posto que, “recebemos, do berço, o nome, a religião e o clube de futebol, que, juntamente com o sexo e o estado civil, nos acompanharão pelo mundo social em que acabamos de entrar” (VOGEL, 1982, p.77).

Assim, temos que o futebol é o esporte que mais atrai o público aos locais de realização dos jogos em nosso país, embora a média de torcedores tenha caído nos últimos anos, se comparado a de outros países. Relatório realizado pela PLURI Consultoria em 2014 apresenta o ranking mundial dos 100 clubes com maiores médias de público nos estádios na temporada 2013/2014. O levantamento leva em consideração apenas os campeonatos nacionais. Entre os 100 primeiros colocados 78 são europeus, inclusive os 13 primeiros. Ainda há entre os 13 um pertencente a segunda divisão Alemã.

Borussia Dortmund da Alemanha (média de 80.297 torcedores por jogo), Manchester United da Inglaterra (média de 75.207 torcedores por jogo) e Barcelona da Espanha (média de 72.116 torcedores por jogo) ocupam as três primeiras posições do ranking, respectivamente. Esses valores correspondem a uma taxa de ocupação dos estádios de 100, 99 e 73%, respectivamente. Entre os 100 clubes, 26 apresentam taxa média de ocupação plena, ou seja, acima de 95% da capacidade. Todos os 26 clubes são europeus. O primeiro clube brasileiro a aparecer na lista é o Cruzeiro, ocupando a 70ª posição com média de 28.911 torcedores por partida e com taxa média de ocupação do estádio de 50%. Vale lembrar que o Cruzeiro realizou campanhas vitoriosas

nos anos de 2013 e de 2014, sendo campeão brasileiro nas duas temporadas, fato que ajuda a compreender tal posição no ranking.

A presença do torcedor nos estádios é um tema recorrente em estudos de diversos autores, como: Silva (2001), Campos (2010; 2016), Souza Neto (2010), Silva (2011), Melo (2013), Alves (2013), Abrantes (2015), Alves (2015), Mascarenhas (2001), Gaffney (2008), Bale (1993) e Giulianotti (1999)¹³, pois abrange uma série de questões inerentes a nossa sociedade: controle social e espacial, formação de identidades, classe, etnia, mídia, política, etc. Assim, as mudanças ocorridas nestes locais transcendem o espaço em si e exercem influência na nação, cidade, bairro, família e no indivíduo.

O estádio pode propiciar diversas imagens, pode ser um espaço público, pode ser espaço privado, ou pode ser sua “casa”. Ele pode ser para os menos atentos/entusiasmados uma mega estrutura de concreto que se apresenta nos emaranhados de edificações das cidades ou pode ser lugar das emoções, das representações, dos símbolos, das festas e das memórias; para os mais engajados. Fato é que, no caso brasileiro particularmente, este espaço possui diversas memórias “vivas”, sentidas no âmbito coletivo e eternizadas por aqueles que fazem uso de tal templo de concreto (MASCARENHAS; OLIVEIRA, 2006b).

Para além desses signos, Gaffney e Bale contribuem para o avanço desse debate ao darem ênfase nas experiências que o estádio pode proporcionar, aliado aos diversos sentidos que estão envolvidos nesse processo. Para os autores, a experiência de um lugar sempre será composta

¹³ Para saber mais, consultar: Silva (2001) – Tua imensa torcida é bem feliz.. da relação do torcedor com o clube – tese; Campos (2010; 2016) – Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão – dissertação; As formas de uso e apropriação do estádio Mineirão após a reforma – tese; Souza Neto (2010) - A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico – dissertação; Silva (2011) - O futebol no interior de Minas Gerais: os significados do torcer pelo Esporte Clube Democrata – dissertação; Melo (2013) - O rio que corre pela aldeia: relações estabelecidas por torcedores comuns de Belo Horizonte com o torcer, com a violência e com o novo estádio Independência.- dissertação; Alves (2013) - "A lucta de titãs". A invenção da rivalidade entre Atlético e a Sociedade Sportiva Palestra Itália: 1921-1942 – dissertação; Abrantes (2015) - Quando o bar se torna estádio: um estudo acerca do torcer em bares de Belo Horizonte – dissertação; Alves (2015) - Itinerante futebol clube: a desconstrução do torcer e as relações entre os clubes e as novas torcidas – dissertação; Mascarenhas (2001) - A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul – tese; Gaffney (2008) - Temples of the earthbound Gods: stadiums in the cultural landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires – livro; Bale (1993) - Sport, space and the city – livro; e, Giulianotti (1999) - Football – livro.

de sentimento e pensamento, que para eles, constituem a essência do ser humano (GAFFNEY; BALE, 2004).

Entendendo a importância do estádio no contexto arquitetônico das cidades, Gaffney e Bale também destacam a importância visual que estes espaços representam; por sua complexidade operacional e por, em muitos casos, ser o maior aglutinador de multidões que a cidade possui. Ainda sobre as sensações visuais que o espaço oferece, eles destacam a presença de telões gigantescos elevados próximo ao teto e infra estrutura capaz de acolher milhares de torcedores; assim se constituem como gigantescos monumentos na paisagem visual da cidade (GAFFNEY; BALE, 2004).

Outra sensação abordada pelos autores é a sonora, o som constitui peça chave na experiência do estádio, sendo um componente indispensável para a significação do espaço enquanto lugar, assim que a ausência do mesmo de forma notável, remete a uma sensação de vazio no ambiente, por mais que o estádio esteja tomado por milhares de pessoas (GAFFNEY; BALE, 2004). Como destacam Gaffney e Bale, “o som é um componente vital no desenvolvimento de um senso de lugar. A ausência de uma plenitude de som pode fazer um estádio parecer vazio, embora existam dezenas de milhares de pessoas presentes.” (GAFFNEY; BALE, 2004, p. 30, tradução nossa).

O som produzido pelos milhares de torcedores se projeta para o espaço, culminando em uma construção coletiva produzida por emoções individuais. O barulho começa de maneira suave e a medida que os lances da partida ganham ares mais dramáticos e a bola segue seu caminho rumo ao gol; o barulho se eleva e pode ser percebido por todo o estádio (GAFFNEY; BALE, 2004).

Ao abordar a dimensão do toque (tato), Gaffney e Bale relativizam sobre as restrições físicas-espaciais dos estádios, dado o número acentuado de pessoas no ambiente por mais monumental que seja, comporta um número limitado de pessoas. Para os autores esse fato resultaria no enraizamento dos torcedores em seus respectivos assentos, auxiliando assim na concentração dos torcedores perante as partidas. Cabe também ressaltar que a permanência em pé permite uma maior liberdade de movimentos em gestos, comemorações, xingamentos; do que o indivíduo que permanece sentado em uma cadeira plástica (GAFFNEY; BALE, 2004). Além disso, ressalta-se a influência que o

local que o torcedor ocupa, seja sentado nas cadeiras ou em pé na arquibanca; influencia na experiência do estádio. Quanto mais confortável o local que se ocupa, maior a tendência de passividade do torcedor com o evento, assimilando-se com a ida ao teatro ou cinema a fins de entretenimento. (GAFFNEY; BALE, 2004).

Outro aspecto abordado, mesmo que de forma um pouco secundária, é o gosto, o qual se relaciona diretamente com o cheiro e compõe parte importante dos rituais de um dia de jogo. Barraquinhas de alimentos, cachorro quente, espetinhos, sanduiches, churrasco e cerveja integram parte do processo, e revigoram as forças para a partida, similar ao que acontece nas festividades de carnaval. (GAFFNEY; BALE, 2004).

Gaffney e Bale, no entanto, nos atentam que as experiências no estádio não são estritamente delimitadas por estímulos sensoriais. Entendendo que os cinco sentidos são limitados no que tange a experiência vivenciada nos estádios os autores propõem os sentidos de humor, o *timing*, ritmo, lugar e espaço (entre outros) como parte da experiência estádio. Cada um destes sentidos auxiliam no desenvolvimento das vivências individuais e coletiva do estádio (GAFFNEY; BALE, 2004).

Cada partida se torna uma experiência histórica, cada jogo é único. Documentos são produzidos por mídia impressa, televisa, rádio, etc. Após os jogos, a opinião popular é buscada e aumenta a valoração daquele que vivenciou o fato; àquele que esteve presente no estádio. Esse sentido de perpetuação histórica, bem como o de fazer parte da história é um importante componente da experiência do estádio, é através dessa perpetuação que a identidade coletiva dos torcedores são mantidas (GAFFNEY; BALE, 2004).

Destaca-se também o sentimento de pertença a uma multidão, existe um certo *status*, uma espécie de privilégio que só desfruta quem está no estádio; aqueles assistindo em casa ou no bar do outro lado da rua não compõem esse grupo. Interessante observar também como esse “gosto” por multidões se altera de acordo com o contexto, se por um lado o estádio vazio é ruim, por outro, em outros locais da vida social já não se pode dizer o mesmo, como: bancos, shoppings, hospitais (GAFFNEY; BALE, 2004).

Quase todos os sentidos estão envolvidos no estádio e se combinam com o conhecimento para formar a experiência. O estádio é um espaço ímpar,

que produz as mais variadas experiências de emoção coletiva, aguçando os mais diferentes sentidos; tão distintos e complicados como os indivíduos que o frequentam regularmente. Esse momento de vivência se mostra capaz de eximir os indivíduos de seus problemas no mundo “exterior”. É uma combinação de sentido e pensamento; e a única forma de se compreender totalmente essas sensações é através da experimentação. Porque as notícias e os fatos que ocorrem a cada partida podem ser repassados pelos meios de comunicação, as experiências não (GAFFNEY; BALE, 2004).

Cabe destaque o protagonismo dado ao estádio por Gaffney e Bale. Assim como o futebol não são apenas 22 homens correndo atrás de uma bola, o estádio é muito mais do que um espaço onde acontece uma partida de futebol, os estádios, cada um com suas peculiaridades, são templos de emoções, de experiências que marcam homens, mulheres e gerações.

A constante presença dos torcedores aos estádios e a realização de feitos históricos protagonizados pelo clube, por vezes, promove a noção identitária na torcida com relação a este espaço, sendo usual e recorrentemente tratado como a casa do torcedor. Esse sentimento acentua-se quando contextualizados à luz das rivalidades clubísticas, presentes em todas as regiões do Brasil. Pensando mais especificamente nas tensões geradas pelo estádio na construção da identidade dos torcedores quando dois (ou mais) rivais dividem (ou não) uma mesma “casa”, temos como exemplos:

No estado de Goiás, o Vila Nova FC possui seu próprio estádio, o Goiás EC não. No ano de 2015, ambos mandaram seus jogos no Serra Dourada. No estado de Ceará, Ceará SC e Fortaleza EC possuem seus próprios estádios. No entanto, no ano de 2015, no campeonato nacional ambos realizaram seus jogos na “recém” inaugurada Arena Castelão. No estado do Pará, Paysandu SC e Remo possuem seus próprios estádios. No entanto, no ano de 2015, no campeonato nacional ambos mandaram seus jogos no Mangueirão (Remo com uma frequência menor). Em Minas Gerais, Atlético e Cruzeiro não possuem seus próprios estádios. No ano de 2015, Atlético realizou seus jogos na Arena Independência e o Cruzeiro no Mineirão. No Rio Grande do Sul, Grêmio e Internacional possuem seus próprios estádios. No ano de 2015, cada um mandou seus jogos no próprio estádio.

É pertinente pensarmos nas construções e desconstruções de identidades e territorialidades que ocorrem quando estes clubes mudam o local de realização de seus jogos; independentemente dos motivos. Nos exemplos mencionados das rivalidades de Pará e Ceará, ambos os clubes possuem seu próprio estádio, no entanto, a rivalidade não impede que dividam a utilização de um terceiro (nos dois casos, estádios públicos) visando uma melhor acomodação de seus torcedores e mesmo uma maior rentabilidade financeira. No caso de Goiás, embora a situação seja parecida, existe a diferença que o Goiás não possui outra opção de mando de campo. Em Minas Gerais a situação é diferente, durante décadas Atlético e Cruzeiro compartilharam o mesmo estádio, sempre “brigando” pelo direito de chamá-lo de casa, considerando que o Mineirão é o estádio da cidade com melhores condições estruturais para abrigar equipes de tamanha expressão no cenário nacional.

No entanto, desde 2013 quando o Mineirão foi entregue para administração privada, o Atlético passou a realizar seus jogos na Arena Independência, devido a um não acordo com esta nova administração. Desde então, em raras exceções o alvinegro mandou jogos no Mineirão. Este fato contribuiu acintosamente para reforçar no torcedor cruzeirense o sentimento de que o Mineirão é realmente a casa do Cruzeiro, e o que o “outro” se retirou. No Rio Grande do Sul as coisas são ainda mais efervescentes, a rivalidade no *grenal* é tão intensa, que os clubes nunca se permitiram compartilhar um mesmo estádio, tendo desde suas origens cada um seu próprio estádio. Talvez por isso, mesmo sendo um estado que sempre está representado nas principais competições futebolísticas nacionais e sul-americanas, não possui nenhum estádio público com capacidade mínima para 10.000 pessoas. Ficando atrás de estados bem menos influentes nesse quesito.

Os estádios se configuraram ao longo dos anos no Brasil como espaços políticos “[...] O torcedor ali expressa não apenas sua paixão, mas também suas reivindicações diante da gestão do clube, bem como levanta bandeiras e manifesta suas opiniões sobre questões sociais (MASCARENHAS, 2013, p.165)”.

Em outras palavras, como espaço apropriado pelos usuários, que nem sempre querem se reduzir a meros consumidores e passivos observadores, mas participar ativamente da festa, inclusive

expressando coletivamente suas opiniões e reivindicações. O rico movimento de apropriação do estádio faz dele um elemento singular na reprodução social da cidade (MASCARENHAS, 2013, p.155).

Para hoje ser capaz de ocupar esse importante papel nas experiências coletivas e individuais, ao longo da história, o estádio traçou uma singular trajetória na nossa civilização. A Antiga Grécia e o Império Romano surgem como precursores deste processo. O Coliseu de Roma foi palco de inúmeros rituais festivos oferecidos às massas pelos seus governantes (MASCARENHAS; OLIVEIRA, 2006b).

Foi na Grécia Antiga que a prática esportiva se constituiu definitivamente na sociedade, tendo também, um papel de expansão intelectual dos indivíduos. Para os Gregos, além de benéfico à saúde, o vigor físico representava beleza e grandeza para o praticante. De um lado, para os Espartanos o esporte representava uma possibilidade educacional, de outro, para os Atenienses era possível estabelecer relações com a divindade (CERETO, 2003). Os Gregos acreditavam que parte da formação integral do homem devia ser constituída pela realização de atividades de cunho atlético e pelas ginásticas. Além de seus valores morais e pedagógicos, o esporte era meio de preparação militar para os mais jovens, em idade escolar (SIGOLI; JUNIOR, 2004).

Nas origens da civilização grega, os exercícios físicos eram realizados ao ar livre, em locais que não dispunham de condições adequadas para sua realização. Com o passar dos anos, surgiram instalações próprias para treinamento e que futuramente seriam utilizadas para a realização de competições (CHIÉS, 2006). Assim que, a importância dos esportes na civilização Greco-Romana não foi caracterizada apenas pela introdução dos Jogos Olímpicos, mas também pela construção de enormes espaços nos quais se realizava a prática esportiva, como: teatros, anfiteatros, hipódromos e estádios. Estes locais além de receberem grandes contingentes, representavam a possibilidade de práticas lúdicas para a sociedade naquele dado tempo-espaço, (CERETO, 2003).

A utilização política das atividades atléticas na Grécia Antiga abrangia, além do seu uso para a preparação militar, a promoção de um relacionamento político saudável entre as cidades estado. O estabelecimento da paz sagrada, para a realização dos Jogos Olímpicos, representava um “contrato” entre os

governos das cidades envolvidas, o que promovia um sentido de identidade e a troca cultural entre as cidades estado da Grécia Antiga (SIGOLI; JUNIOR, 2004)

O estádio de Olímpia do século VII a.C. portava todo o aparato esportivo necessário para a realização das competições esportivas, e era o mais moderno que poderia existir no período. Possuía uma pista com pouco mais de 190 metros de comprimento; entradas distintas para competidores e público; locais destinados as delegações oficiais e técnicos; e, contava com tribunas de honra para as autoridades (CERETO, 2003)¹⁴. Isto evidencia que a segregação nos estádios, seja por *status* social ou por ordem econômica, já remonta muito antes da construção dos estádios modernos.

Foi Licurgo (líder espartano), o responsável pela construção do estádio Panatenaico em Atenas no ano 380 a.C. Neste estádio os espectadores se acomodavam em colinas, ao passo que pessoas ilustres se sentavam em lugares diferenciados e melhores (CERETO, 2003). Evidencia-se aqui novamente a segregação que ocorria no interior dos estádios. No século II o rei Heródes mandou reconstruir o estádio de Panatenaico, utilizando materiais mais luxuosos, entre eles o mármore branco. Nesse “Novo Panatenaico” as arquibancadas já contavam com capacidade para 50.000 pessoas¹⁵. Neste período, este setor já era construído em um nível mais elevado quando comparado ao “campo”. Essa preocupação se baseava na necessidade de que o público pudesse visualizar o espetáculo, evidenciando, portanto, uma relação entre os espectadores e os atores envolvidos no espetáculo (CERETO, 2003). No caso de Roma, o processo se deu de maneira um pouco diferente.

Em seus primórdios os combates entre gladiadores romanos estavam inseridos em um contexto religioso, eram realizados com a premissa de manter viva a memória de pessoas importantes já falecidas. No decorrer dos anos, essa atividade foi se transformando e adquirindo uma perspectiva pública, mas nunca perdeu por completo seu viés religioso e sua relação com um passado que não deveria ser esquecido (GARRAFFONI, 2008).

¹⁴ No ano 180, após reforma, foi construída uma arquibancada no formato de ferradura, o que ampliou a capacidade do estádio de Olímpia para 60.000 espectadores (CERETO, 2003).

¹⁵ Muitos séculos depois (em 1896), Panatenaico viria se tornar palco dos primeiros Jogos Olímpicos da era moderna; após passar por novas reformas.

Nas publicações de língua inglesa do início dos anos de 1990, a relação com o visual fica bem explícita no termo *entertainment* utilizado em diferentes trabalhos. O termo *entertainment*, que significa 'diversão' ou 'aquilo que diverte' pode ser visto em alguns títulos e, em sua maioria, estabelece elos entre a arena romana e os meios de comunicação de massa atuais, inclusive no que diz respeito a divulgação em larga escala. O espetáculo público poderia ser sinônimo de ordem social e os combates eram meios de reafirmar a identidade romana assim como o futebol americano, por exemplo, remete a cultura norte-americana. No entanto, não se pode esquecer que os combates são, antes de tudo, um jogo. Está inserido em uma forma singular de relações com o mundo, com os indivíduos, conotando uma função simbólica, no caso romano, a um culto religioso (GARRAFFONI, 2008).

Diferente do que ocorria nos Jogos Gregos, os quais eram repletos de honra e disputas leais, os Jogos Romanos eram marcados por espetáculos bizarros e sangrentos, incluindo lutas com armas que se estendiam até a morte dos gladiadores, além também da presença de batalhas contra animais selvagens, como tigres e leões. Foi na era do Império Romano que os jogos atingiram seu ponto alto, e já reuniam milhares de pessoas (SIGOLI; JUNIOR, 2004).

Com a invasão dos povos bárbaros aos domínios do Império Romano, muitas cidades entraram em decadência. Aliado a isso, a igreja exerceu grande influência ao considerar as modalidades esportivas como práticas pagãs, banindo o esporte da sociedade; e, as novas práticas que surgiram como a caça e o arco e flecha, não necessitavam de locais específicos para sua realização, nem assentos fixos para os espectadores. Tudo isso colaborou para uma longa sequência de séculos sem que houvesse novas construções monumentais dedicadas ao esporte (CERETO, 2003). Só com o advento da Revolução Industrial na Inglaterra (iniciada no século XVII) voltaríamos a tratar tal tema.

De acordo com Sigoli e Junior (2004), na Inglaterra do século XIX o esporte foi utilizado como instrumento de disciplina e fortalecimento do trabalhador, objetivando a redução do número de faltas e o aumento da produção nas fábricas. Complementando essa ideia, Mascarenhas (2013) afirma que o futebol também era utilizado pelos donos de fábricas como

estratégia alienadora, por tirar o foco dos conflitos de classe, colocando os trabalhadores uns “contra” os outros nos conflitos futebolísticos; cada um defendendo a equipe da empresa para a qual trabalhava.

As fábricas que existiam no momento começaram a fomentar suas equipes, sendo estas compostas pelos próprios funcionários. A competição entre as empresas criou laços de afetividade entre o trabalhador e a fábrica, através das tensões emocionais provocadas pelos jogos. Os operários que se obtinham melhores desempenhos nas equipes recebiam benefícios, como dias de folga e outros bônus. Nas últimas décadas do século XIX, com o desenvolvimento das atividades esportivas e a implementação de ligas e campeonatos, surgiu também a figura do espectador esportivo. Dessa forma, construíram-se estádios que dessem conta de abrigar um grande número de torcedores. Em fins do século XIX, o esporte já levava multidões aos estádios (SIGOLI; JUNIOR, 2004).

Para Sigoli e Junior (2004), uma das chaves desse sucesso foi a adesão por todos os segmentos da sociedade, além de, agora, contar com o apoio da igreja e das escolas estatais. As igrejas construíram nas proximidades de seus templos campos de futebol, onde partidas eram disputadas após as cerimônias nos finais de semana; com a finalidade de atrair mais os fiéis. As escolas estatais inseriram o esporte em seus programas, sendo importantes responsáveis pela massificação da prática esportiva.

O país exportou o esporte para todo o mundo, o que caracterizou uma grande difusão cultural. Mascarenhas (2012) ressalta que, entre os anos de 1881 e 1901 milhões de pessoas deixaram a Inglaterra, levando em suas bagagens sua cultura e a (grande) convicção de fazer parte do povo mais civilizado e progressista do planeta. Nos primeiros anos do século XX, o futebol era pouco conhecido nas cidades brasileiras, sua prática de forma regular, era ainda menos comum. Neste período, tampouco havia campeonatos; os jogos eram realizados de forma amistosa em locais improvisados.

Em seus primeiros anos nas terras tupiniquins, o futebol foi bem quisto pelas elites brasileiras, valorizado com um efêmero produto inglês, uma prática proveniente da sociedade mais evoluída daquele momento. Assim que, muito mais que uma nova modalidade esportiva que começava a surgir, este esporte se valorizava pela sua conotação simbólica: representava o tão almejado, pelas

elites, rompimento do estado colonial em virtude do novo, da tão sonhada modernidade que agora se alojava. Mascarenhas (2013) ressalta que o esporte chega ao Brasil como um modismo, dotado de vieses higienistas e moralistas de distinção social.

A primeira geração de estádios erguidos no país caracterizou-se pela construção de espaços de pequeno porte (no entanto, luxuosos), localizados nas áreas mais nobres da cidade, destinados exclusivamente às elites. Pareciam teatros a céu aberto. Por sua vez, estas adjetivações nos permitem encará-los como estádios “aristocráticos” (MASCARENHAS, 2014), reflexo da onda civilizadora que se instalava no país, eis que os agentes envolvidos na sua realização, incluso os atletas, pertenciam às camadas mais economicamente favorecidas (MASCARENHAS, 2012).

A realização do campeonato Sul-Americano de 1919 no Brasil veio consolidar o afeto do povo pelo futebol, concomitante era fruto dele. A promoção do torneio gerou grande mobilização por parte, principalmente, dos cariocas que aguardavam ansiosamente pelo início dos jogos. A imprensa proporcionava ampla cobertura ao evento meses antes de sua ocorrência, a qual se daria no recém-construído estádio das Laranjeiras¹⁶, pertencente ao Fluminense. O apoio à competição foi amplo, incluía jornalistas, esportistas e o próprio ministro da fazenda, que reduziu o preço das passagens de navios e trem de modo a colaborar com a presença das delegações estrangeiras no torneio (PEREIRA, 2000).

De acordo com Leonardo Pereira (2000), o entusiasmo era de tal magnitude, que os treinos da seleção brasileira contavam com a presença de um público elevado e bem diversificado, evidenciando o interesse da população pelo campeonato. Apesar dos altos valores cobrados pelos ingressos, o que afastava uma parcela dos interessados, durante o torneio as arquibancadas e a geral do estádio constantemente se encontravam lotadas. De tal maneira, o esporte já era capaz de atrair aproximadamente 25 mil pessoas para o estádio (PEREIRA, 2000).

Com a classificação da seleção brasileira para a final, foi decretado pelo presidente da República ponto facultativo nas repartições públicas, além disso,

¹⁶ Um dos poucos da primeira geração que resistiram à ação do tempo. Embora não receba mais as partidas da equipe, continua sendo sua sede e local dos treinos.

ficou estabelecido também que as agências bancárias não funcionariam. O dia da final produziu uma mobilização ainda maior, Pereira (2000) afirma que a cidade do Rio de Janeiro “parou” para testemunhar o jogo, grande parte dos assistentes acompanhavam por frestas, em cima de árvores e/ou muros, afinal o estádio não comportava a quantidade de interessados em acompanhar o espetáculo futebolístico (PEREIRA, 2000).

A conquista do título veio sacramentar a festa que vinha sendo realizada durante todo o dia nas ruas da cidade. De acordo com Pereira (2000), durante a realização do Sul-Americano de 1919, o futebol já era capaz de causar fortes impactos nas noções de identidade e de coletividade dos indivíduos, ou seja, os torcedores se viam representados na seleção brasileira, se sentiam parte de um todo, o que despertava neles o senso patriótico. Esta representatividade se apresentou de tal forma, que alguns cronistas cariocas já descreviam o futebol como “esporte nacional” (PEREIRA, 2000).

No ensejo do esporte que se popularizava, foi inaugurado no Rio de Janeiro em 1927 o estádio de São Januário, pertencente ao Vasco da Gama. Este monumento marca a construção de grandes estádios pelo Brasil, pois se tornou o primeiro de porte, destinado as grandes massas. Não por acaso, permaneceu como maior estádio do Rio até 1950, do Brasil até 1940 e da América do Sul até 1930¹⁷. Ainda hoje é o maior estádio privado de seu estado.

Foi então a partir da década de 1930, com a sobrepujante política nacionalista de Getúlio Vargas, que se acelerou o processo de popularização do futebol no Brasil. Associado como um elemento da identidade nacional por Getúlio, logo o futebol viria a ser popularmente tido com o signo de “paixão nacional”. Essa difusão do esporte fez com que os estádios da época não fossem mais capazes de comportar o crescente público que se interessava pela assistência dos jogos. Por conseguinte, após forte intervenção pública é inaugurado em São Paulo o Estádio do Pacaembu no ano de 1940, o primeiro grande estádio estatal do Brasil.

O Pacaembu marca o início da construção da segunda geração dos templos de futebol no país, os “estádios das massas” (MASCARENHAS, 2014).

¹⁷ Sucedido em tamanho, por: Maracanã; Pacaembu; e, Centenario de Montevideu (no Uruguai), construído para a realização da primeira Copa do Mundo de futebol. Respectivamente.

Apesar do nome, o que define a nova fase não é apenas a edificação de estádios maiores e capazes de absorver grandes públicos, mas também o início das construções com financiamento estatal. No caso do Pacaembu, não se tratava apenas de um campo de futebol, mas também de instalações destinadas a outras modalidades esportivas, como atletismo e natação (incluindo uma piscina olímpica), que comporiam sua macroestrutura (MASCARENHAS, 2014).

No cenário internacional, grande parte do continente europeu se encontrava em ruínas no pós-guerra, fato que ocasionou a não realização dos Jogos Olímpicos Modernos e da Copa do Mundo de Futebol por duas edições cada. Com o retorno destes megaeventos esportivos à agenda esportiva mundial nos anos 1948 e 1950, respectivamente, o Brasil conquistou o direito de sediar a Copa do Mundo. Para tanto, foi necessário a construção de estádios que comportassem elevada quantidade de público. Foi em 1950 então, que ocorreu a inauguração do Maracanã, um grandioso e imponente símbolo do processo de popularização do esporte. A partir da década de 1950, estava em curso a eclosão de grandes estádios sendo construídos pelo Brasil.

Nas duas décadas seguintes, praticamente todas as capitais e grandes cidades brasileiras já haviam construído seus estádios gigantes, alguns destes com apoio estatal. Como exemplos de estádios públicos: Maracanã no Rio de Janeiro (1950), Mineirão em Belo Horizonte (1965), Castelão em Fortaleza (1973), Mané Garrincha em Brasília (1974). Como exemplos de estádios privados: Olímpico Monumental em Porto Alegre (1954), Morumbi em São Paulo (1960), Estádio do Arruda em Recife (1972). Desse modo, o futebol se espalhou pelo território brasileiro como meio de integração nacional e símbolo da identidade brasileira, muito além de mera modalidade esportiva. Como destaca Mascarenhas, “constitui o futebol um amplo sistema de práticas e representações sociais, uma complexa teia de sentidos e significados, com densa impregnação na paisagem urbana”. (MASCARENHAS, 2012, p.71)

Em Minas Gerais o esporte traçou caminhos singulares. Após algumas tentativas mal sucedidas de estimular a prática de exercícios físicos no cotidiano belo-horizontino, o futebol surge na capital mineira no ano de 1904. Todas as tentativas anteriores de consolidar atividades atléticas na cidade foram breves e não contavam com estrutura adequada. De modo que, quando

fundado o Sport Club Mineiro (1904), primeiro clube futebolístico de Belo Horizonte, todas as outras agremiações esportivas anteriores já haviam sucumbido (RIBEIRO, 2012).

Assim como ocorrido no Rio de Janeiro, Souza Neto (2012) destaca que o futebol também chegou a Belo Horizonte dotado de vieses aristocráticos, como forma de distinção social. Durante a realização das partidas, percebia-se a presença de um público assistente, ainda sem afeição pelos clubes e notadamente elitista. A possibilidade de uma vida social mais agitada na cidade assentia para a vivência do futebol como algo positivo, tanto na sua prática quanto na assistência. De tal forma, no começo do século XX a prática da assistência futebolística esteve notoriamente mais associada à busca da consolidação de uma nova prática social que se instalava, do que ao “torcer” para uma ou outra equipe (SOUZA NETO, 2012).

A empolgação dos *sportsmen* e *sportswomen*¹⁸ com a nova modalidade esportiva que surgia, fez com que ainda em 1904 houvesse um princípio de estruturação do futebol na cidade, permeado pela criação de uma liga de clubes baseada em modelos paulistas e cariocas, principalmente. Os primeiros clubes belo-horizontinos realizavam seus jogos em parques e lotes vagos, principalmente aqueles situados nas regiões mais centrais (RIBEIRO, 2012). Ainda de acordo com o autor, no início do século XX Belo Horizonte contava com muitos lotes vagos na região central, fato este que facilitava a ocorrência dos *matches*¹⁹.

Em meio ao surgimento das principais agremiações da cidade, como: Athletico Mineiro (1908), Yale Athletic Club (1910) e America Foot-ball Club (1912) outros esportes também alçavam seu espaço na capital, o de maior repercussão foi o turfe, que ainda no começo do século XX conseguiu alavancar a construção de um hipódromo com capacidade para até 1500 pessoas, o Prado Mineiro (RIBEIRO, 2012).

De acordo com Ribeiro (2007), a construção do hipódromo buscou atender os anseios da população local, que reivindicava por uma cidade mais desenvolvida. A edificação resultou da parceria firmada no ano de 1905, entre

¹⁸ “[...] Denominados de *sportsmen* e *sportswomen*, constituíam, na primeira década do século passado, uma minoria advinda da elite belo-horizontina, caracteristicamente jovens e apegados aos novos valores, do progresso e da modernidade”. (SOUZA NETO, 2012, p.133).

¹⁹ Estrangeirismo utilizado na época para se referir às partidas de futebol.

a sociedade anônima *Prado Mineiro* e a prefeitura de Belo Horizonte. Pelos seguintes termos, o município teria que ceder gratuitamente a área destinada à construção do Prado; estender até o local uma linha de bondes e, realizar outras melhorias estruturais. Por outro lado, caberia à companhia a edificação de toda a estrutura necessária para a realização das corridas de cavalo, incluindo as arquibancadas. Em vias, o término da construção ocorreu em meados de 1906 (RIBEIRO, 2007).

Embora o Prado tenha sido inaugurado com grande repercussão na cidade, o entusiasmo da população com o turfe não perdurou por muitos anos. Logo no começo da década de 1910 o hipódromo recebeu sua última corrida de cavalos. O espaço começou então a ser utilizado para outros fins, como alojamento militar, e uma vez por ano, recebia a exposição agropecuária. Atividades nada nobres foram realizadas nos primeiros anos desta década, haja vista o propósito inicial. A falta de interesse da população pelas corridas de cavalos ocasionou o fim da Sociedade Anônima *Prado Mineiro* por volta de 1912 (RIBEIRO, 2007).

Neste momento o futebol já ocupava papel de destaque no cotidiano da população belo-horizontina e, ainda que o antigo hipódromo houvesse sediado algumas partidas de futebol, a prática deste esporte se consumava em outros locais. Os três principais clubes da cidade (na época) possuíam seus próprios campos de futebol, curiosamente, todos na Avenida Paraopeba, atual Augusto de Lima. O Yale recebeu da prefeitura a concessão oficial do terreno, oficializada por Lei, em setembro de 1911. O America ao fundir-se com o clube *Minas Geraes* em 1913, herdou, entre outras coisas, o terreno. O Atlético também contando com o aval do prefeito da cidade conquistou oficialmente o seu campo em outubro de 1916 (RIBEIRO, 2007).

Nenhum dos três campos era dotado de uma estrutura e de uma organização que possibilitasse considera-lo como estádio, entretanto, foi um importante passo nessa direção. Os contornos que o esporte assumia na capital demandavam uma nova espacialidade para a prática, mais organizada e condizente com o papel que o futebol tomava na cidade, capaz de comportar um público maior, e com mais conforto. O crescimento do futebol era vertiginoso. A realização da Taça Bueno Brandão em 1914 colaborou para reforçar a ideia de que novos espaços precisavam ser construídos para a

realização dos *matches*. Com o fim das corridas de cavalos, o Prado Mineiro se tornou palco da disputa (RIBEIRO, 2012).

Tornou-se imprescindível a criação de uma entidade que regulasse o esporte belo-horizontino, assim, foi criada em 1915 a Liga Mineira de Sports Athleticos (LMSA). Embora a pretensão fosse gerir o esporte como um todo, naquela época o futebol já assumia os contornos de sinônimo de esporte²⁰. De tal forma, a LMSA teve como principal finalidade a organização anual de um campeonato que contemplasse os clubes de futebol da cidade, em 1915 foi realizada a primeira edição do atual campeonato mineiro de futebol (RIBEIRO, 2012). Para Souza Neto (2012), a criação do torneio anual promoveu a popularização do esporte na capital mineira. Neste período (meados da década de 1910) houve o entendimento de que algumas medidas organizacionais precisavam ser tomadas, entre elas: a cobrança de ingressos e definição de locais específicos para o público.

Crescia na cidade a quantidade de espaços destinados à prática do esporte, ou seja, os campos de futebol. Na década de 1920 mais alguns fatos notáveis sucederam, delineando os caminhos do futebol em Belo Horizonte: 1) além dos clubes já consolidados no cenário esportivo belo-horizontino, surgiu uma nova força, o *Società Sportiva Palestra Italia* (1921); 2) havia um discurso por parte da imprensa escrita da época, sobre a necessidade de se construir novos estádios, uma vez que o Prado Mineiro não era mais adequado para tal (RIBEIRO, 2012) e 3) no final da década, ainda que separados por arquibancadas e geral, estavam presentes nos estádios pessoas de distintas camadas sociais, torcendo pelo seu time (SOUZA NETO, 2012).

A década de 1920 na capital mineira foi marcada pela construção e inauguração de quatro novos estádios. O estádio do América²¹ é inaugurado em maio de 1923, com grande cobertura da imprensa da cidade. Com capacidade aproximada para 5 mil espectadores, o espaço inova em “gigantismo”²² e conforto, possui muros ao seu entorno, vestiários e banheiros, além de entradas distintas (inclusive, em diferentes ruas) para a geral e para

²⁰ Vemos hoje no Brasil, de forma recorrente, a utilização da palavra futebol como sinônimo de esporte, embora não o seja. Não se faz incomum, programas televisivos ditos “esportivos”, dedicarem quase a totalidade de seu tempo ao futebol.

²¹ Atualmente Mercado Central de Belo Horizonte.

²² Lembrando que até o presente momento (1923), o local com maior capacidade de absorção de público seguia sendo o Prado Mineiro, com abrangência para 1.500 pessoas.

arquibancadas. Em setembro de 1923, o clube Palestra Itália inaugura o seu próprio estádio²³, enxergando no empreendimento a possibilidade de firmar-se como uma das grandes forças do futebol mineiro. Inicialmente com campo e arquibancadas, o estádio inaugurou um pavilhão no ano seguinte. Com capacidade para 5 mil pessoas, o estádio do Palestra se tornou outra importante opção para realização de jogos durante o campeonato mineiro (SOUZA NETO, 2016).

Para a construção do Mercado Municipal e do centro de convenções Minascentro, a prefeitura necessitava dos terrenos onde se situavam os campos de America e Atlético. Destarte, o governo municipal propôs aos clubes a construção de novos estádios em troca dos atuais, sendo estes novos, maiores e mais modernos. Após atender a solicitação pública, em setembro de 1928 o America inaugura seu novo estádio²⁴ próximo ao Parque Municipal. Guarnecido de três lances de arquibancadas, postas lado a lado, o espaço chegou a comportar um público de 12 mil pessoas de acordo com alguns jornais impressos da época. Por outro lado, o Atlético inaugurou o estádio Antônio Carlos²⁵ em maio do ano seguinte, em um dos mais nobres bairros de Belo Horizonte, Lourdes. Com formato em U e capacidade para 15 mil pessoas, o estádio abarcava dois setores: as gerais, descobertas; e, as arquibancadas cobertas. Dessa forma, a cidade de Belo Horizonte se destacava no cenário nacional²⁶ durante a década de 1930, como importante *locus* do esporte nacional, portadora de três grandes estádios de futebol, considerando os padrões da época (SOUZA NETO, 2016).

Como já discutimos anteriormente, a década de 1940 representou um grande marco na reforma/construção de estádios de futebol pelo Brasil. Em Belo Horizonte não foi diferente. Os três principais espaços futebolísticos da cidade passaram por mudanças ao longo dos dez anos que se seguiram. O Estádio Juscelino Kubitschek (rebatizado) pertencente ao Cruzeiro Esporte Clube, teve suas obras finalizadas em julho de 1945. Substituíram as arquibancadas de madeira por novas de concreto, além de ampliar a

²³ Atualmente sede social do Cruzeiro Esporte Clube.

²⁴ Atualmente um hipermercado.

²⁵ Atualmente um *shopping*.

²⁶ Embora não nas mesmas proporções que o Rio de Janeiro, então Capital Federal, que contava com os estádios das Laranjeiras e São Januário, já abordados anteriormente.

capacidade para 15 mil pessoas. O Estádio Octacílio Negrão de Lima, de propriedade do América, passou por reformas no ano de 1948 e teve sua capacidade ampliada para receber 15 mil pessoas. Por fim, o Estádio Antônio Carlos (pertencente ao Atlético), que até o momento (início da década de 1940) figurava como o maior da cidade, recebeu algumas poucas modificações em sua estrutura (SOUZA NETO, 2016).

Ao final da década de 1940, Belo Horizonte possuía três grandes estádios em perfeitas condições para receber as partidas de futebol dos principais campeonatos nacionais. Apesar deste feito, manter tais espaços tornar-se-ia insustentável para os clubes, diante dos rumos que esporte assumiu em escala global. O Brasil conquistou o direito de sediar a Copa do Mundo em 1950, a capital mineira que despontava no cenário futebolístico tornou-se uma das sedes. Entretanto, nenhum dos seus estádios foi aprovado pela Federação Internacional de Futebol (mais conhecida como FIFA), o que demandou a construção de um novo (maior e mais moderno) equipamento na cidade. O Independência, inaugurado em junho de 1950. A presença deste novo espaço (repetindo, maior e mais moderno) culminou na inoperância dos outros três grandes estádios da cidade (SOUZA NETO, 2016).

Em suma, a construção de estádios na capital mineira esteve atrelada a um ideal de modernização da cidade. Tentativas de elevar o nome de Belo Horizonte, e conseqüentemente de Minas Gerais, para o restante do país. Para além, o próprio desenvolvimento do esporte demandou a construção (e reconstrução) destes espaços, seja pelo aprimoramento de suas instalações ou pela capacidade de absorção de público (SOUZA NETO, 2016).

Neste sentido, o estádio abriga, desde sua concepção, um valor simbólico e, especificamente no caso de Belo Horizonte, o Mineirão quando inaugurado “representava o que de mais moderno poderia existir na cidade”. (CAMPOS; AMARAL, 2013, p.45). Campos e Amaral (2013) defendem que no tocante aos estádios, ser moderno representava ser capaz de comportar um número acentuado de torcedores, sendo a modernização um fator considerável para introduzir a cidade no cenário esportivo nacional, como concorrente de São Paulo e Rio de Janeiro.

No entanto, como nos advertem Mascarenhas e Oliveira,

Após uma trajetória de constante expansão, em números e porte físico, os estádios em escala mundial vêm apresentando, nos últimos vinte anos, significativa redução de sua capacidade de público. A introdução de grandes patrocinadores e o advento da receita proveniente das transmissões dos jogos (outrora gratuitas) modificaram radicalmente a economia do futebol, na qual os ingressos nos estádios deixaram de ser a principal fonte de rendimentos dos clubes e federações. Estádios lotados tornaram-se, portanto muito menos necessários, não apenas pelo advento das novas fontes de receita, mas sobretudo por colocar em risco a própria qualidade do produto que se quer vender: os conflitos entre torcedores e a ameaça que estes podem representar à própria integridade física dos jogadores, tornados valiosos astros milionários na nova economia do futebol. (MASCARENHAS; OLIVEIRA, 2006b, p.5)

2.2 Modernização dos estádios e a influência no torcer

O processo de modernização dos estádios, que notoriamente segue marchando em escala global, não se iniciou por acaso. Houve um contexto para essas transformações, uma espécie de marco: as duas tragédias ocorridas no futebol inglês na década de 1980. A primeira delas foi no ano de 1985, na cidade de Bruxelas (Bélgica), no Heysel *stadium*. Era final da Copa dos Campeões (atual Liga dos Campeões da Europa), jogo Juventus *versus* Liverpool, entretanto, o que ficou marcado foi a violência protagonizada por torcedores *hooligans* do Liverpool contra a torcida da Juventus, dentro e fora do estádio, que resultou em 38 mortes e centenas de feridos. Os clubes ingleses foram banidos de todas as competições europeias por cinco anos e o Liverpool ganhou uma suspensão adicional de um ano.

A segunda tragédia foi no ano de 1989, era semifinal da Copa da Inglaterra entre Nottingham Forest *versus* Liverpool, o jogo estava para começar na cidade de Sheffield (Inglaterra), no estádio de Hillsborough, que a essa altura estava lotado. Milhares de torcedores do Liverpool conseguiram entrar mesmo estando sem ingresso, o que culminou no encurralamento contra o alambrado de vários torcedores que, por não ter para onde ir, caíram das arquibancadas e acabaram sendo pisoteados em meio à confusão. O episódio em questão ocasionou 96 mortes, além de deixar centenas de feridos, e ficou conhecido como a maior tragédia do futebol Inglês.

Esses eventos foram decisivos para a percepção de que alguma coisa precisava ser feita, há que se considerar que o futebol inglês em meados da

década de 1980 era considerado por um amplo público internacional como sinônimo de violência, e dotado de uma infraestrutura que a cada dia expunha mais sua precariedade (GIULIANOTTI, 2012). No começo da década de 1990, uma investigação oficial do governo Inglês sobre o acidente em Hillsborough gerou um documento, conhecido como Relatório Taylor. Este ofício sugeriu grandes transformações nos estádios da Inglaterra e que mais tarde difundiram-se pela Europa, e pelo mundo.

As principais causas apontadas para as mortes, de acordo com o documento, foram a falha do controle policial sobre o público (desorganização) e a precariedade das instalações do estádio, além do excesso de embriaguez dos torcedores²⁷. Portanto, os estádios ingleses paulatinamente erradicaram a geral (setor do estádio); passaram a adotar as cadeiras numeradas; a venda de bebida alcoólica foi proibida no interior do mesmo; câmeras de segurança começaram a ser instaladas nas arquibancadas; e os alambrados (ou qualquer outra estrutura que separasse o torcedor do campo) foram sendo removidos. Como nos advertem Mascarenhas e Oliveira,

Todos os lugares nos estádios deveriam doravante possuir cadeiras, impondo aos espectadores uma atitude inteiramente diferente, condicionada, vigiada, cerceando seus movimentos individuais e coletivos. Os movimentos corpóreos do coletivo, reagente, barulhento, vibrante e ameaçador foi aprisionado, pois não pode sobreviver no moderno "all-seated stadium". Cada pessoa no seu lugar, imóvel, e cada lugar ocupado por uma pessoa, espaço congelado (MASCARENHAS; OLIVEIRA, 2006a, p.5).

Ainda discorrendo sobre tais transformações, Gaffney e Bale cooperam com o debate, afirmando que,

The former monofunctional soccer stadium has given way to a multi-functional business facility. The first impression the visitor gets when

²⁷ O inquérito original indicava no sentido de mortes acidentais. Entretanto, em 2012 foi elaborado um novo relatório dando conta de que a polícia e serviços locais de emergência haviam adulterado o documento oficial, acusando os torcedores do Liverpool pelo ocorrido. O inquérito chegou ao fim em abril de 2016 quando um novo júri, inglês, subscreveu com a versão de que a tragédia foi ocasionada por falhas no planejamento da segurança, alegando que polícia e serviços de atendimento médico não estavam preparados para o evento, o que contribuiu para o agravamento da situação. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/noticia/2016/04/inquerito-responsabiliza-autoridades-inglesas-pela-tragedia-de-hillsborough.html>>. Acesso em 25 de maio de 2016.

visiting Old Trafford, Manchester, is that of a hypermarket rather than a 'football ground' which invites the word 'tradium' rather than 'stadium'²⁸ (GAFFNEY; BALE, 2004, p. 27).

Nesta citação, Gaffney e Bale (2004) salientam que o antigo estádio de futebol monofuncional, deu passagem a uma instalação de negócios multifuncional. Complementam ao afirmar que a primeira impressão de um visitante ao visitar Old Trafford é a de estar em um hipermercado em vez de um campo de futebol. O que deixa o espaço com aparência de "*Tradium*", ao invés de *Stadium*. *Tradium* é um neologismo forjado, derivado da palavra '*Trade*', que em português significa 'comércio'. *Stadium* por outro lado, pode ser compreendido como a tradução literal em inglês para a palavra estádio.

Dentro dessa lógica de cerceamento abordada por Mascarenhas e Oliveira (2006a), os clubes passaram a ser responsáveis por essa vigilância, sendo rigidamente punidos por confusões entre suas torcidas. Além disso, os estádios deveriam ser reformados para se tornarem mais confortáveis e seguros; um processo de modernização com elevado custo financeiro, que acarretou na elevação dos preços dos ingressos, aumentando a receita financeira dos clubes. Este ponto é considerado como um dos principais para o deslumbre da Liga Inglesa enquanto um negócio lucrativo.

Como demonstrativo dessa alta rentabilidade, Proni e Zaia ao investigar a origem da receita dos principais clubes europeus apresentam alguns dados do relatório anual da Consultoria Deloitte publicado em 2006. Na temporada 2004/05 do calendário europeu (período no qual os autores mais se debruçaram), pesquisas realizadas pela Deloitte indicaram que, entre as 20 maiores receitas dos clubes pertencentes às ligas europeias, 8 delas eram de clubes ingleses. Além disso, no período durante as temporadas de 1996/97 a 2003/04, ou seja, por 7 anos consecutivos, o Manchester United (clube inglês) ocupou o primeiro lugar da lista (PRONI; ZAIA, 2007).

Proni e Zaia ainda se utilizando dos dados da Deloitte referentes à temporada de 2004/05 nos apresentam que a renda do Manchester United

²⁸ O trecho não foi traduzido para o português para que fosse mantido o sentido atribuído pelos autores no jogo de palavras realizado entre os termos 'tradium' e 'stadium'. Dessa forma, optou-se por manter a citação em sua versão original, em inglês.

advinda do *matchday*²⁹ nesta temporada foi de € 102,5 milhões, o que correspondeu a 42% da receita anual do clube. Não é apenas para o Manchester United que o estádio se mostra como uma das principais fontes de renda, para os demais clubes³⁰ ingleses, que compunham a lista dos mais rentáveis de 2004/05, a renda do estádio correspondia em média a 1/3 da renda total dos mesmos (PRONI; ZAIA, 2007).

Com as normativas do Relatório Taylor sendo postas em prática, os clubes ingleses não estavam satisfeitos em arcar com os custos previstos para as reformas dos seus respectivos estádios; tampouco os torcedores concordavam com as modificações, alegando que assistir às partidas sentados não proporcionaria as mesmas emoções de assisti-las em pé. Em complemento, os torcedores receavam que tais transformações culminassem na elevação dos preços dos ingressos (PRONI; ZAIA, 2007).

Poucos anos depois os clubes ingleses passaram a lucrar mais do que previsto, o que atraiu olhares de clubes de países vizinhos, como: Itália, Espanha e Alemanha, e colaborou para a difusão deste modelo de arenas pela Europa. Percebeu-se que não bastava apenas construir um estádio moderno, era necessário edificar uma logística que fosse capaz de propiciar a oferta de serviços com qualidade e formatos esperados, adequados ao tamanho da demanda. Embora estejam evidentes as contribuições do Relatório Taylor para o sucesso financeiro dos clubes ingleses, não se pode deixar de considerar a existência de outros fatores que também contribuíram para essa ascensão; como exemplo as condições econômicas do país naquele momento (PRONI; ZAIA, 2007).

Nos últimos anos, outro fator que colaborou substancialmente para o aumento da lucratividade dos clubes foi a criação dos programas de sócio torcedor; além de impactar no perfil dos torcedores presentes nos estádios. Os critérios que permitem aos torcedores se tornarem sócios nos clubes europeus, atualmente (2016), são bem distintos. Os benefícios também. Os países do continente não são homogêneos, os clubes tampouco. O Bayern de Munique da Alemanha garante preferência na compra de ingressos e descontos em

²⁹ Corresponde a toda receita gerada no estádio em dias de jogos, através da venda de ingressos, cobranças pelo estacionamento, venda de alimentos, etc.

³⁰ A saber: Chelsea, Liverpool, Arsenal, Newcastle, Tottenham, Everton e Manchester City.

produtos oficiais para os seus sócios, o Benfica de Portugal garante a entrada em todos os jogos da liga nacional para os associados. Em alguns casos ser sócio torcedor na Europa pode ser mais econômico do que no Brasil. Apesar de ter modalidades distintas de programas de sócios torcedores, para a temporada 2016 o pacote mais econômico do Cruzeiro (Brasil) que garante entrada em todas as partidas da equipe em casa custa R\$ 90,00 reais mensais³¹; o Benfica de Portugal ofereceu pacotes a partir de € 50,00 (equivalente a R\$ 193,05)³² anuais para a temporada 2015/2016³³.

O futebol permanece sendo o esporte que mais atrai o público aos estádios. A empresa de Consultoria PLURI, em um de seus relatórios realizou em 2014 um levantamento com as 20 competições nacionais com maior média de público pelo mundo na temporada 2013/2014. Foi considerada apenas a principal competição nacional de cada país, excluindo-se copas e torneios continentais e intercontinentais. O Campeonato Brasileiro de futebol aparece em 15º lugar, com média de 14.951 torcedores por partida e taxa média de ocupação do estádio igual a 39%. Classificação inferior inclusive a segunda divisão Inglesa e Alemã. Os campeonatos: Alemão (média de 43.173 torcedores por partida), Inglês (média de 36.589 torcedores por partida) e Espanhol (média de 26.867 torcedores por partida) ocupam as três primeiras posições, respectivamente. Esses valores representam uma taxa média de ocupação dos estádios de 98, 98 e 78%, respectivamente. Vale lembrar que grande parte dos estádios brasileiros que passaram por reformas nos anos anteriores, já haviam sido reinaugurados como arenas.

Apesar desse cenário próspero no continente europeu, há críticas em seu entorno, como destacam Proni e Zaia,

A principal é que hoje, no Reino Unido, só uma elite afortunada consegue frequentar as arquibancadas, antes repletas de operários e trabalhadores comuns, os quais apenas têm de acompanhar seus clubes do coração nos pubs (muitos se especializaram na exibição de eventos esportivos, desde que o preço dos ingressos tornou-os inacessíveis para a maioria dos torcedores) ou em suas casas pelo

³¹ Informação obtida no site oficial do clube. Disponível em: <<https://www.sociodofutebol.com.br/crusempre/www/>>. Acesso em 21 de Maio de 2016.

³² Taxa de câmbio 3.8609 em 18 de Junho de 2016.

³³ Informação obtida no site oficial do clube. Disponível em: <<http://loja.slbenfica.pt/RedPass/tabid/1212/menuId/2/Red-Pass.aspx>>. Acesso em 25 de Agosto de 2015.

pay-per-view. Se existe a preocupação com a atual geração, que se acostumou a ir aos estádios, existe também a preocupação com a nova geração de torcedores que provavelmente verá “ao vivo” apenas um ou dois jogos inexpressivos de suas equipes ao longo de cada temporada, o que pode não ser suficiente para criar uma paixão rentável para as equipes (PRONI; ZAIA, 2007, p. 39).

Como elucidado por Giulianotti, é preciso se pensar nos impactos que essas mudanças, sobretudo as de cunho financeiro, podem acarretar na redução da frequência de alguns torcedores ao campo ou até mesmo na interrupção dessas idas, visto que agora os custos são mais elevados. Para o autor,

Na última década, um tema substancial de discussão se concentrou no impacto da nova política econômica do futebol sobre seus guardiões, os torcedores. No Reino Unido, existiram críticas persistentes quanto a esse crescimento, considerando-se que torcedores de futebol já estabelecidos (porém relativamente pobres) estavam sendo excluídos das posições de membros em seus clubes, principalmente nos maiores, sendo substituídos por novos torcedores, mais ricos. [...] A popularidade burguesa do futebol, seus crescentes laços com corporações e outras instituições comerciais, a redução da capacidade dos estádios para a criação de ingressos mais caros e o advento da transmissão televisiva em pay-per-view são quatro ingredientes chave identificados com esse processo de mercantilização (GIULIANOTTI, 2012, p. 2).

Os torcedores que frequentam os estádios têm seus comportamentos alterados em função de diferentes fatores, como: importância do jogo, perigo representado pela equipe adversária, atuação do árbitro, quantidade de público, entre outros. Esses fatores refletem na enunciação de cânticos de apoio ao clube (ou repúdio ao adversário), emoções explicitadas, fruição do espetáculo futebolístico de uma maneira geral. Acreditamos que os estádios de futebol são espaços peculiares que permitem determinadas práticas que são aceitas apenas naquele universo. Pode-se dizer que estar no estádio é ao mesmo tempo estar em casa e em local público, simultaneamente. Dessa forma, o “estar presente” nos estádios se torna uma importante prática de lazer para o torcedor. Giulianotti também endossa esse pensamento ao afirmar que “o clube pode até mudar seus jogadores, mas seu campo será sempre sua ‘casa’”. Para além, “deixar de torcer por ele ou mudar de time, passando a torcer por um rival, é impossível; torcedores tradicionais possuem um contrato cultural com seus clubes” (GIULIANOTTI, 2012, p. 15).

No entanto, conforme elucidado por Mascarenhas e Oliveira (2006b), o processo de modernização dos estádios em consonância com o “padrão FIFA” acarreta na modificação dos comportamentos dos torcedores, nesse caso, de forma mais impactante, pois não é possível prever seus desdobramentos. O que podemos perceber é que as novas arenas multiuso visam tratar o torcedor como cliente. Cliente o qual compra o espetáculo futebolístico, no conforto e segurança que as novas arenas proporcionam. Assim, temos que a relação entre capital-produto estabelecidas nas arenas multiuso transforma o futebol em coadjuvante no processo (CAMPOS; AMARAL, 2013). É preciso ter espaço economicamente produtivo. Como esclarecem Campos e Amaral,

[...] implica em diminuir a capacidade dos estádios já existentes, transformando-os em arenas multiuso, passíveis de serem usadas por qualquer público, não apenas para os interessados em futebol, afim de gerar lucro aos investidores tornando-o utilizável para além das partidas de futebol (CAMPOS; AMARAL, 2013, p.50).

Por conseguinte, as novas arenas foram projetadas no sentido de proporcionar um elevado nível de organização, contrastante com os rituais festivos e de excitação historicamente construídos pelas grandes massas. Deste modo, busca-se restringir (ou mesmo privar) os torcedores mais efusivos, ameaçando assim, a perpetuação de suas tradições. Isto é, há o intento de “converte-los” a meros assistentes da partida; consumidores do produto futebol. O torcedor que nos velhos estádios possuía multi formas de torcer, de cantar, de dançar, de beber, e de se expressar, é direcionado a torcer de forma homogênea nas arenas multifuncionais (MASCARENHAS, 2013).

Mesmo que a lógica comercial não seja uma novidade e já estivesse presente de alguma forma nos antigos estádios, nas novas arenas temos uma maior extensão destes laços comerciais. O valor dos ingressos elevou-se consideravelmente; no interior das arenas o preço dos alimentos não condiz com o valor dos produtos; e, os comportamentos que fogem ao “padrão ideal” são repreendidos. A própria arquitetura destes espaços é por si controladora, limitando a circulação das pessoas, impactando na festa das arquibancadas. O atual “modelo” é pensado para um público específico, almeja-se torcedores passivos, economicamente favorecidos, “civilizados”, e, claro, consumidores.

Pessoas que não se utilizem do estádio como meio de protesto, reivindicações, e lutas (MASCARENHAS, 2013).

A questão da elitização dos estádios não se resume a substituição de torcedores “pobres e selvagens” por outros de “maiores poderes aquisitivos e civilizados”. Impacta também no universo cultural das cidades, considerando que os estádios se constituíram ao longo de sua história, principalmente no Brasil, como espaço de formação de identidades, criação da noção de pertencimento e apropriação popular. Há que se cuidar para que isto não contribua ainda mais para fortalecer os mecanismos de exclusão já existentes nas cidades. Não podemos ignorar que o modelo anterior de estádios, de certa forma, também era exclusivo. Caracterizado como local hegemonicamente masculino de expressão e exaltação, por décadas o estádio não se mostrou receptivo para mulheres, crianças, idosos e pessoas com deficiência. O que vemos hoje, é que se por um lado a modernização (e conseqüentemente, a elitização) promete uma maior segurança para o público, por outro, limita cada vez mais sua movimentação e liberdade de expressão nas novas arenas (MASCARENHAS, 2013).

Dando enfoque a esta importante questão, Serpa (2007) nos atenta que a acessibilidade aos espaços físicos se constitui numa dimensão simbólica. Os espaços públicos convergem para si distintas identidades, fato que proporciona aos indivíduos o encontro com o “outro”, ou seja, o encontro de diferentes. Desta maneira, a acessibilidade é constituída por fatores que ultrapassam os aspectos físicos do espaço. Isto é, tornar um espaço público, verdadeiramente público (acessível a todos), é muito mais do que criar meios físicos de acesso (como ruas, avenidas, pontes, corrimões, rampas, portões); se faz necessário compreender os aspectos simbólicos que estão atrelados a este processo. Principalmente porque tais símbolos não são construções totalmente arbitrarias ou aleatórias (SERPA, 2007).

A construção das identidades ocorre a partir do reconhecimento de uma alteridade, ou seja, com um externo. Também a partir da alteridade se definem as territorialidades. Estas por sua vez, repletas de laços identitários, buscam a homogeneização do território, seja por meio de identidades territoriais ou seja por uma fronteira definidora de alteridade. Desta forma, acessibilidade e alteridade têm uma dimensão de classe evidente que interfere diretamente na

territorialização dos espaços públicos; o que caracteriza o viés hierárquico da acessibilidade a estes locais (SERPA, 2007). Ainda de acordo com o autor, são os frequentadores que “privatizam” o espaço público, erguendo barreiras simbólicas, que por vezes passam despercebidas pelos menos atentos. De tal forma, a acessibilidade passa a ser restrita e controlada de maneira simbólica. O que há é “intimidação”, “constrangimento” do outro, em locais que em tese são públicos.

Nos espaços públicos da cidade é possível perceber a existência de táticas segregacionistas que visam o controle espacial, permeadas na relação entre fatores culturais e econômicos. Estas segregações notadamente de cunho simbólico explicitam as diferenças, e distinguem grupos e classes sociais (SERPA, 2013). Ainda de acordo com o autor,

[...] A segmentação/segregação pode se dar em termos temporais – apropriação diferenciada do espaço de acordo com uma lógica temporal –, em termos espaciais – justaposição de territórios no espaço público de modo sincrônico/simultâneo – ou ainda, simultaneamente, em termos temporais e espaciais. A transversalidade, por outro lado, se impõe sob a forma de estilos de vida e comportamentos normatizados/estandardizados, que também impossibilitam as interações espaciais e a manifestação da diferença nos espaços públicos da cidade contemporânea (SERPA, 2013, p.68).

Para Mascarenhas (2014), a construção de arenas marca o início da terceira geração de estádios no Brasil. Esta história teve início em 1997, quando o Estádio Joaquim Américo Guimarães foi interdito e reformado, para, dois anos depois, ser reinaugurado com a designação de Arena da Baixada. O Atlético Paranaense (proprietário do imóvel) concretizou uma parceria com uma empresa japonesa que viabilizou a modernização de seu estádio, ficando historicamente marcado como a primeira arena de futebol no Brasil. Sua imponência monumental e formato extravagante, aliado ao discurso de modernidade e de enquadramento ao modelo europeu, propiciaram que a Arena da Baixada fosse o ponto de partida para o que viria a ser um lento, mas contínuo, processo de modernização de parte dos estádios brasileiros.

Como reflexo destas transformações, temos a extinção da “geral” na construção/reforma das novas arenas. Local este que garantia, de certa forma, a presença constante do torcedor menos favorecido economicamente, considerando o valor relativamente baixo cobrado para se adentrar neste setor

do estádio nos dias atuais. Foi então que no ano de 2007 com a escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo de futebol de 2014, que o movimento se acelerou e ganhou ainda mais adeptos. Agora, a construção/reforma de arenas multiuso deixou de ser opcional, tornou-se condicionante para receber jogos durante o torneio. Os/as clubes/cidades se sujeitaram (e ainda sujeitam) às imposições FIFA em jogos de nível internacional, pois os “torcedores-consumidores”, além de mais “comportados” consomem mais produtos no interior dos estádios (MASCARENHAS; OLIVEIRA, 2006a).

Notamos que câmeras de segurança seguem os torcedores dentro e nos arredores dos estádios, monitorando cada passo. Concomitante ao aumento do conforto e a segurança (teoricamente), há a redução do público. Exemplificando, podemos citar o fato das arquibancadas de concreto terem perdido espaço para as cadeiras numeradas: seria esse o conceito de conforto para o (novo) torcedor? Há grupos de resistências espalhados pelo Brasil que são contra e defendem a tradição, ao afirmar que as arquibancadas de concreto são melhores para torcer. Como o samba enredo de Neguinho da Beija Flor já diz, “Não quero cadeira numerada / Vou ficar na arquibancada / Prá sentir mais emoção”, não por menos este cântico soou por muitos anos como uma espécie de hino de várias torcidas pelo Brasil, embora atualmente já não disponha da mesma força.

Lançar objetos no gramado se tornou sinônimo de punição, seja para o torcedor (quando identificado), seja para o clube (quando não se identifica o torcedor), ou para ambos. Também faz parte do pacote proposto de conforto, a compra segura e tranquila de um ingresso, que assegura que as pessoas possam ser controladas, identificadas e analisadas através de um espaço particular, as cadeiras numeradas, além, é claro, de fugir das enormes filas.

Com a crescente popularização dos *Smartphones* e internet 3G nos últimos seis anos (período em que muitos estádios haviam sido fechados para reformas) a dinâmica de envolvimento do torcedor com o jogo dentro do estádio vem passando por constantes mudanças. Não é incomum nas novas arenas se deparar com pessoas fazendo *selfies*, gravando vídeos da festa feita pela torcida, enviando áudios para os amigos, acompanhando outros resultados da rodada por aplicativos no celular, conversando no *whatsapp*, enfim, fazendo qualquer outra coisa de forma simultânea. Não por acaso, é

possível se deparar com torcedores dentro dos estádios, durante as partidas, questionando: “foi gol?”. O envolvimento com a tecnologia parece estar sendo maior do que com o jogo em si, em alguns casos. Claro que não se pode ignorar que o futebol brasileiro não vive seus melhores momentos, escândalos, crises, jogadores e elencos com baixo nível técnico tem contribuído para deixar o “espetáculo menos atrativo”.

Tomando o Mineirão como exemplo, se antes o torcedor chegava com bastante antecedência ao entorno do estádio para festejar com os demais torcedores e amigos, beber cerveja e especular sobre a rodada esportiva, após a reforma isso se faz quase uma necessidade, considerando que nas ruas que compõe o entorno do estádio se tornou proibido estacionar veículos (nos primeiros anos após a reforma) e nem todos estão dispostos e/ou têm condições a arcar com os valores cobrados pelo estacionamento do estádio³⁴. Em Belo Horizonte algumas medidas vêm sendo tomadas de forma a estimular o torcedor no que se refere ao uso do transporte público, prezando pela melhoria da mobilidade urbana.

Além das linhas de ônibus que já existiam, foi criada a linha 55 MOVE Mineirão que começou a circular em novembro de 2014. Essa linha opera apenas em dias de jogos, funcionando desde 2 horas e 30 minutos antes de cada partida, até os 30 minutos que antecedem o início do jogo. Os ônibus saem da região central da cidade a cada 10 minutos e desembarcam os torcedores na porta do estádio. Além disso, contam com faixa exclusiva de trânsito durante todo o trajeto, o que garante até certo ponto maior agilidade. No entanto, cabe destaque que muitos torcedores permanecem indo em carros próprios. Alegam que o sistema público não oferece conforto nem qualidade. Inclusive, atestam que ao invés de prover um serviço de transporte público eficiente, pioraram a logística do trânsito para os motoristas que permanecem indo de carro como forma de “incentivar” a escolha pelo ônibus.

Contudo, ainda utilizando o Mineirão como exemplo, algumas questões precisam ser ponderadas. As tensões geradas pela nova lógica do torcer, de encontro às antigas, perpassam diferentes temporalidades e, são influenciadas

³⁴ Cabe ressaltar que, segundo o site da administradora do estádio (Minas Arena), embora a capacidade do estádio seja de 62.160 lugares assentados, o estacionamento comporta 2.925 veículos. Disponível em: <<http://www.minasarena.com.br/faq/>>. Acesso em mar. 2014.

por diferentes fatores. No ano de 2013, o estádio é reinaugurado como arena, e assim, dotado de uma nova lógica. Ao passo que tentam limitar antigos comportamentos dos torcedores, em prol dos novos, “mais adequados”, estes (torcedores) por sua vez resistem em manter as suas práticas, suas tradições. Atualmente (2016), percebemos o afrouxamento de algumas normas, tais como volta da venda de bebidas alcoólicas dentro do estádio; o retorno dos barraqueiros (ainda que não sejam totalmente os mesmos do Antigo Mineirão); e, a permissividade de estacionar nas ruas do estádio em dias de jogos.

Concomitante, os torcedores parecem mais propensos a aceitar algumas mudanças: as cadeiras nas arquibancadas parecem ter conquistado a empatia de muitos; e, o programa de sócios torcedores passou a ser visto por muitos como algo positivo, considerando não precisar mais lidar com as extenuantes filas as quais os torcedores se submetiam para adquirir ingressos. Destarte, o que temos hoje não são os estádios antigos com toda a liberdade de que gozavam os torcedores, como uma espécie de carnaval que perdurava ao longo do ano, tampouco o estádio passivo e comportado o qual compunha a gênese do “padrão FIFA”. Temos uma simbiose destes, um “meio termo” que vai se estabelecendo a partir dos enfrentamentos e concessões entre torcedores e gestores do futebol.

Diante todo o exposto, há que se registrar que todas as restrições/imposições abordadas neste tópico não são aceitas de forma passiva. Pelo contrário, destacamos aqui dois notáveis movimentos.

Resistência da torcida. É comum encontrar torcedores nestas arenas que assistem às partidas de pé, nas escadarias, parapeitos, ou, mesmo entre os sentados aqueles que estejam em cadeiras que não sejam as “suas” (baseado na numeração do ingresso). Parece haver um acordo velado internamente entre os torcedores, no qual há espaços em que é “permitido” continuar assistindo os jogos de pé e os locais nos quais efetivamente deve-se assistir sentado.

Resistência dos estádios. Como já abordado na introdução, há muitos estádios (a maioria, inclusive) que resistem à lógica dessa “nova modernização”, ou seja, a conversão em arenas. À margem dos grandes centros midiáticos, os estádios periféricos mantêm-se como importante *locus* do futebol para os torcedores, propiciando experiências totalmente distintas

daquelas oferecidas pelas novas arenas. Sobre tais, incidem os próximos tópicos.

Como já declarou Milton Santos,

Toda criação de objetos responde a condições sociais e técnicas presentes num dado momento histórico. Sua reprodução também obedece a condições sociais. Algumas pessoas adotam a novidade em breve espaço de tempo, enquanto outras não reúnem as condições para fazê-lo, ou preferem recusá-la, permanecendo com modelos anteriores. Se cada época cria novos modelos, o seu uso porém não é geral (SANTOS, 2014, p.68).

2.3 O Leão e o Alçapão

No ano de 1833 os ingleses davam início às negociações de compra dos terrenos onde iriam construir a *Saint John Del Rey Mining Company Limited* no local onde hoje se encontra o município de Nova Lima/MG (VILLELA, 1998; FREITAS, 2008). No ano seguinte, o diretor da companhia efetivamente transferiu a empresa de São João d'el Rey para o Arraial de Morro Velho, fator determinante para remediar a crise que se instalava em Arraial de Congonhas e promover concomitantemente o progresso no Arraial de Morro Velho (VILLELA, 1998).

A vinda do empreendimento impulsionou o crescimento de Morro Velho e de Arraial das Congonhas que, ao expandirem, se fundiram e formaram a Villa Nova de Lima (VILLELA, 1998). Pelo decreto nº 364, de 5 de fevereiro de 1891, o Arraial das Congonhas passava à condição de Vila: Villa Nova de Lima. Assim, conquistou sua emancipação e se desmembrou do município de Sabará. Algumas décadas depois, em acordo à Lei nº 843, de 7 de setembro de 1923, passou a ser conhecido como Município de Nova Lima (VILLELA, 1998; FREITAS, 2008).

Atualmente, Nova Lima é um município com uma população estimada de 89.900 moradores (IBGE, 2015); área da unidade territorial de 429,004 km²; densidade demográfica de 188,73 hab/km²; e, Índice de Desenvolvimento Humano 0,813, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2010). À distância até a capital é de 21,5km. Um de seus bairros mais tradicionais é o do Bonfim, foi o marco inicial da povoação da antiga Villa Nova de Lima (FREITAS, 2008). Atualmente, é neste bairro que podemos encontrar

o Estádio Municipal Castor Cifuentes, a casa do Villa Nova, o Villa, ou simplesmente, Leão do Bonfim.

No dia 28 de Junho de 1908 nasce oficialmente o Villa Nova *Athletic Club*. Villa Nova com dois “1” em reverência ao nome da cidade na época (FREITAS, 2008; CORNELSEN, 2012). Embora fundado essencialmente por trabalhadores ingleses da *Saint John Del Rey Mining Company*, nem só por ingleses se escreve as origens do Villa. Foi o brasileiro Álvaro Magalhães que junto ao inglês George Fellews fundaram informalmente o clube numa mesa de bar. A reunião que decretou o nascimento oficial do clube ocorreu na câmara municipal da cidade (FREITAS, 2008). O que mostra que desde suas raízes o Villa já possuía uma relação íntima com a cidade de Nova Lima.

Segundo clube mais antigo de Minas Gerais em atividade carrega consigo as cores vermelho e branco. Uma clara menção a Inglaterra, terra natal de seus fundadores. Seu mascote é o Leão, criado por Fernando Pierucetti, um famoso pintor, desenhista, cartunista, ilustrador e professor belo-horizontino, mais conhecido como Mangabeira. Fernando costumava associar animais à imagem dos clubes, àqueles cujas características se identificavam à essência das equipes. Foi responsável por eternizar a raposa ao Cruzeiro, o coelho ao América, o galo ao Atlético, e claro, o Leão ao Villa. Vale lembrar também que o Leão está presente em outros locais ímpares na construção da identidade do clube, como no escudo da seleção Inglesa de futebol, *The Three Lions*; e, no brasão da cidade de Nova Lima.

Em seus primeiros anos de existência o Villa enfrentou muitas dificuldades, todas as despesas eram custeadas pelos jogadores e os treinos eram realizados em um campo de terra pertencente à *Saint John Del Rey Mining Company*. Alguns anos depois é que a empresa passou a apoiar o clube, cedendo inclusive o terreno onde hoje está situado o Castor Cifuentes (FREITAS, 2008).

O estádio está bem próximo ao antigo matadouro da cidade, com uma vizinhança que já foi considerada perigosa durante décadas. Atrás de seus muros, após o Ribeirão dos Cristais, localizavam-se algumas poucas casas de prostituição. Desde a fundação, o Villa manda seus jogos onde atualmente está situado o Castor Cifuentes. A infraestrutura sempre foi um dos maiores problemas do local, assim se justifica o imortalizado apelido de alçapão do

Bonfim. Alguns anos após a fundação do clube, a mineradora inglesa passou a administra-lo como se fosse um anexo da empresa, fazendo com que a equipe se tornasse a primeira em Minas Gerais a adotar o profissionalismo (FREITAS, 2008).

No começo da década de 1930, o espanhol Castor Cifuentes acumulava o cargo de administrador da empresa e presidente do Villa. Valorizou tanto o clube que é considerado o responsável pela construção do elenco mais memorável da história do clube. Uma das chaves de seu sucesso era o fato de que remunerava bem os atletas, assim conseguia montar um elenco forte. O valor do presidente é tanto para a história do clube que em 1936 o estádio foi batizado com o seu nome. Embora apenas na reforma finalizada em 1989 tenha deixado de ser um campo e se tornado efetivamente um estádio (FREITAS, 2008).

Foi sob sua presidência que o Villa se tornou o primeiro campeão mineiro da Era Profissional. O sucesso foi tanto na década de 1930 que alguns ex-jogadores do clube chegaram inclusive a atuar pela seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938, como o lateral direito Zezé Procópio e o atacante Perácio, então jogadores do Botafogo. Além de remunerar bem os jogadores, Castor Cifuentes oferecia emprego na mina a eles. O presidente também estabeleceu uma norma fundamental para sucesso financeiro do clube: todos os funcionários contribuíam compulsoriamente com o clube mensalmente, em contra-partida entravam gratuitamente no estádio (FREITAS, 2008). Seria um embrião dos atuais programas de sócio torcedor?

Outro marco importante da história do clube foi à criação de sua charanga, a segunda no país (a torcida do C.R. Flamengo possuía uma). Foi fundada em 1946 por Edgard Henrique do Amparo (ex-atleta do clube) e o músico José Acácio de Assis Costa (ambos já falecidos). Nos dias de jogos, José cedia instrumentos e músicos da Corporação União Operária, onde era maestro. No início, ela não possuía fins lucrativos e saía da Vila Operária em direção ao estádio “recolhendo” os torcedores pelo caminho (FREITAS, 2008).

Freitas (2008) destaca que em meados da década de 1950 a Federação Mineira de Futebol (FMF) proibiu a entrada gratuita de sócios no estádio. Como deixaram de ter benefícios, os sócios deixaram de contribuir. A perda de uma fonte mensal garantida marcou o declínio do Villa, que até então era visto como

potência em Minas Gerais. Para esse cenário negativo, contribuiu também a mudança de administração da mina do Morro Velho, antes feita pela inglesa *Saint John Del Rey Mining Company* substituída agora pela norte-americana, porém administrada por brasileiros, Mineração Morro Velho. As transferências acionárias vinham ocorrendo desde 1957, se concretizando por completo em 1960. A busca por novas tecnologias que possibilitassem a extração de ouro fez com que a Mineração Morro Velho se associasse em 1975 à *Anglo American Corporation*, empresa sul-africana. A nova mineradora reduziu o apoio financeiro ao clube. Atualmente, a empresa chama-se AngloGold Ashanti Brasil Mineração Ltda., e é uma das patrocinadoras do Villa desde o início de 2002 (FREITAS, 2008).

A fase mais difícil da história do clube durou até 1978. Foi quando a prefeitura municipal de Nova Lima tornou oficial uma ajuda financeira que trouxe um pouco de esperança para o debilitado Villa, suprimindo um pouco do prejuízo causado pela saída da *Saint John Del Rey Mining Company* do país. A lei municipal nº 882, de 18 de novembro de 1978, regulamentou uma forma oficial de o Poder Público socorrer o Villa. A contrapartida do clube, estipulada por esta lei para receber esta ajuda vital para sua existência era simples: “bastava fazer três amistosos anuais no Estádio Castor Cifuentes, com portões abertos, contra equipes da elite do futebol mineiro” (FREITAS, 2008, p.127). Uma segunda exigência era a obrigatoriedade da manutenção das categorias de base (FREITAS, 2008). Assim, o Villa acatou a proposta e conseguiu manter-se vivo.

Pelos riscos que o estádio oferecia à segurança e a baixa qualidade de suas instalações, o Villa se viu diversas vezes obrigado a mandar os jogos no Mineirão e/ou Independência, distante de sua torcida. Fato é claro que causou certos prejuízos ao clube por não poder contar com o apoio maciço de sua torcida. Assim foi nas três participações do clube na primeira divisão do campeonato brasileiro, na segunda divisão do brasileiro em 1971 e até mesmo em algumas participações no campeonato mineiro (FREITAS, 2008).

Em 1978 a Mineração Morro Velho cedeu o estádio para o clube, que, no entanto, nunca teve condições de realizar as reformas necessárias. Em 1982 o Castor ganhou iluminação, mas as velhas arquibancadas de madeira ainda eram obstáculos para o conforto e segurança dos torcedores. No jogo

inaugural da iluminação, o Villa derrotou a equipe do Palmeiras por 2x1, em amistoso testemunhado por 10 mil torcedores. Apesar dos esforços em melhorar, a nova iluminação duraria apenas 3 anos (FREITAS, 2008).

Pedro Lúcio Barbosa, mais conhecido como Pedro Dynamite, nome emblemático na história do Villa confessou em entrevista em maio de 2007 ser o responsável por uma das brigas mais memoráveis da história do Castor Cifuentes. Briga esta que trouxe consequências para o Villa, pasmem, algumas positivas. Pedro Dynamite, então proprietário de renomada churrascaria em Nova Lima, recebia entre outros, autoridades do município de Nova Lima e mesmo jogadores do clube. Certo dia, Pedro ouviu em seu estabelecimento uma conversa de que havia um plano para se fechar o Alçapão e construir um novo estádio para o Villa. Afinal, o velho alçapão era muito criticado por parte da imprensa e “queimava o filme” da cidade. Para realizar a reforma seria necessário que o estádio fosse interditado pela FMF, já que nenhuma autoridade queria ser responsabilizada pelo fechamento. Não era um bom momento para medidas impopulares, já que se aproximavam as eleições estaduais de 1986 e as municipais de 1988. O torcedor Villanovense não aceitaria perder o estádio nem mesmo se distanciar da equipe. Pedro Dynamite, teve então uma “brilhante” ideia: provocar uma confusão generalizada no jogo que se aproximava. Então, no dia 27 de outubro de 1985, no jogo Villa x América pelo campeonato estadual, o fez (FREITAS, 2008).

Travestido de maqueiro, Pedro compôs o quadro de maqueiros daquele dia. Como já não fosse suficiente a irritação da torcida ao reclamar que o gol do América fosse irregular, Pedro contou com a sorte (até aquele momento a partida estava 1x0 a favor do clube visitante). Ao “sacanear” um jogador lesionado do América, Pedro “acidentalmente” o deixou cair logo ao sair da parte interna do campo. O fato foi visto por aqueles que estavam próximos ao banco de reservas do América. No próximo atendimento realizado ao América, Pedro ao “socorrer” o seguinte atleta, levou um chute do mesmo (este já estava atento ao comportamento estranho do “maqueiro”). Para a sorte de Pedro, Zé Eduardo, zagueiro do Villa viu quando o jogador caído chutou Pedro, e partiu para cima do agressor. Era o que Pedro precisava. Jogadores, torcedores, jornalistas e até mesmo dirigentes protagonizaram uma briga que jamais será esquecida. Foi o suficiente para que a FMF interditasse o Castor Cifuentes,

agora estava tudo pronto para o próximo passo: a desapropriação (FREITAS, 2008).

Para se construir o estádio custeado com financiamento público seria necessária a apropriação do terreno pela prefeitura, já que as obras não poderiam ser realizadas em um espaço privado. Como as autoridades não estavam dispostas a fazê-la pelos mesmos motivos os quais não interditavam o local, novamente a interdição imposta pela FMF veio a calhar. Com o estádio já interditado, sem poder realizar partidas, a prefeitura contando com o apoio do governo do estado pôde fazer a desapropriação sem que houvesse muita indignação por parte da população nova-limense (FREITAS, 2008).

Pedro foi julgado pelo Tribunal de Justiça Desportiva e punido com 120 dias da “sua função” de maqueiro, além disso, recebeu duas multas. O Alçapão do Bonfim foi demolido e no mesmo espaço foi construído o Estádio Municipal Castor Cifuentes. A última partida do velho alçapão foi àquela épica entre Villa x América. O novo alçapão, inaugurado em 1989, havia aumentado sua capacidade para 15.000 torcedores (FREITAS, 2008).

Agora as arquibancadas eram de concreto e possuía um setor exclusivo para torcida visitante, devido à antiga preocupação com a segurança. O primeiro jogo do novo alçapão foi no dia 15 de outubro de 1989, Villa 0 x 1 Guarani-SP. A mineradora do Morro Velho e a Prefeitura Municipal de Nova Lima adquiriram juntos todos os ingressos e doaram aos torcedores, assim, a capacidade máxima foi atingida neste jogo, o maior público da história do Castor, 15 mil pessoas. Com o passar dos anos, houve nova redução para 10 mil (FREITAS, 2008).

Desde o jogo de reinauguração algumas pequenas obras foram realizadas, mas nada tão intenso quanto a reforma que demoliu e reconstruiu o velho alçapão do Bonfim. Em 2007 houve a ampliação na quantidade de cabines de imprensa (FREITAS, 2008). Neste mesmo ano, em partida válida pelo campeonato mineiro, Villa Nova e Cruzeiro escreveram novas páginas na história do Castor Cifuentes. Certa tarde de fevereiro, porém, o destaque foi a briga generalizada ocorrida entre torcedores e polícia. O atraso do efetivo policial ao estádio dificultou a entrada de torcedores no campo, que por sua vez se irritaram e tentaram invadir o estádio; mesmo àqueles sem ingressos. No

intento de conter a confusão a polícia usou de força física, o que resultou em mais confusão, correria e dezenas de feridos.

A desordem se arrastou ao longo de toda a partida, que oscilava entre momentos de tranquilidade e conflitos. Tais fatos fizeram com que o então presidente do Tribunal de Justiça Desportiva de Minas Gerais (TJD-MG), Sérgio Murilo Diniz Braga, interditasse o Alçapão do Bonfim; alegando que o mesmo era incapaz de propiciar segurança para os torcedores, descumprindo o Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT). Esta medida gerou revolta em toda diretoria do clube, no então prefeito de Nova Lima, Carlos Roberto Rodrigues, e até mesmo no Governador de Minas Gerais.

Após a intervenção dos políticos mencionados e a constatação que houve falhas na intervenção da polícia, o estádio foi novamente liberado para a realização de jogos³⁵. Assim como no “golpe” de 1985, algo precisava ser feito, a atual estrutura do estádio não comportava mais a torcida villanovense; principalmente em partidas de grande apelo ao público. Houve uma intensa articulação entre a diretoria do Villa, Poder Público Municipal e Parceiros econômicos do clube no sentido de viabilizar um projeto para se construir a Arena no Leão (FREITAS, 2008). A proposta era a construção de um novo estádio, moderno, seguro, em um terreno cedido (novamente) pela AngloGold. O projeto foi concluído e possuía previsão para ser iniciado em 2008; um presente ao centenário da equipe naquele ano. Entretanto, nunca saiu do papel.

Em 2011 foram instaladas nas arquibancadas às cadeiras que pertenciam ao Mineirão e que foram retiradas para a reforma do mesmo. Considerando que a principal via de acesso para o estádio incluía passar em frente às casas de prostituição da cidade, as famílias proibiam veementemente suas filhas de frequentarem o Castor Cifuentes. Hoje, essa justificativa não cabe mais, levando em conta que a região foi completamente revitalizada. As antigas casas foram destruídas. As mulheres que lá moravam ganharam da prefeitura novas casas nos distritos mais próximos. O antigo matadouro não funciona há vários anos e um dos principais imóveis da antiga área de prostituição, atualmente é uma igreja evangélica (FREITAS, 2008).

³⁵ Concomitante à liberação do estádio, houve a redução de sua capacidade para 3.500 pessoas. Anos depois voltaria a comportar 5.160 presentes (FREITAS, 2008).

2.4 O Villanovense no Castor

Para o Castor Cifuentes foram realizadas 12 incursões a campo. Este foi o total de partidas realizadas pelo Villa em seu estádio nas temporadas 2015 e 2016³⁶, considerando os Campeonatos Mineiro e Brasileiro Série D³⁷. Foram 8 jogos em decorrência do campeonato estadual e 4 partidas válidas pelo campeonato nacional. A tabela 2.1 apresenta algumas informações referentes à presença dos torcedores no estádio:

³⁶ Além destes jogos, o Villa deteve mais três mandos de campo. No entanto, não pode realizar as partidas no Castor Cifuentes por serem jogos televisionados contra os clubes da capital. De acordo com a emissora detentora dos direitos de transmissão, o estádio não oferecia condições adequadas para a realização das filmagens. A saber: contra o Cruzeiro em 2015 (realizado em Sete Lagoas, na Arena do Jacaré), contra América e Atlético em 2016 (realizados em Belo Horizonte, no Estádio Independência e no Mineirão, respectivamente).

³⁷ O Villa disputa o Campeonato Brasileiro da série D em 2016. Entretanto, em decorrência dos prazos desta pesquisa não houve tempo hábil para a coleta. Assim, a quantidade total de jogos apresentada nesta pesquisa não inclui as partidas válidas pela Série D de 2016.

Tabela 2.1
Presença do Villanovense no Castor Cifuentes em 2015/2016

Competição	Público pagante total	Média de público	Renda bruta total (R\$)	Média de renda (R\$)
Mineiro (2015) ³⁸	2.846	569,2	38.440,00	7.688,00
Mineiro (2016) ³⁹	3.436	1.145,333	55.130,00	18.376,67
Brasileiro (2015) ⁴⁰	757	189,25	8.370,00	2.092,50
Total	7.039	586,583	101.940,00	8.495,00

Fonte: Elaborada pelos autores da dissertação.

Na competição estadual o maior público foi 2.143 na vitória contra o Tombense e o menor foi 189 na derrota para a Caldense; a melhor e pior renda também se referem a estas duas partidas respectivamente. Jogando em casa foram 4 empates, 3 vitórias e 1 derrota. Os jogos foram realizados no período de fevereiro de 2015 a março de 2016. A última vez que conseguiu avançar de fase e chegar as semifinais foi em 2013 quando foi derrotado pelo Cruzeiro por 1x0 no Mineirão.

Na competição nacional o maior público foi 363 na derrota para o Gama e o menor foi 5 na derrota para o Crac-GO; a melhor e pior renda também se referem a estas duas partidas respectivamente. Jogando em casa foram 4 derrotas, nenhum empate e nenhuma vitória. Os jogos foram realizados no

³⁸ Os dados referentes ao campeonato mineiro 2015 foram obtidos no site da Federação Mineira de Futebol – FMF. Disponível em: <<http://fmf.com.br/Competicoes/ProxJogos.aspx?d=1>>. Acesso em 26 de janeiro de 2016.

³⁹ Os dados referentes ao campeonato mineiro 2016 foram obtidos no site da Federação Mineira de Futebol – FMF. Disponível em: <<http://fmf.com.br/Competicoes/ProxJogos.aspx?d=1>>. Acesso em 04 de abril de 2016.

⁴⁰ Os dados referentes ao campeonato brasileiro 2015 foram obtidos no site da Confederação Brasileira de Futebol – CBF. Disponível em: <<http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-d/tabela/2015?fase=1033#.VqfmHIJq2I4>>. Acesso em 26 de janeiro de 2016.

período de julho a setembro de 2015. Nesta edição o Villa atingiu uma marca nada agradável, a partida contra o Crac-GO foi a com o menor público na competição; entre as 186 partidas realizadas. A última vitória jogando em casa pela competição segue sendo o 2x1 contra o Penapolense-SP no dia 03 de Agosto de 2013.

Em nenhuma das competições o clube conseguiu avançar à próxima fase, inclusive na Copa no Brasil de 2015 onde foi eliminado pelo Coritiba por 3x0 logo na estreia da competição, realizada em pleno Castor Cifuentes.

No primeiro dia de ida a campo chegamos às 13:30 horas (o jogo seria as 16 horas), mas logo percebemos que talvez não adiantaria chegar tão cedo. Até as 14:05 horas o movimento era fraco, havendo menos de 10 torcedores na porta do estádio. Chegamos a pensar que o baixo movimento fosse por decorrência da forte chuva que havia caído mais cedo, alguns dias depois descobrimos que não se tratava bem disso, apesar do céu 'avisar' que poderia vir mais chuva.

Figura 2.1 – Faixa convidativa na porta do clube do Villa



Fonte: Arquivo dos autores.

Nota – essas faixas eram espalhadas pela cidade dias antes de cada partida.

O estádio está bem centralizado no bairro Bonfim, a poucos quarteirões do centro da cidade. As ruas de seu entorno são bem estreitas, pouco convidativas à um fluxo intenso de veículos típico de um grande jogo. Duas das

três vias que cerceiam o estádio são prioritariamente residenciais, tendo um ou outro bar como comércio; inclusive, numa dessas ruas se encontra a entrada principal destinada à torcida Villanovense. O acesso à torcida visitante se faz numa rua lateral. A terceira via é uma avenida, a principal do bairro, nesta sim se encontra uma variedade de comércios, entre supermercados, padarias, lanchonetes, a igreja evangélica citada anteriormente, farmácias, e também é o trajeto dos ônibus que levam ao estádio. O estádio conta com bares, tanto para torcida da casa, quanto para a torcida visitante. Foi possível notar também a presença de ambulantes, principalmente vendendo bolinho de feijão e amendoim.

Apenas às 15 horas começaram a chegar os primeiros grupos de torcedores com 6 ou 7 integrantes. Pontualmente às 15:30 horas entramos no estádio, aparentemente não havia 100 torcedores no seu interior, também não foi possível notar a presença de torcidas organizadas. Através da conversa com alguns torcedores ainda do lado de fora e através da observação, percebemos que grande parte dos torcedores residia ali por perto e vinham a pé para o estádio. Isso também ajuda a justificar porque boa parte da torcida, que nesse dia foi de 470, chegam ao estádio tão próximo ao horário de início da partida; nos 15 minutos anteriores.

Nos 30 minutos anteriores ao início da partida o cenário que presenciávamos era de torcedores animados, muita conversa nas arquibancadas e muita expectativa sobre até onde o Villa poderia chegar nessa temporada, afinal, esta seria a estreia da equipe jogando em casa na temporada. Pairava um clima amistoso de confraternização entre conhecidos que ali estavam por uma única causa, o Villa. O Guarani entra em campo para aquecer junto à equipe de arbitragem, os torcedores do Villa mantêm sua postura. Até que o Villa entra em campo e as conversas cessam, dando espaço agora para cânticos de apoio a equipe.

Figura 2.2 – Arquibancada lateral do estádio no jogo contra o Duque de Caxias



Fonte: Arquivo dos autores.

Durante o jogo a torcida dirigia palavras de baixo calão aos próprios jogadores que não fazem uma boa atuação, e à equipe de arbitragem tachada de “ladrões”. Algo interessante de observar, foi que a torcida não parecia nada familiarizada com os jogadores, aparentemente não sabiam seus nomes. Comumente se ouvia a torcida gritando coisas como “corre 2”, “volta pra marcar 7”, “esse 11 é bom”; poucos foram os momentos em que ouvimos um jogador sendo gritado pelo nome. A exceção se fazia pelo volante, João Paulo, jogador mais antigo do atual elenco, cujo todos aparentemente sabiam o nome.

Na segunda partida pelo mineiro houve a presença de uma torcida organizada, a Pavilhão Vermelho. Estavam em aproximadamente doze integrantes, todos adolescentes. Levaram sua bateria e cantaram suas músicas em grande parte do jogo, além de utilizar uma espécie de sinalizador que liberava uma fumaça vermelha. Ocuparam a porção direita da arquibancada lateral, próximo a linha de meio de campo. Não protagonizaram nenhuma confusão, apenas contribuíram para tornar o espetáculo mais bonito. Inclusive a torcida do Villa é muito receptiva, neste dia fomos reconhecidos e abordados por alguns torcedores com os quais havíamos conversado na partida anterior. Perguntaram se estávamos conseguindo fazer as entrevistas e se eles poderiam ajudar em mais alguma coisa.

Outra coisa muito interessante que percebemos é como a rivalidade com os clubes da capital está presente na torcida do Villa até os dias de hoje, mesmo que discretamente. Apesar de alguns participantes também terem se identificado como cruzeirenses ou atleticanos, no momento das abordagens, dentro do Castor Cifuentes raramente foi possível encontrar torcedores trajando uniformes dos clubes da capital. A cada partida encontramos em média três ou quatro torcedores nessa condição. Nessa partida, mais da metade dos torcedores chegaram durante os 10 primeiros minutos de jogo.

Figura 2.3 – Portão principal para a torcida do Villa



Fonte: Arquivo dos autores.

Nota – ao fim do paredão, pintada de vermelho se encontram as bilheterias para o torcedor da casa.

O jogo contra o América foi um dos mais interessantes, do ponto de vista de pesquisador. Este jogo por ser um clássico vinha sendo ansiosamente aguardado pela torcida. Diferente de todos os outros jogos realizados pelo Villa na competição, neste, nas duas horas anteriores ao começo da partida já havia movimentação de torcedores na porta do estádio. As 15 horas os portões foram abertos para a torcida que tratou logo de entrar, o jogo estava marcado para as 16 horas. A lojinha do Villa que fica no interior do estádio da qual até então só havíamos visto a porta, estava aberta, vendendo camisas e outros *souvenirs* da equipe de Nova Lima.

Figura 2.4 – Casa cheia no jogo contra o América



Fonte: Arquivo dos autores.

Nota - no canto esquerdo superior, as cabines de TV e rádio; o prédio cinza e branco ao fundo, a igreja evangélica já mencionada anteriormente; no fundo a direita a arquibancada destinada às torcidas visitantes.

Neste jogo também foram ligadas as caixas de som do estádio, que durante a uma hora em que permaneceram ligadas (período entre a abertura dos portões e o início da partida) intercalaram entre: o hino popular do Villa, a marchinha; anúncio de patrocinadores da equipe; e, felicitações às mulheres, afinal era 8 de março. Ambas as equipes levaram faixas de exaltação as mulheres, que foram exibidas pouco antes do início do jogo. Fomos informados por um torcedor que como este jogo seria televisionado, teríamos a presença da charanga do Villa; que só aparece em jogos nestas condições. De fato ela esteve presente e tocou músicas populares ao longo de todo o jogo. Diferente das torcidas organizadas que normalmente cantam músicas que exaltam o time.

Figura 2.5 – Charanga do Villa no jogo contra o Gama



Fonte: Arquivo dos autores.

Por falar em torcidas organizadas, além da Pavilhão Vermelho, nesta partida a Pele Vermelha também esteve presente. Ambas cantaram muito, desde o momento em que os jogadores das duas equipes entraram em campo, cada um de mãos dadas com uma mulher. Além disso, o clima hostil que existe entre Villa e América fez com que ambas torcidas organizadas do Villa se unissem para entoar o som de “bicha” para o goleiro do América, sempre que este cobrava o tiro de meta. Essa prática não era recorrente nas outras partidas. Lembrando que o clube da capital é considerado o maior rival do Villa. Nesse jogo o efetivo policial foi reforçado, um número bem maior de policiais estava presente no interior do estádio quando comparado aos outros jogos.

Figura 2.6 – Homenagem às mulheres no jogo contra o América



Fonte: Arquivo dos autores.

Nota – Era possível ler na faixa branca: “Mulher Villanovense, símbolo de vida, imagem de perfeição... Perfeita dádiva do Criador”. Ao fundo faixas da Torcida Pele Vermelha e da Pavilhão Vermelho.

De forma geral, foi possível perceber algumas características constantes na torcida do Villa. Destacamos que nem todas ocorreram em todas as partidas, nem são práticas unânimes de toda a torcida, mas de grande parte dela: os primeiros torcedores chegam faltando 1h ou um pouco menos que isso para o início da partida; a grande maioria dos torcedores chegam faltando 15 minutos ou menos para o início do jogo (em alguns casos até depois do apito inicial do árbitro); poucas mulheres chegam com antecedência (e raramente desacompanhadas de algum homem); apesar de boa parte se identificar como torcedores de Cruzeiro ou Atlético, raros são os que vão com camisas dos clubes da capital para os jogos do Villa; e, boa parte dos torcedores chegam ao estádio a pé.

2.5 O Tamanduá no Farião

Foram realizadas buscas por artigos, livros, dissertações e/ou teses que tivessem o Guarani Esporte Clube como objeto de estudo. A pesquisa foi realizada nos seguintes locais: nas bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de São João Del Rey (UFSJ) e

Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG)⁴¹; no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); e, no Google *Scholar*. Foram utilizados os seguintes termos de busca: Guarani Esporte Clube, Divinópolis, Guarani, Bugre, Futebol em Divinópolis, Waldemar Teixeira de Faria, Farião.

Nenhum material foi localizado. Dessa forma, para se construir a breve síntese que se segue sobre a história do clube e de seu estádio, lançamos mão de reportagens veiculadas pelas versões digitais dos principais jornais de Divinópolis e região; reconhecendo a fragilidade acadêmica dessas informações. A saber, os jornais utilizados foram: DiviNews, Jornal Agora e Gazeta do Oeste, Últimas Notícias (Formiga), GloboEsporte.com.

Em 1890 com a chegada da estrada de ferro Oeste de Minas foi inaugurada a primeira estação ferroviária do Distrito do Espírito Santo do Itapecerica; Estação Ferroviária Henrique Galvão. A chegada da estrada de ferro permitiu a instalação de indústrias siderúrgicas de aço e ferro, ocasionando um grande desenvolvimento para a região (BARRETO, 1992). Vinte anos depois foi inaugurado o trecho ferroviário que liga a capital mineira ao distrito. Em 22 de fevereiro de 1916, foi inaugurada a nova (e atual) estação ferroviária. Este fato configura-se num marco histórico, uma espécie de rito de passagem da “vila Divinópolis” à verdadeiramente postular o recém-conquistado título de Cidade (DIVINÓPOLIS, 2012).

No brasão do município é possível identificar a figura de um lingote e de uma engrenagem que representam a atuação das siderúrgicas e a mecânica das oficinas e indústrias, respectivamente (BARRETO, 1992). Desta forma oficializaram-se os seus elementos representativos nas quais se identificam dois históricos fatores do progresso e desenvolvimento da cidade: a ferrovia e a indústria siderúrgica. Atualmente, Divinópolis é um município com uma população estimada de 230.848 moradores (IBGE, 2015); área da unidade territorial de 708,115 km²; densidade demográfica de 300,82 hab/km²; e, Índice de Desenvolvimento Humano 0,764, de acordo com o IBGE (2010). À distância até a capital é de 118 km.

⁴¹ A UFSJ e a UEMG possuem *campi* em Divinópolis, por isto foram incluídas nas buscas. Divinópolis não possui uma Universidade Federal própria.

Em decorrência da proximidade com a linha férrea e a oficina da Rede Mineira de Viação (RMV) instalada no bairro vizinho (Esplanada), o bairro Porto Velho se desenvolveu junto à ferrovia e serviu de moradia para os trabalhadores ferroviários que desembarcavam na cidade na primeira metade de século XX. Entretanto, por estar do lado oposto do Rio Itapecerica, tendo como referência o centro da cidade, a travessia foi um grande problema para o progresso do bairro até 1947⁴²; ano em que a ponte que o liga ao centro foi inaugurada. Quem necessitava ir ao Porto Velho tinha que atravessar o rio por meio de canoas ou ir até o bairro vizinho (Niterói) o qual dispunha de ponte. Atualmente, é no Porto Velho que, além de um complexo industrial de uma empresa siderúrgica, podemos encontrar o Estádio Waldemar Teixeira de Faria, a casa do Guarani, o Bugre, ou simplesmente, o Guará.

Foi no dia 20 de Setembro de 1930 que um grupo de amigos liderados por José de Oliveira Costa, resolveu fundar de forma despretensiosa um time de futebol, batizando-o de Guarani Esporte Clube. As cores do Guarani são o vermelho e branco, sua mascote é o tamanduá; criado também por Mangabeira. O animal foi escolhido por ser predador natural da formiga, nome de um de seus principais rivais⁴³. Suas principais torcidas organizadas atualmente são a Guaragolo e a Red Bugre, fundadas em 1989 e 2005, respectivamente.

Em 1936, com o surgimento da Liga Municipal de Desportos de Divinópolis (LMDD), a equipe filiou-se a entidade e entrou no campeonato da cidade (amador). Mandava seus jogos em um campo bem no centro da cidade, cercado de bambus e sem arquibancadas. Nos primeiros anos de existência foi vitorioso e despontava na conquista por títulos, o que contribuiu para consolidar a rivalidade com o Ferroviário Atlético Clube. Este por sua vez, era um time da cidade que contava com os funcionários da Rede Ferroviária Estadual, um dos mais importantes setores industriais de Divinópolis.

Nesta época, em função de suas conquistas o Guarani escreveu seu nome no futebol divinopolitano e da região centro-oeste do estado como um

⁴² Disponível em: <http://www.cidadedivinopolis.com.br/noticia/cidades/porto-velho-o-porque-do-nome-deste-importante-bairro-da-cidade/1324/>. Acesso em: 15 de mar de 2016.

⁴³ Com relação à escolha da mascote, coincidentemente ou não, vale lembrar que Divinópolis já pertenceu a Vila São Bento do Tamanduá, enquanto ainda era conhecida como Distrito do Espírito Santo do Itapecerica.

todo. Por falta de melhores condições financeiras, o Guarani permaneceu mandando seus jogos neste precário campo até 1941, quando através do loteamento deste conseguiu arrecadar fundos para construir o atual estádio no bairro Porto Velho. Durante a construção do novo estádio, a equipe se viu obrigada a encerrar temporariamente suas atividades no período que vai de 1942 até 1949, quando o estádio foi inaugurado. A partir deste momento, o bugre voltou a participar dos campeonatos promovidos pela LMDD.

Inaugurado em 1949, o Estádio Waldemar Teixeira de Faria (o Farião) já passou por várias reformas. Sua atual capacidade é para 4.181 pessoas. Considerado como o local mais importante do esporte divinopolitano, o Farião está geograficamente bem localizado, a poucos minutos do centro da cidade. Ricardo Lúcio, narrador esportivo da cidade, é um dos jornalistas que mais acompanharam (e ainda acompanha) o clube ao longo de sua história. Também foi ele o responsável por batizar o apelido de Farião. Falar o nome completo do estádio durante as transmissões esportivas não era nada prático, inspirado no Mineirão (maior estádio de Belo Horizonte), Ricardo começou a chamar o estádio de Farião (maior estádio de Divinópolis).

O espaço onde o estádio foi construído era um barranco. Waldemar Teixeira de Faria ajudou na construção retirando terra do local, e Adriano Maurício, empresário carioca que morou em Divinópolis, ajudou financeiramente. Em homenagem ao apoio concedido por Adriano, o estádio foi batizado com seu nome. Depois da década de 1950, ninguém mais ouviu falar em Adriano Maurício muito menos em sua família. Waldemar Faria além de ter sido jogador, presidente e o principal responsável pela profissionalização do clube, teve o estádio rebatizado com o seu nome, e assim permanece até os dias atuais.

O restante do barranco permanece vivo na história do Guarani com Divinópolis. O Morro da Pitimba, conhecido como “módulo III”, fornece uma visão de camarote para o campo, mas causa muita polêmica pelas casas que foram construídas de forma irregular, transformando-se em área de risco. De acordo com o Corpo de Bombeiros, as casas do Morro da Pitimba não têm condições de suportar tanto peso, mas por se tratar de propriedade privada, a fiscalização fica por conta dos próprios moradores que por vezes não dão a devida atenção às orientações.

Na inauguração da iluminação em 1954 foi realizado um amistoso do Guarani contra o Botafogo-RJ, o qual contava com a ilustre presença do ainda desconhecido Mané Garrincha. A modernização do estádio por meio da instalação da iluminação foi uma estratégia utilizada para fazer frente ao então rival Ferroviário.

Por sua estrutura muito precária, o Farião sempre foi muito criticado. Desde a década de 1980 já existia um projeto (planta arquitetônica) finalizado para a construção de novo estádio no bairro São Roque em Divinópolis com capacidade para 25 mil pessoas e 1500 vagas de estacionamento. O terreno chegou a ser cedido e loteado por empresários, mas por falta de maiores investimentos, seja empresarial ou do poder público, o estádio nunca saiu do papel.

As arquibancadas são as mesmas construídas na década de 1940 e permanecem praticamente da mesma forma, apenas tendo recebido uma nova pintura recentemente. Os Módulos I e II começaram a ser construídos no princípio da década de 1990, eram para ser provisórios já que a ideia era “fechar” o estádio no formato de uma arena; o que por questões financeiras nunca aconteceu. Os Módulos I e II foram inaugurados em 1996 e 2002, respectivamente. Em 2009 o rio que passa logo em frente transbordou, inundando e atingindo boa parte do estádio.

No ano de 2012 a prefeitura de Divinópolis apresentou ao Conselho Deliberativo do Guarani uma proposta de revitalização do estádio que incluiria: construção de dois novos módulos que elevariam a capacidade do estádio para aproximadamente 10 mil assentos; novas instalações para as cabines de imprensa; reforma dos banheiros; colocação de cadeiras nas arquibancadas; relocação dos bares em locais mais estratégicos; melhorias no estacionamento; e, urbanização da entrada do estádio para ser utilizado como espaço de lazer e eventos. Para tanto, seria necessário o Guarani ceder o estádio para o município, só assim poderia se utilizar dinheiro público para realizar tais melhorias. Essa proposta também não saiu do papel.

No ano de 2013 o Guarani mandou suas partidas pelo campeonato estadual na Arena do Calçado em Nova Serrana; aproximadamente 45 km de distância em relação à Divinópolis. Esta medida se deu pela necessidade do Guarani adaptar seu estádio as exigências do Corpo de Bombeiros, que

considerava o estádio muito precário e pouco seguro para os torcedores. Entretanto, com pouco tempo restante para o início da competição não haveria tempo hábil para realizar as reformas necessárias, nem mesmo condições financeiras para isso.

Na parceria acordada com a prefeitura de Nova Serrana, por se tratar de estádio municipal, decidiu-se que o Guarani arcaria com as despesas referentes ao estádio e receberia toda a renda da bilheteria. Por outro lado, a receita decorrente do estacionamento e da venda de produtos interna no estádio seria destinada a prefeitura local.

Em janeiro de 2014 após laudo favorável do Corpo de Bombeiros, a Federação Mineira de Futebol voltou a liberar o Farião para a realização de partidas oficiais. As principais modificações feitas no estádio foram: instalação do para-raios, correções de infiltrações, numeração de lugares nas arquibancadas (pintado) e reparação de fiação exposta. São tantos os problemas enfrentados pelo clube, que em 2015 chegou-se a agendar o leilão de seu estádio para quitar parte das dívidas tributárias do Guarani com o Estado de Minas Gerais, pouco mais de 30 mil reais. Por fim, o clube conseguiu renegociar a dívida e parcela-la, salvando seu estádio. No ano anterior o bugre já havia passado por situação muito similar, na ocasião quem ameaçava levar o Farião ao leilão era a empresa responsável pela obra do módulo II da arquibancada em 2002, que alegava não ter recebido.

Em entrevista concedida a imprensa mineira no começo de 2016, o então vice-presidente do Guarani, Vinicius Moraes, não descartou um possível acordo do clube com o a prefeitura. O acordo se daria com relação à concessão/reforma do estádio, Vinicius reconhece que o estádio ainda precisa passar por melhorias, mas afirma que a prioridade financeira do Guarani passa pelo clube como um todo, não pelo estádio. Assim, as polêmicas em torno da reforma do estádio continuam. Não podem avançar as obras pela esquerda por causa do Morro da Pitimba; não podem avançar pela direita e pela frente por causa do rio (córrego) que circunda o estádio; não podem por trás por causa da linha férrea; além do acesso em si que se faz quase que por única via de acesso.

2.6 O Bugrino no Farião

Para o Farião foram realizadas 7 incursões a campo. Todos os jogos são referentes ao Campeonato Mineiro, edições de 2015 e 2016. Vale lembrar que neste período o clube não participou de nenhuma competição a nível nacional. Em 2015 o Guarani teve um mando de campo contra o Cruzeiro enviado para Nova Serrana, a pedido da própria diretoria que alegou problemas com a iluminação do estádio. Foram 3 jogos em decorrência do campeonato estadual de 2015 e 4 partidas válidas pelo campeonato estadual de 2016. A tabela 2.2 apresenta algumas informações referentes à presença dos torcedores no estádio:

Tabela 2.2
Presença do Bugrino no Farião em 2015/2016

Competição	Público pagante total	Média de público	Renda bruta total (R\$)	Média de renda (R\$)
Mineiro (2015) ⁴⁴	5.462	1.820,666	92.350,00	30.783,33
Mineiro (2016) ⁴⁵	8.912	2.228	242.822,50	60.705,63
Total	14.374	2.053,429	335.172,50	47.881,79

Fonte: Elaborada pelos autores da dissertação.

O maior público foi 4.038 no empate contra o Atlético e o menor foi 1.062 na vitória contra a Caldense; a melhor e pior renda também se referem a estas duas partidas respectivamente. Jogando em casa foram 3 empates, 3 vitórias e 1 derrota. Os jogos foram realizados no período de fevereiro de 2015 a abril de

⁴⁴ Os dados referentes ao campeonato mineiro 2015 foram obtidos no site da Federação Mineira de Futebol – FMF. Disponível em: <<http://fmf.com.br/Competicoes/ProxJogos.aspx?d=1>>. Acesso em 26 de janeiro de 2016.

⁴⁵ Os dados referentes ao campeonato mineiro 2016 foram obtidos no site da Federação Mineira de Futebol – FMF. Disponível em: <<http://fmf.com.br/Competicoes/ProxJogos.aspx?d=1>>. Acesso em 14 de abril de 2016.

2016. Desde a divisão do Campeonato Mineiro em dois módulos no ano de 1994, o Guarani não conseguiu avançar de fase e chegar as semifinais.

Considerando os espaços destinados aos torcedores, o estádio é dividido em dois setores: arquibancada e módulo, cada um com sua própria entrada e bilheteria. Apesar de haver na construção do estádio distinção clara entre módulo I e II, na prática isso não acontece. Compra-se ingresso para a arquibancada ou módulo. Chegando pela frente, a entrada da arquibancada está de frente no canto esquerdo, ao passo que a entrada do módulo está bem centralizada. Normalmente os ingressos disponibilizados para as torcidas visitantes são sempre na arquibancada. Entretanto, os pontos de venda de alimentos e bebidas se encontram apenas do lado da torcida da casa, obrigando o visitante a “invadir” o espaço da torcida bugrina.

Assim como ocorre em outros estádios, a presença feminina aparece em reduzida quantidade. A divisão entre as torcidas é feita apenas por cordas, ambas permanecendo no mesmo espaço. No primeiro jogo em que estivemos presentes havia apenas cinco policiais fazendo esta separação. Um grande espanto que tivemos foi perceber que (aparentemente) cerca de metade dos torcedores não estavam trajando camisas do Guarani, muitos usavam camisas de Atlético ou Cruzeiro. Em algumas partidas foi possível identificar, inclusive, torcedores com camisas de times de outras localidades, como Bahia, São Paulo, Barcelona, etc.

Figura 2.7 – Fachada do Farião



Fonte: Arquivo dos autores.

Nota – circulado em vermelho, entrada principal para as arquibancadas; circulado em amarelo, entrada dos jogadores do Guarani (logo à direita, bilheteria para compra de ingressos na arquibancada); à direita bilheteria para compra de ingressos no módulo.

Na partida contra o América, antes do início do jogo a torcida visitante se mostrava mais efusiva, cantando e tocando instrumentos. No momento em que o América entra em campo para aquecer, passa a ser muito hostilizado pela torcida local, bem mais do que outras equipes que viriam a jogar no estádio nas rodadas seguintes. Detectamos poucas pessoas assistindo aos jogos desacompanhadas, a grande maioria assistia às partidas sempre em duplas, trios ou grupos. Duas horas antes do início da partida já era grande o movimento na porta do estádio, mas considerando que se tratava de um jogo contra um dos clubes da capital, este poderia ser um comportamento atípico.

Cerca de vinte e cinco minutos antes do início da partida o módulo já contava com grande ocupação. Os torcedores que ficam nas arquibancadas (diferente do módulo) contam apenas com um banheiro masculino e um feminino, o que pode ser problemático considerando que a capacidade deste setor é próximo a 2 mil pessoas. Também foi perceptível um grande número de homens/senhores com radinho na mão, inclusive alguns rádios eram grandes. Ironicamente, apesar de permitido entrar com rádios de pilha, o torcedor é proibido de entrar no estádio portando garrafas plásticas de água. O placar do

jogo é manual, além do quê não há um relógio pelo qual o público possa acompanhar o tempo de jogo.

Figura 2.8 – Torcedor acompanhando o jogo pelo rádio



Fonte: Arquivo dos autores.

Ainda no jogo contra o América, às 16:35 horas a Red Bugre entra para o estádio, ocupando a quina do escanteio no lado esquerdo de quem entra no estádio. Às 16:40 é a vez da Guaragolo entrar e ocupar o espaço atrás do gol esquerdo. Embora não entrem em campo propriamente dito, ambas torcidas já estavam se “preparando” para o jogo na porta do estádio com duas horas de antecedência ao início do jogo. Entenda-se por preparação: bater papo, tocar os instrumentos, comer churrasco e tomar cerveja.

Aparentemente as duas organizadas do Guarani se respeitam, não foi registrado nenhum tipo de confusão entre elas em nenhuma das partidas analisadas. Algo bem diferente do que presenciamos com grande parte das ditas “grandes” equipes brasileiras que possuem organizadas que brigam entre si. Como exemplo, temos no Cruzeiro a Máfia Azul, que não possui um bom

relacionamento com a Pavilhão Independente. O irônico é que apesar de haver exemplos negativos dentro de um mesmo clube, a Guaragolo que é formada por torcedores ligados às organizadas do Cruzeiro e a Red Bugre formada por torcedores ligados às organizadas do Atlético; convivem em paz em prol do seu bem comum, o Guarani.

Figura 2.9 – Guaragolo e Red Bugre lado a lado



Fonte: Arquivo dos autores.

Nos jogos contra equipes do interior que compareceram aos jogos no Farião com suas organizadas, outro fator chamou atenção: um dos integrantes da Guaragolo, em determinado momento durante os jogos, levava uma das bandeiras de sua torcida para ser temporariamente trocada com a organizada da outra equipe; um gesto que indica uma relação pacífica entre elas. No início do jogo contra o América, a torcida acompanhava atentamente sentada, por volta dos 10 minutos a grande maioria já estava de pé, e assim permaneceu até o fim. Importante destacar que essa prática varia de acordo com os jogos, diferenciando-se nos jogos com menor ou maior importância.

Outra prática comum foi uma grande parte dos torcedores atentos às notícias dos jogos de Cruzeiro e/ou Atlético que grande parte das vezes jogavam nos mesmos dias/horários do bugre. Não é a toa que dentro do estádio há venda de camisas oficiais do Cruzeiro e Atlético. A prática de *selfie* ou mesmo tirar fotos do campo não é muito comum no Farião, tendo sido presenciada pelos pesquisadores em poucas oportunidades. Apesar da má

fase da equipe em 2015 a torcida continuou comparecendo em bom número, inclusive por vezes foi comum enfrentar fila para entrar no estádio. A mudança de preço nos ingressos foi constante nos jogos do Guarani.

Figura 2.10 – Arquibancada lateral



Fonte: Arquivo dos autores.

Nota - no canto esquerdo inferior, circulado em vermelho, é possível perceber a marcação numérica dos lugares na arquibancada. Ao fundo, no final do gramado, o portão vermelho é a entrada da torcida visitante.

No dia 29 de Março de 2015, o Guarani conquistou sua primeira vitória, jogando contra a equipe do Tupi. A festa feita pela torcida foi tremenda. No jogo contra o Atlético pelo Mineiro de 2016, foi possível identificar algumas peculiaridades decorrentes de ser um jogo contra um dos clubes que mais move massas na capital, como filas imensas para entrar; o esgotamento de todos os ingressos; a movimentação de torcedores na porta do estádio muito grande por parte das duas torcidas nas duas horas antecedentes ao jogo; policiamento reforçado; e, torcedores do Atlético (trajando camisas) no meio da torcida destinada ao Guarani.

Por questão de demanda, não houve divisão das torcidas nesta partida, entretanto, as torcidas organizadas do Atlético ficaram restritas ao espaço normalmente destinado às torcidas visitantes. A divisão dos “setores” foi feita

com cordas, como de costume, mas considerando que o espaço destinado aos visitantes não conta com banheiros, nem com lanchonetes, era comum ver alguns torcedores da principal organizada do Atlético circulando em meio à torcida do bugre.

Figura 2.11 – Módulo cheio no jogo contra o Atlético



Fonte: Arquivo dos autores.

No jogo contra o URT em Março de 2016, um fato nos chamou muita atenção. É bastante comum encontrar torcedores que gostam/torcem/apoiam o Guarani, mas que também tenham o “seu clube na capital”. Entretanto, nesse dia ao abordar uma pessoa que circulava em frente ao estádio e questioná-lo se torcia pelo Guarani, fomos surpreendidos com a seguinte resposta: “Eu? Torcer pra esse time que só suja o nome da cidade? Time que só joga três meses? Eu não, de jeito nenhum...(e saiu andando)”. Importante deixar claro que este era um morador da cidade, nascido e criado lá e que acima de tudo se declarou “amante do futebol”.

Definitivamente foi um caso a parte, mas foi tão impactante que não poderíamos deixar de trazê-lo à tona, pois há que se pensar na forma como a não participação do Guarani em torneios nacionais impacta na relação do

torcedor com o clube e se manifesta nas suas práticas enquanto torcedor. Nessa história uma coisa é fato, na maioria das temporadas o Guarani só disputa jogos oficiais em um período de três meses, ao passo que os clubes da capital têm o calendário preenchido ao longo de todo o ano.

Figura 2.12 – Trem passando nos fundos do Farião



Fonte: Arquivo dos autores.

Nota – De acordo com alguns torcedores mais supersticiosos, se o trem passa no sentido da direita indica vitória do bugre, se passa para a esquerda é derrota. Nesse dia o trem passou para a direita e o Guarani saiu vitorioso. Além disso, é possível ver o placar manual em vermelho.

Neste mesmo jogo percebemos uma situação inusitada, ao que parece recorrente: um integrante da comissão técnica do Guarani abordou um torcedor muito humilde (aparentemente já se conheciam) e de forma bem discreta (chamando-o em um canto e falando bem baixo) o convidou para ser gandula no jogo, assim ele poderia assistir o jogo sem precisar pagar pelo ingresso. Em alguns jogos percebemos uma repórter indo ao módulo, antes e no intervalo das partidas para entrevistar os torcedores; na arquibancada não vimos esse movimento em nenhuma ocasião.

Talvez o momento mais emblemático de todo o trabalho de campo tenha sido o último dia, não por ser o último, não por ser o Guarani, mas pelo seu desfecho. O jogo era Guarani *versus*, ironicamente, Villa Nova. Último jogo da fase de grupos do campeonato mineiro 2016, para o bugre valia a permanência no módulo I do estadual, para os villanovenses a chance de novamente chegar as semi finais. Aos 24 minutos do segundo tempo, Felipe Cordeiro anota o

segundo gol do Guarani, colocando a equipe novamente à frente no marcador⁴⁶.

A torcida da casa vibrava de alegria, embora ciente que, àquela altura, este resultado ainda não era o suficiente para salvar o bugre. Uma combinação de resultados impedia que este objetivo fosse alcançado: o Atlético perdia para o Tricordiano em pleno Estádio Independência; a Tombense vencia a equipe do Uberlândia em Tombos; e, o Cruzeiro vencia o Boa Esporte em Varginha. Tudo conspirava contra a equipe divonopolitana. Eis que por volta dos 30 minutos anunciou-se o empate do Uberlândia. A festa que tomou conta das arquibancadas foi maior do que àquela feita no segundo gol da própria equipe, mas duraria pouco.

Figura 2.13 – Morro da Pitimba



Fonte: Arquivo dos autores.

Nota – O Morro estava mais cheio que o comum neste dia, mas em todos os jogos é possível identificar torcedores nas casas.

Alguns instantes depois, alguns torcedores “argumentavam” (aos gritos e xingamentos) que na transmissão televisiva e nos principais sites de tempo

⁴⁶ Até este momento a partida estava empatada em 1x1.

real⁴⁷ esse gol do Uberlândia não havia sido anunciado, portanto, seria falso. Entretanto as rádios locais também anunciaram o tal gol. A confusão se instalou, via-se de tudo: torcedores discutindo fervorosamente entre si, pois todos julgavam-se como certos; parte da torcida dizendo que não houve gol; parte da torcida ainda comemorando o gol do Uberlândia; até os próprios membros da diretoria que se encontravam nas tribunas de rádio não sabiam no quê acreditar.

Aproximando-se mais o final do jogo, notamos que o foco da torcida não era mais o jogo em si, era descobrir a verdade sobre o que estava acontecendo no jogo em Tombos. Enfim, alguém conseguiu entrar em contato com uma pessoa que assistia à partida pessoalmente, dessa forma veio a triste notícia: o jogo estava empatado. Não teve jeito. Após o apito final do árbitro em Divinópolis a comoção foi geral, àquela torcida que por vezes festejou e fez muito barulho, naquele momento se calou.

Todos queriam dizer algo, mas não sabiam como ou o quê dizer num momento como esse. Com a saída dos jogadores de campo vieram algumas vaias isoladas, também alguns aplausos, mais isolados ainda. Em campo apenas um jogador permaneceu, o lateral esquerdo Iago, sendo entrevistado aos prantos pela imprensa local. A torcida acompanhava atentamente à entrevista, não que fosse possível ouvir de tão distante, mas naquele momento em que ninguém sabia o que dizer, o que mais poderia se fazer a não ser tentar ouvir e entender o que estava acontecendo com o Guarani?

No final da entrevista, Iago saiu chorando de campo, aplaudido por boa parte da torcida que o considerou como “o único jogador que estava sofrendo com a queda”. Em seguida os torcedores saíram do estádio, um a um, cabisbaixos, lamentando ainda resultados de jogos anteriores: “aquela bola que não entrou contra o Boa hein!?”, “aquele chute na trave contra o URT”, “aquele pênalti pra fora”. As luzes se apagaram no Farião, e assim permanecerão por um bom tempo.

⁴⁷ Foi possível perceber alguns torcedores acompanhando o jogo do Atlético pela televisão em seus *smartphones*. Além disso, muitos outros acompanhavam os jogos de Atlético, Cruzeiro e Tombense por sites que oferecem o serviço de Tempo Real. Este serviço consiste na postagem minuto a minuto dos principais lances de determinado jogo, informando sobre a ocorrência de faltas, escanteios, cartões aplicados, e claro, os gols do jogo.

3 PERFIL E OPINIÃO DOS TORCEDORES

Este capítulo conta com 03 subcapítulos e teve como finalidade apresentar e discutir os dados coletados por meio da observação não participante e dos formulários. Estes por sua vez, foram dirigidos aos torcedores do Guarani e do Villa Nova presentes na portaria principal dos estádios Waldemar Teixeira de Faria (Farião) e Castor Cifuentes, respectivamente. O instrumento foi aplicado em dias de jogos, no período correspondente entre as duas horas e os trinta minutos que antecederam o início dos jogos analisados. Reiteramos que utilizamos apenas um modelo de formulário nesta pesquisa, ou seja, todos os torcedores responderam às mesmas perguntas. À exceção se fez pela questão número oito, em que, dependendo da resposta dos torcedores, encerrava-se o formulário ou prosseguia-se para as subquestões (8.1, 8.2, e, 8.3).

Dando seguimento, no primeiro subcapítulo - “Perfil dos torcedores e identidade” – objetivamos apresentar um perfil geral dos torcedores participantes, além de analisar os fatores subjetivos que endossam a relação afetiva dos torcedores com os clubes, dando ênfase nas questões relacionadas à cidade e à família. No segundo - “Da relação com o clube e com o estádio” – centramos nos meios utilizados pelos torcedores para se relacionar com o clube e com o estádio. Por fim, no terceiro - “Estádios *versus* Arenas” – o cerne da discussão está na concepção dos participantes em relação às diferenças e semelhanças percebidas entre estádios e arenas, além da opinião sobre tais espaços.

Para a exibição dos resultados, utilizamos as seguintes estratégias: 1) os resultados obtidos em cada questão/subquestão fechada (inclusive o cabeçalho) foram comparados em dois distintos grupos: TG – Torcedores do Guarani e TV – Torcedores do Villa. 2) nas questões em que agrupar os resultados de TG e TV não resultou em prejuízo na análise, optamos por apresentá-los através de tabelas. Assim sendo, as tabelas apresentam os resultados gerais obtidos, não diferenciando os torcedores pelos seus clubes - TGV – Torcedores de Guarani e Villa. 3) para as questões em que encontramos diferenças pertinentes nos resultados, além da tabela para o TGV, incluímos dois gráficos: representando os TG e TV, respectivamente. Nas

questões abertas, os torcedores eram incentivados a falar livremente, apontando tantos elementos quanto fossem necessários. As categorizações das respostas estão apresentadas em ordem decrescente de frequência.

Foram realizadas 19 incursões a campo. Os jogos são referentes aos Campeonatos Mineiros de 2015 e 2016, e ao Campeonato Brasileiro da Série D de 2015. Foram 15 partidas em decorrência do campeonato estadual e 4 válidas pelo campeonato nacional, 12 jogos do Villa e 7 do Guarani. A tabela 3.1 apresenta algumas informações referentes à presença dos torcedores nos jogos/estádios analisados:

Tabela 3.1

Presença dos Bugrinos e Villanovenses nos seus respectivos estádios em 2015/2016

Competição	Público pagante total	Média de público	Renda bruta total (R\$)	Média de renda (R\$)
Mineiro (2015)	8.308	1.038,5	130.790,00	16.348,75
Mineiro (2016)	12.348	1.764	297.952,50	42.564,64
Brasileiro (2015)	757	189,25	8.370,00	2.092,50
Total	21.413	1.127	437.112,50	23.005,92

Fonte: Elaborada pelos autores da dissertação.

O maior público presenciado foi de 4.038 pagantes no empate entre Guarani e Atlético (2016), e o menor foi de 5 pagantes na derrota do Villa para o Crac-GO (2015); a melhor e pior renda também se referem a estas duas partidas respectivamente. Jogando em casa foram 7 empates, 6 vitórias e 6 derrotas. Os jogos foram realizados no período de fevereiro de 2015 a abril de 2016.

3.1 Perfil dos torcedores e identidade

Participaram da pesquisa 107 torcedores, sendo 49 TG e 58 TV. Ademais foram 102 indivíduos do sexo masculino e 5 do sexo feminino; todas as torcedoras são Villanovenses. A tabela 3.2 apresenta a distribuição dos participantes por faixa etária:

Tabela 3.2
Faixa etária dos participantes

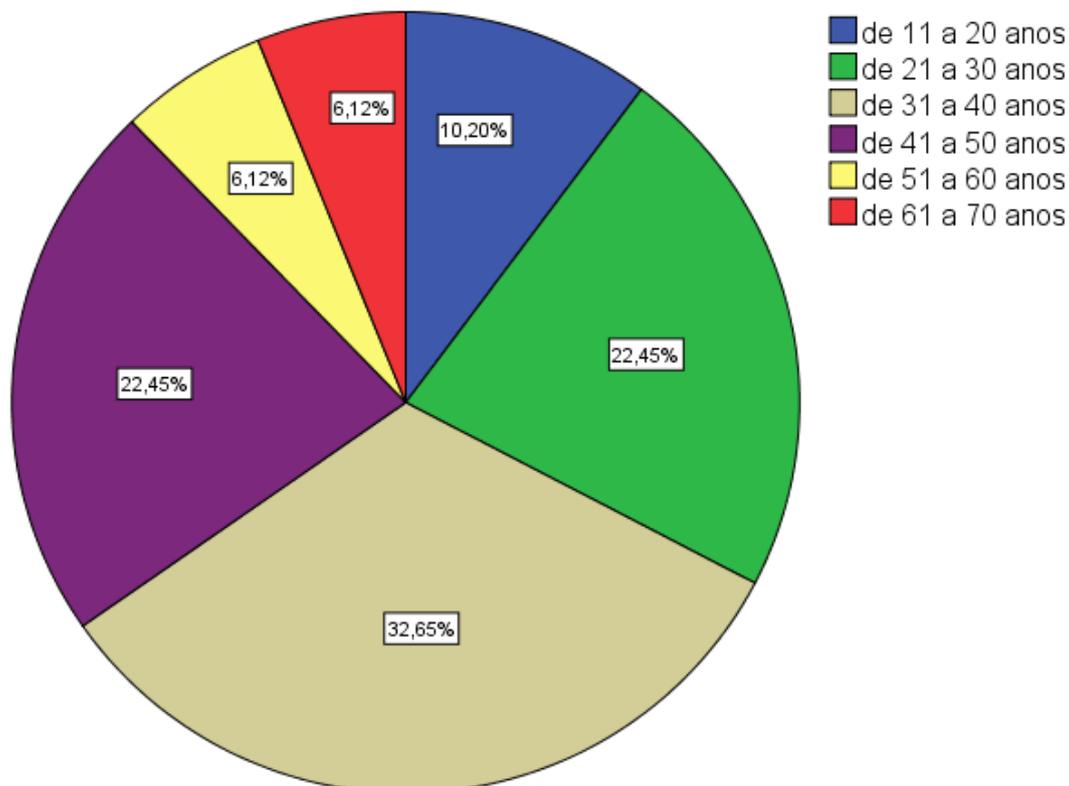
	Frequência	Porcentagem válida
De 11 a 20 anos ⁴⁸	8	7,5
De 21 a 30 anos	18	16,8
De 31 a 40 anos	20	18,7
De 41 a 50 anos	22	20,6
De 51 a 60 anos	17	15,9
De 61 a 70 anos	19	17,8
De 71 a 80 anos	3	2,8
Total	107	100,0

Fonte: Elaborada pelos autores da dissertação.

A maior frequência encontrada foi de torcedores entre 41 e 50 anos (20,6%), e a menor entre 71 e 80 anos (2,8%). Apesar disso, podemos perceber que o grupo é bem diversificado quanto à idade. Esses resultados não se refletem de igual forma nas duas torcidas.

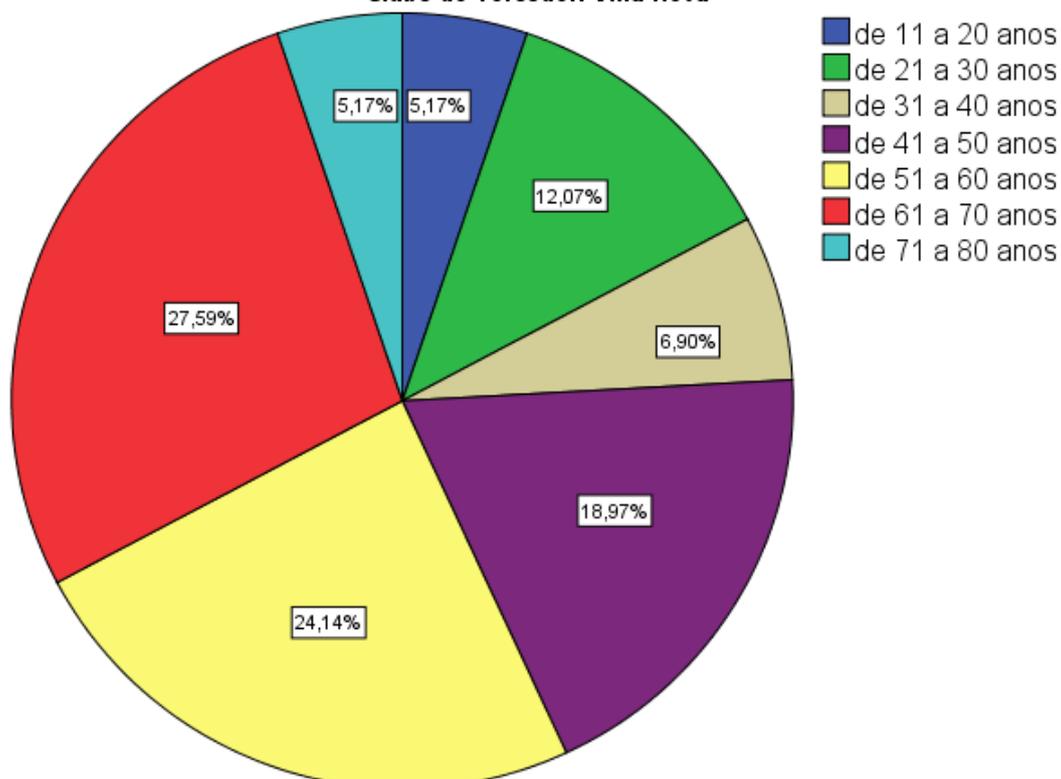
⁴⁸ Mantivemos a escala de 10 em 10 anos para facilitar a visualização dos resultados, mas ressaltando que a idade mínima dos participantes foi de 18 anos.

Gráfico 3.1 – Faixa etária - em % (torcedores do Guarani)



Fonte: Elaborado pelos autores da dissertação.

Gráfico 3.2 – Faixa etária - em % (torcedores do Villa)



Fonte: Elaborado pelos autores da dissertação.

Na TG a maior frequência encontrada foi de torcedores entre 31 e 40 anos (32,65%) e a menor, nas faixas entre 51 e 60 anos e, entre 61 e 70 anos (6,12% cada). Na TV a maior frequência encontrada foi de torcedores entre 61 e 70 anos (27,59%), a menor nas faixas entre 11 e 20 anos e, entre 71 e 80 anos (5,17% cada). Podemos perceber uma maior jovialidade na TG quando comparado a TV. Como apontamentos desta afirmação: na faixa até 30 anos temos 32,65% da TG contra 17,24% da TV; e, na faixa igual ou superior a 60 anos 6,12% da TG contra 32,76% da TV.

A tabela 3.3 nos apresenta os resultados encontrados com relação à utilização do uniforme pelo torcedor no momento da abordagem. Esta informação foi coletada visualmente pelos aplicadores, considerando como uniformizados os torcedores trajando camisa e/ou calça/short do clube ou de alguma das torcidas organizadas.

Tabela 3.3
Torcedores uniformizados

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	61	57,0
Não	46	43,0
Total	107	100,0

Fonte: Elaborada pelos autores da dissertação.

Em ambas torcidas a maior frequência encontrada foi de torcedores utilizando uniforme do clube, na TG 51,02% e na TV 62,07%. Concluímos que as vestimentas do clube representam um importante símbolo para os torcedores participantes.

Os outros símbolos identitários do clube, como mascote, cores, hinos, pouco foram lembrados pelos torcedores durante as conversas. A exceção pelo uso do uniforme que foi predominante. Algumas particularidades merecem destaque, por exemplo: no âmbito do futebol profissional, e estamos considerando aqui como futebol profissional o módulo I do campeonato mineiro e as quatro divisões do campeonato brasileiro, diferente do que acontece com os clubes de futebol mais populares do Brasil, Villa Nova e Guarani não

possuem equipes rivais dentro da cidade. O que afeta nestes torcedores a noção de rivalidade clubística, considerada por nós como importante elemento na construção da identidade de torcedor.

Outra particularidade muito interessante foi a baixa presença de torcedores trajando uniformes de Cruzeiro ou Atlético dentro do Castor Cifuentes, embora durante as conversas tenham surgido “confissões” de que também torciam por algum clube da capital. No caso do Farião, entre os torcedores que não utilizavam o uniforme do Guarani é comum o uso de camisas dos clubes da capital, inclusive são vendidas camisas deles dentro do estádio. Talvez a maior proximidade do Villa com a capital e o fato de já ter rivalizado com Cruzeiro e Atlético, conquistando inclusive algumas edições do campeonato mineiro, ajudem a explicar esse fenômeno.

A tabela 3.4 diz respeito à participação dos torcedores em torcidas organizadas, sendo os dados referentes à resposta fornecida pelos participantes. Em alguns casos, houve torcedores trajando vestuário estampado com escudo e/ou emblema de diferentes torcidas organizadas que se declararam como não integrantes do grupo em questão.

Tabela 3.4
Pertence a torcida organizada

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	7	6,5
Não	100	93,5
Total	107	100,0

Fonte: Elaborada pelos autores da dissertação.

Dentre os torcedores organizados (6,5%)⁴⁹, buscamos identificar a qual torcida pertenciam. Os resultados estão expressos na tabela 3.5:

⁴⁹ TG – 8,16%; TV – 5,17%.

Tabela 3.5
A qual torcida organizada pertence

	Frequência	Porcentagem válida
Red bugre (Guarani)	2	1,9
Guaragolo (Guarani)	2	1,9
Pavilhão vermelho (Villa)	2	1,9
Pele vermelha (Villa)	1	,9
Não se aplica	100	93,5
Total	107	100,0

Fonte: Elaborada pelos autores da dissertação.

A tabela 3.6 representa a renda mensal individual dos torcedores participantes. As alternativas foram baseadas em progressões multiplicadas do valor do salário mínimo em 2015, cotado em R\$ 788,00 reais.

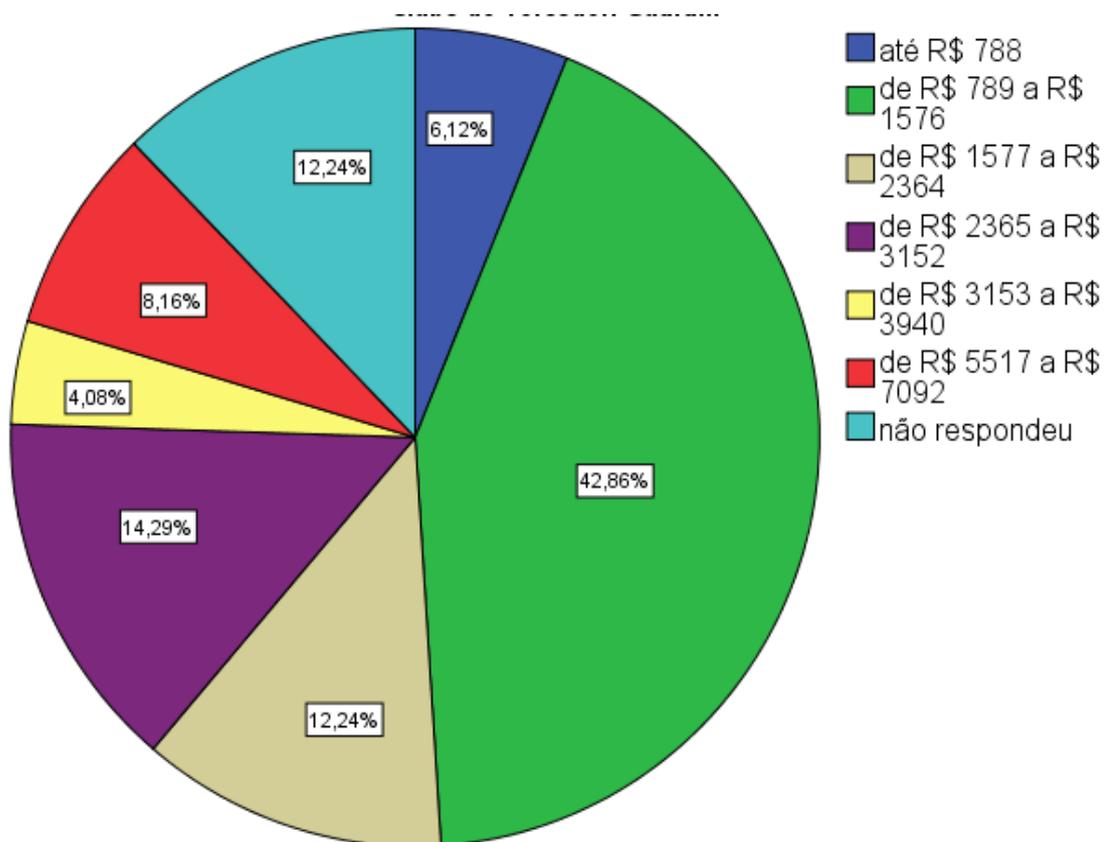
Tabela 3.6
Renda dos participantes

	Frequência	Porcentagem válida
Até R\$ 788	7	6,5
De R\$ 789 a R\$ 1576	29	27,1
De R\$ 1577 a R\$ 2364	16	15,0
De R\$ 2365 a R\$ 3152	10	9,3
De R\$ 3153 a R\$ 3940	3	2,8
De R\$ 3941 a R\$ 5516	10	9,3
De R\$ 5517 a R\$ 7092	7	6,5
De R\$ 7093 a R\$ 8668	3	2,8
Mais de R\$ 8669	4	3,7
Não respondeu	18	16,8
Total	107	100,0

Fonte: Elaborada pelos autores da dissertação.

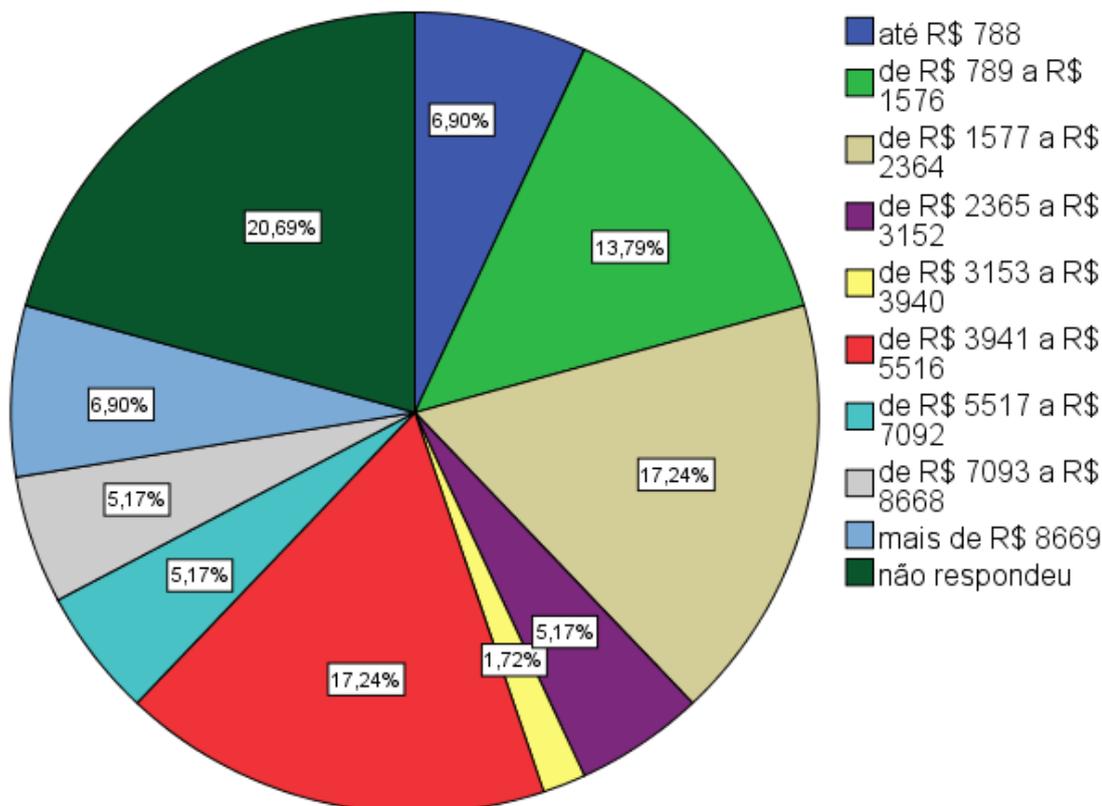
A tabela demonstra que a maior frequência encontrada foi de torcedores com renda entre um e dois salários mínimos (27,1%), a menor nas faixas entre quatro e cinco e, nove e onze salários (2,8% cada). Muitos torcedores (16,8%) se sentem desconfortáveis em responder esse tipo de questão, assim, estamos atentos ao fato que isto pode ter mascarado, até certo medida, os resultados obtidos. Esses resultados não se refletem de igual forma nas duas torcidas.

Gráfico 3.3 – Renda do participante - em % (torcedor do Guarani)



Fonte: Elaborado pelos autores da dissertação.

Gráfico 3.4 - Renda do participante - em % (torcedor do Villa)



Fonte: Elaborado pelos autores da dissertação.

Na TG a maior frequência encontrada foi de torcedores com renda entre um e dois salários (42,86%), a menor na faixa compreendida entre quatro e cinco salários (4,08%). Na TV a maior frequência encontrada (entre os que responderam) foi de torcedores com renda nas faixas entre dois e três e, cinco e sete salários (17,24% cada), a menor na faixa compreendida entre quatro e cinco salários (1,72%). Podemos perceber um maior poder de compra na TV quando comparado a TG. Como apontamentos desta afirmação: temos 34,48% da TV com renda acima de cinco salários mínimos, contra 8,16% da TG. Somado a isso, 20,69% da TV recebem até dois salários, contra 48,98% da TG.

A tabela 3.7 apresenta os resultados obtidos quanto à cidade de residência dos participantes. A intenção era saber se residiam na cidade onde estão situados os estádios ou não.

Tabela 3.7
Reside na cidade

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	87	81,3
Não	20	18,7
Total	107	100,0

Fonte: Elaborada pelos autores da dissertação.

Entre aqueles que não residem na cidade (18,7%)⁵⁰, perguntamos em qual cidade se estabeleciam, os resultados estão expressos na tabela 3.8:

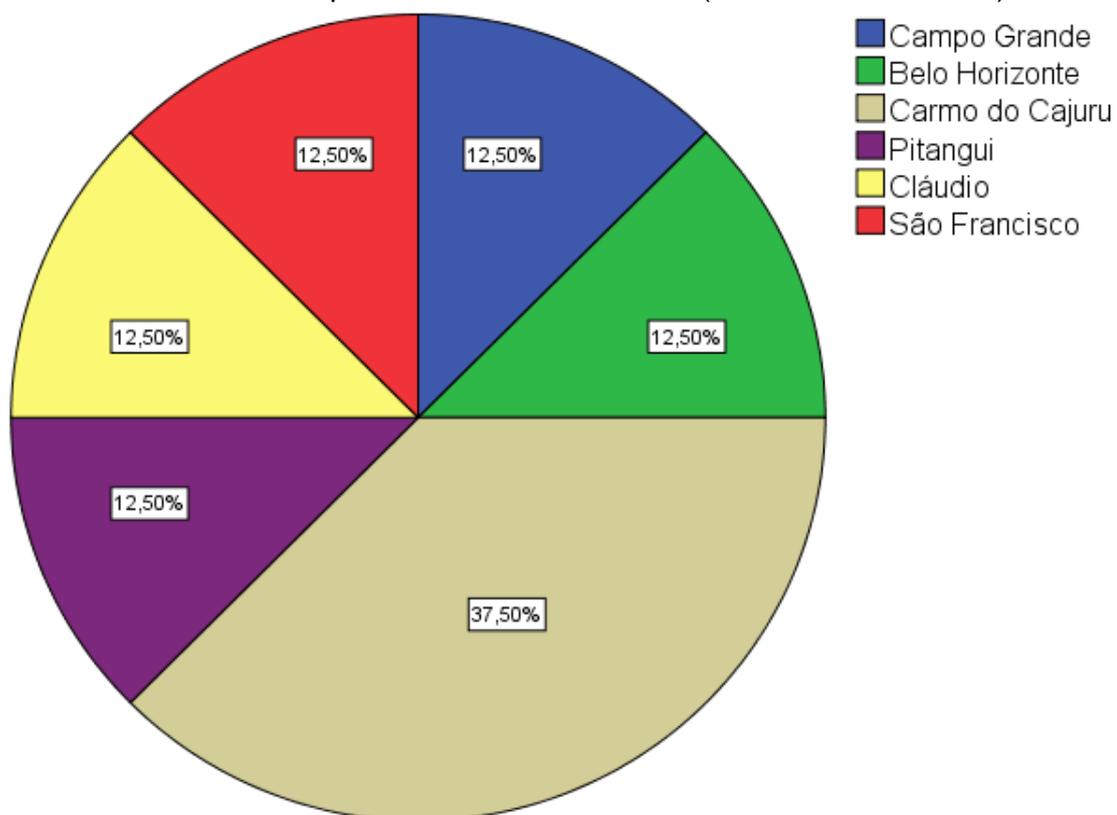
Tabela 3.8
Em qual cidade reside

	Frequência	Porcentagem válida
Belo Horizonte	7	6,5
Carmo do Cajuru	3	2,8
Raposos	3	2,8
Betim	1	,9
Campo Grande	1	,9
Cláudio	1	,9
Contagem	1	,9
Lagoa Santa	1	,9
Pitangui	1	,9
São Francisco	1	,9
Não se aplica	87	81,3
Total	107	100,0

Fonte: Elaborada pelos autores da dissertação.

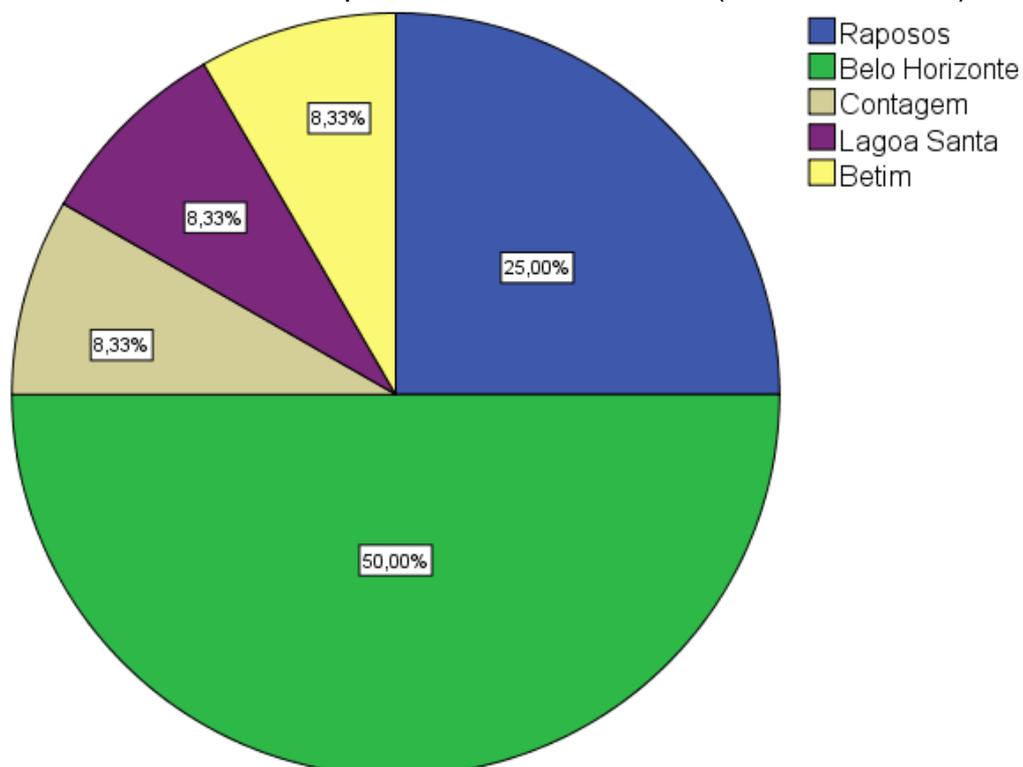
⁵⁰ TG – 16,33%; TV – 20,69%.

Gráfico 3.5 – Em qual cidade reside - em % (torcedor do Guarani)



Fonte: Elaborado pelos autores da dissertação.

Gráfico 3.6 – Em qual cidade reside - em % (torcedor do Villa)



Fonte: Elaborado pelos autores da dissertação.

Um dos fatores que pode ajudar a compreender a maior presença de torcedores moradores de Belo Horizonte nos jogos do Villa, quando comparados aos do Guarani, é a maior proximidade da capital quanto à Nova Lima (21,5 km) se comparado a Divinópolis (118 km).

Também questionamos os torcedores se assistiriam à partida daquele dia, sozinhos ou acompanhados. A tabela 3.9 exibe os achados:

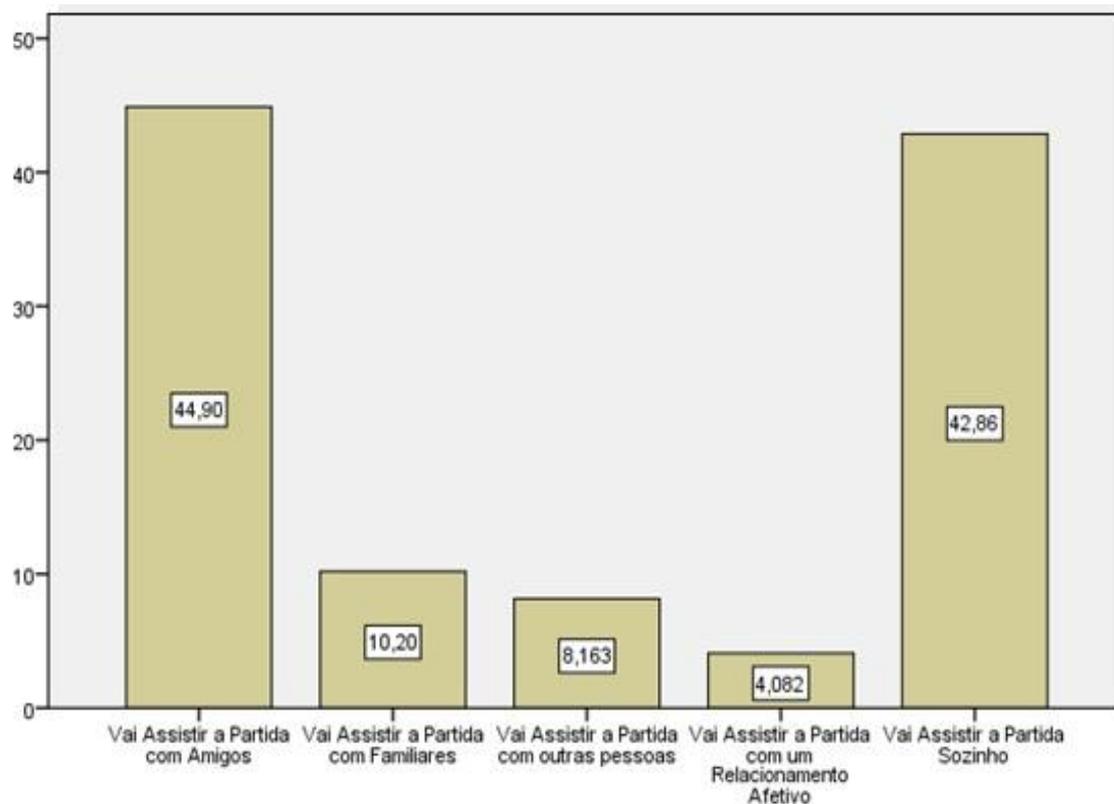
Tabela 3.9
Com quem vai assistir a partida hoje

	Respostas Porcentagem de	
	N	casos
Vai assistir sozinho	45	42,1%
Vai assistir com amigos	42	39,3%
Vai assistir com familiares	15	14,0%
Vai assistir com um relacionamento afetivo	7	6,5%
Vai assistir com outras pessoas	6	5,6%
Total	115	107,5%

Fonte: Elaborada pelos autores da dissertação.

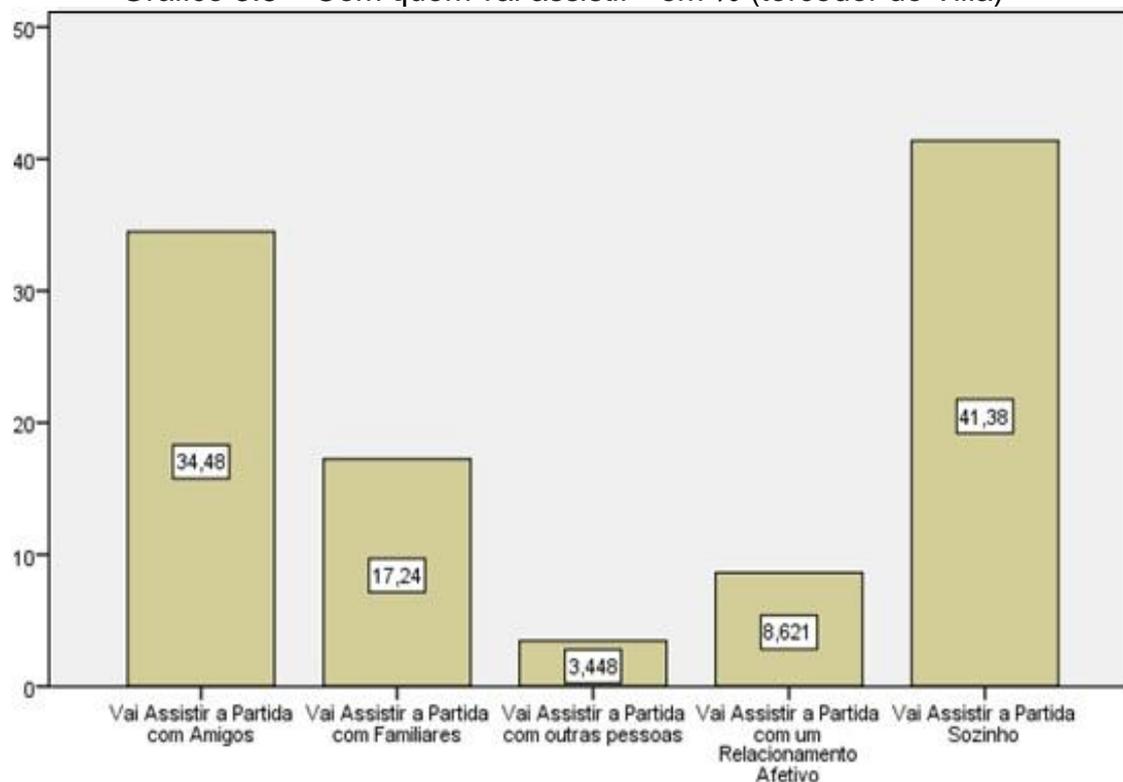
Na tabela a maior frequência encontrada foi de torcedores que assistiriam aos jogos sozinhos (42,1%), a menor de torcedores que assistiriam com outras pessoas (geralmente associado a assistir com a torcida como um todo) (5,6%). O predomínio (59,8%) foi de torcedores que assistem aos jogos acompanhados. Embora sejam similares, esses resultados não se refletem de igual forma nas duas torcidas.

Gráfico 3.7 – Com quem vai assistir - em % (torcedor do Guarani)



Fonte: Elaborado pelos autores da dissertação.

Gráfico 3.8 – Com quem vai assistir - em % (torcedor do Villa)



Fonte: Elaborado pelos autores da dissertação.

Na TG a maior frequência encontrada foi de torcedores que assistiriam às partidas com os amigos (44,9%), a menor de torcedores que assistiriam com algum relacionamento afetivo, como: namorado (a), noivo (a), marido/esposa (4,082%). Na TV a maior frequência encontrada foi de torcedores que afirmaram estar desacompanhados para assistir ao jogo (41,38%), a menor de torcedores que iriam assistir ao jogo com outras pessoas (3,448%).

Com o intuito de analisar a relação que os torcedores de estádios periféricos estabelecem com seus clubes, recorreremos a duas questões iniciais, ambas abertas: na primeira buscamos conhecer os meios pelos quais estes conheceram o clube; na segunda, compreender as razões que os levaram a torcer pelo Guarani/Villa. As respostas foram categorizadas.

Na TGV os principais meios apresentados foram: família - com grande ímpeto ao papel da figura paterna; cidade - visto que a “fama” do clube na região faz com ele seja conhecido por todos; jogar futebol - torcedores que em algum momento de suas vidas jogaram no clube, profissionalmente ou mesmo nas categorias de base/infantil; amigos - que convidavam para ir ao estádio assistir os jogos; conta própria - sem intermédio de outrem, das maneiras mais variadas, como: lendo jornal e ouvindo rádio; bairro - torcedores que foram nascidos e/ou criados nas proximidades do estádio.

Na TG os principais meios foram: da família, do jogar futebol, dos amigos, por conta própria, da cidade e do bairro. Na TV os principais meios apresentados foram: da família, da cidade, do jogar futebol, dos amigos, por conta própria e do bairro.

“tentei torcer por Cruzeiro e Atlético, mas a paixão falou mais alto. O novalimense torce é para o Villa” (participante#58, masculino, 59 anos).

Tanto para TG quanto para TV as principais razões apresentadas para torcer pelo time foram: relacionadas à cidade; pois acreditam ser importante torcer pelo “time da cidade” e valorizar o que é “nosso”; e, relacionada à família/amigos, porque escolheram o clube para agradar os familiares em geral ou, porque todos os amigos torcem pela mesma agremiação. Na TV ainda surgiu uma terceira categoria, embora com baixa frequência: relacionada a ser

o clube que abriu as portas quando tentou ser jogador, permitindo fazer testes, treinar no campo e, em alguns casos, jogar.

Perguntamos aos participantes quantos anos faziam aproximadamente que torciam por seu clube, os resultados estão expressos na tabela 3.10.

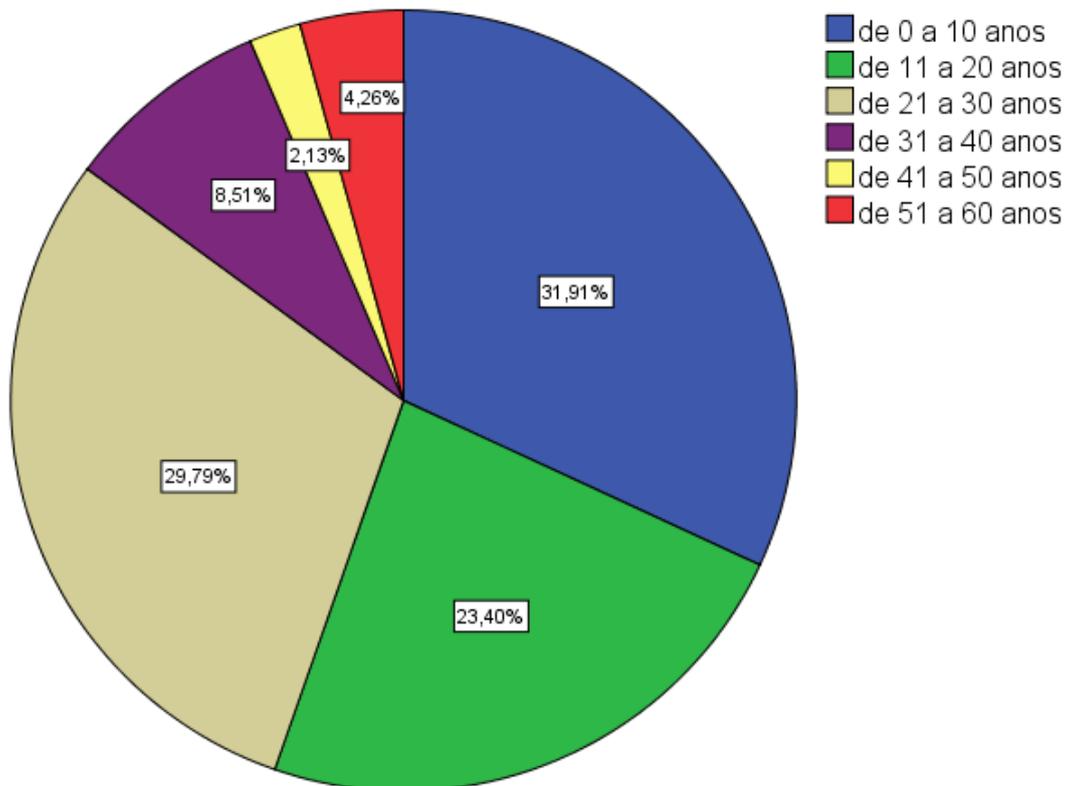
Tabela 3.10
Há quanto tempo torce pelo clube

	Frequência	Porcentagem válida
De 0 a 10 anos	22	21,2
De 11 a 20 anos	20	19,2
De 21 a 30 anos	18	17,3
De 31 a 40 anos	11	10,6
De 41 a 50 anos	15	14,4
De 51 a 60 anos	15	14,4
De 61 a 70 anos	3	2,9
Total	104	100,0
Ausentes	3	
Total	107	

Fonte: Elaborada pelos autores da dissertação.

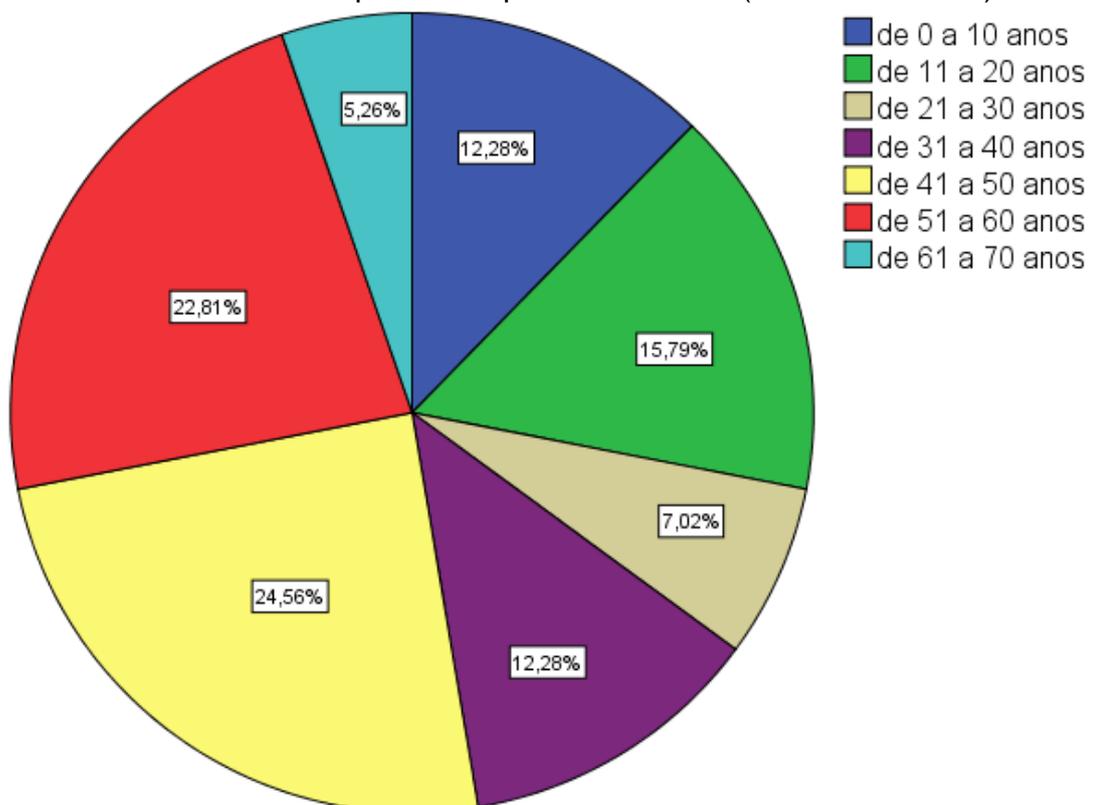
Na tabela geral a maior frequência encontrada foi de torcedores que torcem entre 0 e 10 anos (21,2%), a menor entre 61 e 70 anos (2,9%). Apesar disto, a distribuição entre as diversas faixas foi bem distinta. Esses resultados não se refletem de igual forma nas duas torcidas.

Gráfico 3.9 – Há quanto tempo torce - em % (torcedor do Guarani)



Fonte: Elaborado pelos autores da dissertação.

Gráfico 3.10 – Há quanto tempo torce - em % (torcedor do Villa)



Fonte: Elaborado pelos autores da dissertação.

Na TG a maior frequência encontrada foi de torcedores que torcem entre 0 e 10 anos (31,91%), a menor na faixa entre 41 e 50 anos (2,13%). Na TV a maior frequência encontrada foi de torcedores na faixa entre 41 e 50 anos (24,56%), a menor na faixa entre 61 e 70 anos (5,26%). Outra evidência de que se trata de uma torcida com maior idade pode ser observada aqui, onde 14,9% da TG acompanha o clube a mais de 30 anos, na TV o valor é de 64,91%.

Neste sentido, precisamos ponderar sobre o fato de o Villa ser um clube centenário. Além de ter se tornado campeão brasileiro da série B em 1971, o clube é um dos poucos não pertencentes a capital que conquistaram a principal divisão do campeonato estadual. São cinco títulos na competição, quatro na década de 1930, sendo a equipe não belo-horizontina que mais vezes venceu o torneio. Estes elementos dotam o clube de certa tradição, a qual os villanovenses muito se orgulham e fazem questão de enfatizar.

Em virtude das questões apresentadas, acreditamos que o estádio é um local de encontro, que fortalece a solidariedade entre estes torcedores, tanto do Guarani, quanto do Villa. Desses encontros, emerge a possibilidade que apenas àqueles que frequentam tais espaços, pela experiência, conseguem compreender. Tais valores decorrem da adoção e da manutenção de tradições e identidades que o clube tem e são postas à prova pelas equipes rivais. Estas, defendidas pelos seus torcedores (CAMPOS, 2016).

3.2 Da relação com o clube e com o estádio

Perguntamos aos participantes se acompanhavam os jogos de seu time, a maior frequência encontrada foi de resposta positiva (97,2%)⁵¹. Em seguida, perguntamos a forma pela qual acompanhavam os jogos. Esta era uma questão aberta, em que os torcedores poderiam citar quantas maneiras fossem possíveis.

⁵¹ TG – 97, 96%; TV – 96, 55%.

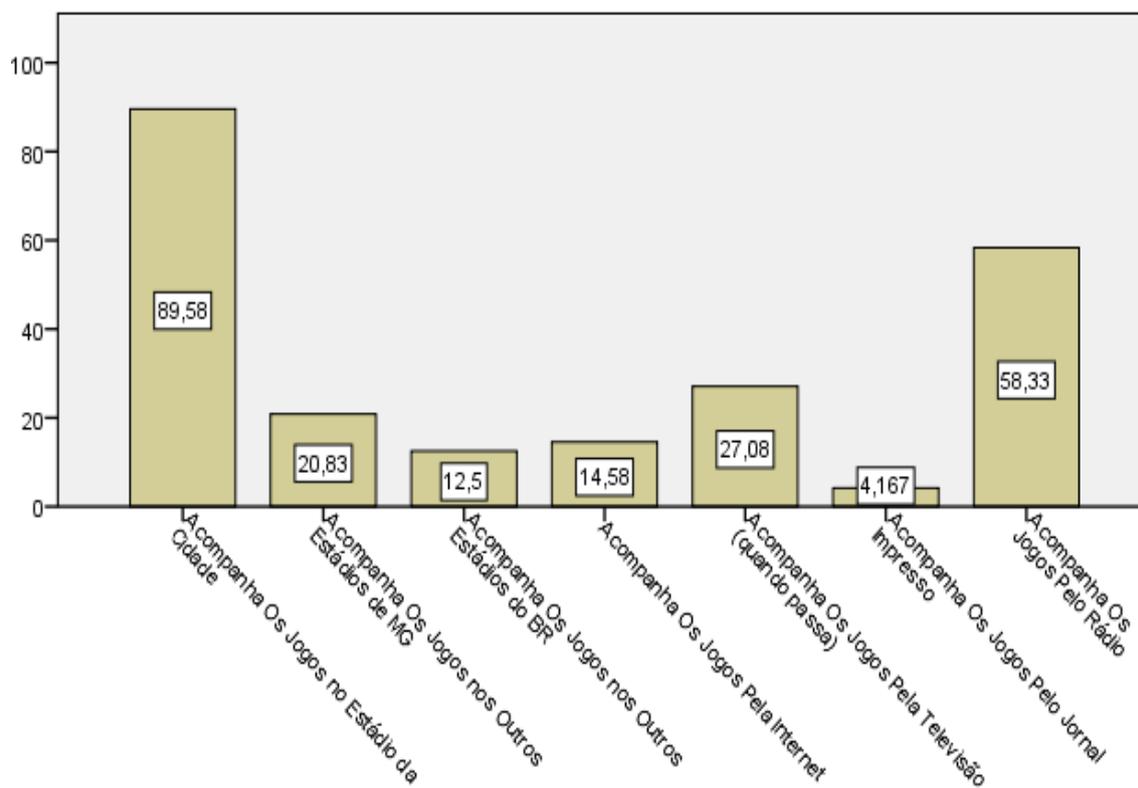
Tabela 3.11
Como acompanha os jogos

	Respostas N	Porcentagem de casos
Acompanha indo ao estádio da cidade	93	90,3%
Acompanha ouvindo pelo Rádio	52	50,5%
Acompanha indo a outros estádios de MG	39	37,9%
Acompanha assistindo pela televisão (quando transmitido)	25	24,3%
Acompanha indo a outros estádios do BR	22	21,4%
Acompanha navegando pela internet	13	12,6%
Acompanha lendo jornais impressos	4	3,9%
Total	248	240,8%

Fonte: Elaborada pelos autores da dissertação.

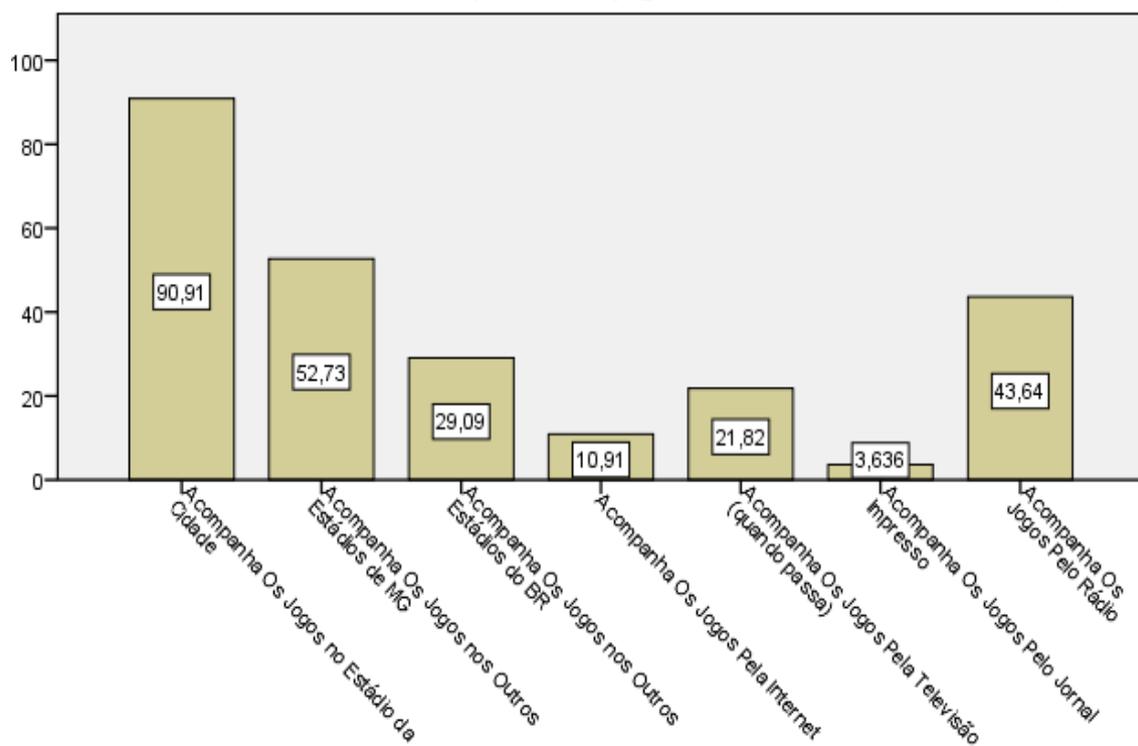
A maior frequência encontrada foi de torcedores que acompanham indo ao estádio da cidade (90,3%), a menor acompanha pelos jornais impressos (3,9%). Embora os extremos sejam correspondentes para ambas torcidas, os intermediários foram consideravelmente distintos.

Gráfico 3.11 – Como acompanha os jogos - em % (torcedor do Guarani)



Fonte: Elaborado pelos autores da dissertação.

Gráfico 3.12 – Como acompanha os jogos - em % (torcedor do Villa)



Fonte: Elaborado pelos autores da dissertação.

Para a TG as formas mais recorrentes de acompanhar o clube foram (em ordem decrescente de importância): indo ao estádio da cidade, ouvindo os jogos pelo rádio e, assistindo pela televisão (embora poucos jogos sejam transmitidos); para a TV foram: indo ao estádio da cidade, indo a outros estádios (quando o Villa joga como equipe visitante) e, ouvindo pelo rádio. Assim, destaca-se que a TV parece ter mais o costume de viajar e acompanhar o clube em outras cidades, se comparada à TG.

Perguntamos aos torcedores sobre a frequência deles indo ao estádio quando de jogos de seu clube, a tabela 3.12 apresenta os resultados obtidos:

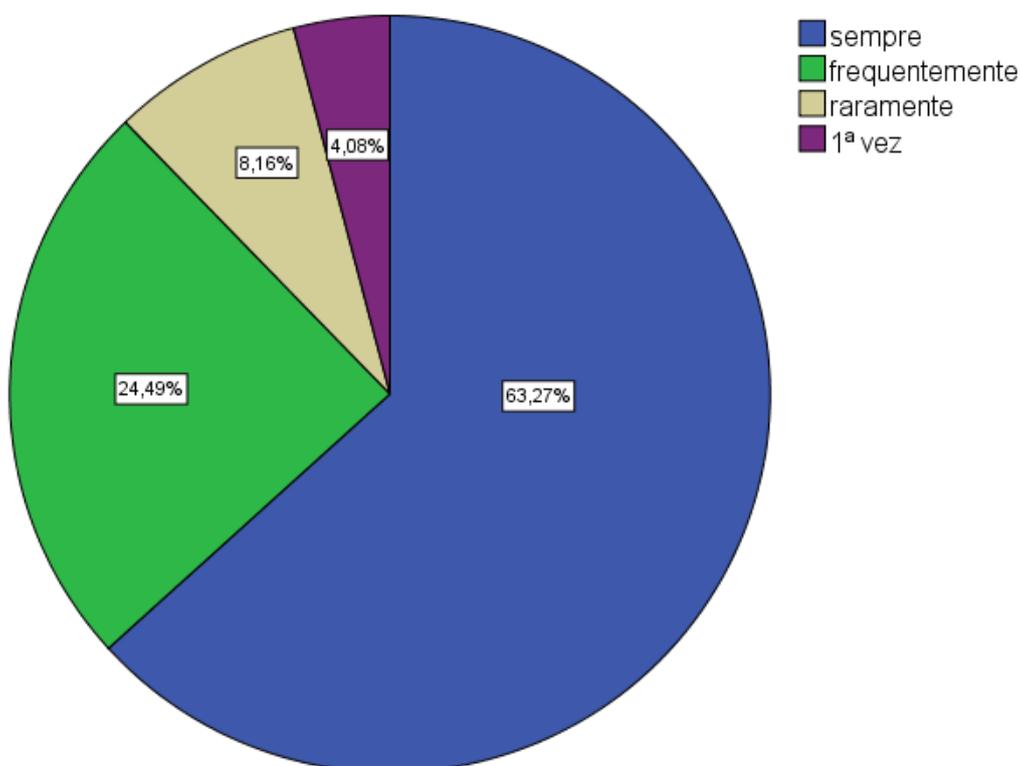
Tabela 3.12
Frequência vai ao estádio do clube

	Frequência	Porcentagem válida
Sempre	76	71,0
Frequentemente	19	17,8
Raramente	9	8,4
Primeira vez	3	2,8
Total	107	100,0

Fonte: Elaborada pelos autores da dissertação.

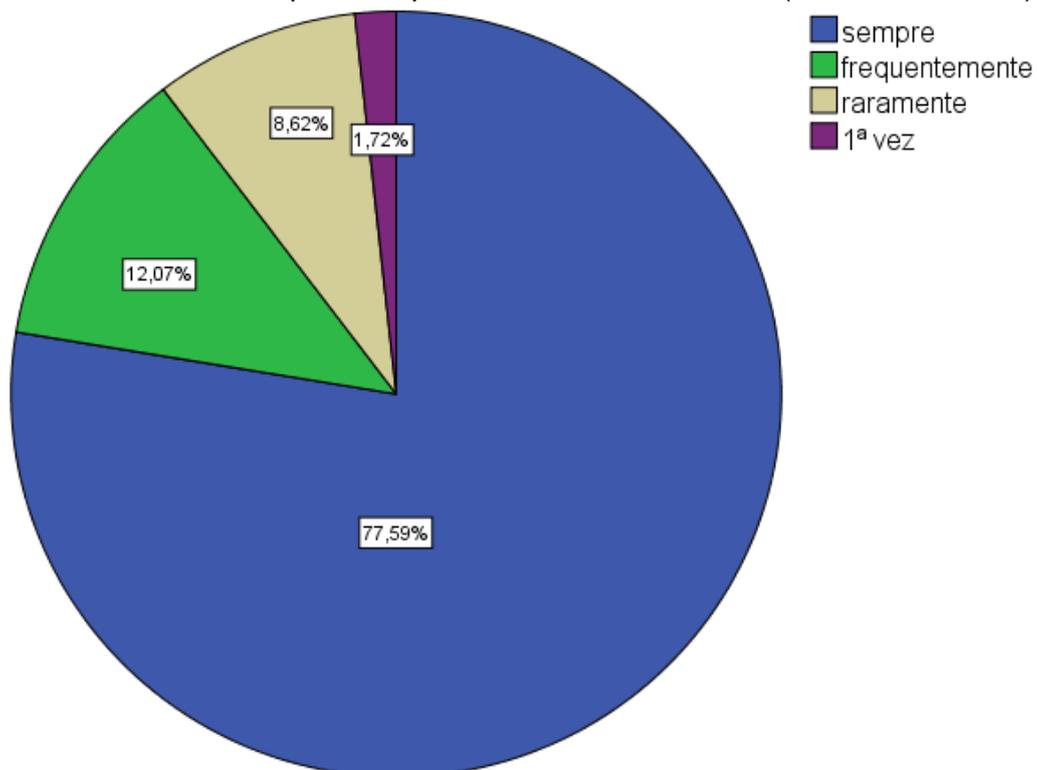
Na tabela geral a maior frequência encontrada foi de torcedores que vão sempre ao estádio (71%), a menor de torcedores que iam pela primeira vez (2,8%). Ainda que a maior e a menor frequências sejam correspondentes para as duas torcidas, os demais resultados são consideravelmente distintos.

Gráfico 3.13 – Frequência que vai ao estádio - em % (torcedor do Guarani)



Fonte: Elaborado pelos autores da dissertação.

Gráfico 3.14 – Frequência que vai ao estádio - em % (torcedor do Villa)



Fonte: Elaborado pelos autores da dissertação.

Para 87,76% da TG e 89,66% da TV o ato de ir ao estádio surge como uma prática recorrente (somando sempre e frequentemente), dotada de tradições e simbolismos.

Os dados sugerem que para o grupo estudado, o estádio se constitui enquanto um espaço apropriado, ou seja, um lugar. Embora haja distinção de significados entre as terminologias 'espaço' e 'lugar', não há consenso na literatura para suas definições. De tal forma, adotamos aqui a compreensão do espaço na qualidade de um conceito abstrato, o qual se realiza no plano do concreto enquanto lugar de realização da vida humana (CARLOS, 2001). Quando tratamos o estádio como espaço, conferimos um sentido deste enquanto um objeto geográfico, uma construção humana que compõe a paisagem da cidade. Quando tratados como lugar, indicamos uma relação de maior proximidade, maior interação.

O espaço é um requisito necessário, um instrumento e um produto da interação da sociedade em toda sua complexidade. Ao dar sequência à sua existência, a sociedade reinventa o espaço. Podemos compreendê-lo sob a égide de duas dimensões: da localização, enquanto um ponto pertencente ao mapa e do conteúdo desta localização, isto é, aquilo que torna um lugar único e lhe confere valor. Este, atribuído por meio das práticas sociais que ali ocorrem em função da apropriação dos espaços. Assim, são a presença humana e as interações decorrentes dela, que outorgam a noção de lugar a um dado espaço (CARLOS, 2001).

Para conferir o sentido de lugar a um dado espaço, dois elementos são essenciais: valor e tempo (TUAN, 1983). É através das experiências no espaço, sejam elas sensoriais ou emotivas, que o mesmo pode ser dotado de valor e assumir caráter de lugar na vida dos sujeitos. Como afirmou Yi-Fu Tuan, "experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade" (TUAN, 1983, P.9). Para se viver estas experiências é necessário tempo. Dessa forma, a relação tempo-espaço surge de forma indissociável decorrente das ações humanas, as quais se concretizam por meio da apropriação (CARLOS, 2001).

Para avançar na construção do entendimento destes dois conceitos, devemos destacar que o espaço é muito mais que um "vazio", é a condição primordial para a realização das atividades sociais. O espaço apropriado

materializa a reprodução de determinadas relações sociais, ao passo que a vida se constitui em lugares destinados a estes fins (CARLOS, 2007). Ou seja, uma pessoa pode acompanhar o seu time em todos os estádios em que este for jogar como visitante, e se apropriar deste espaço, exercer seu “papel de torcedor”. Entretanto, o seu lugar vai continuar sendo o estádio onde o clube manda seus jogos.

O processo de identificação do espaço enquanto lugar se materializa pelas relações sociais que nele se estabelecem. Pode ser sentida, vista, ouvida, analisada. Já trabalhamos essa ideia no capítulo anterior ao abordar as maneiras como os estádios instigam os nossos sentidos. Dessa forma, tais relações penetram no espaço, produzindo-o, na vasta amplitude de suas possibilidades. Moldam o lugar. Enfatizando o valor da presença física da pessoa nos espaços, acreditamos que,

[...] as relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais e acidentais, na vida cotidiana. Revela-se como espaço possível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido pelo indivíduo por meio do corpo, pois é com todos os seus sentidos que o habitante usa o espaço, cria/percebe os referenciais, sente os odores dos lugares, dando-lhes sentido. Isso significa que o uso do espaço envolve o indivíduo e seus sentidos, seu corpo; é por ele que marca sua presença, é por ele que constrói e se apropria do espaço e do mundo plano do lugar, no modo como usa o espaço e emprega o tempo na vida cotidiana (CARLOS, 2001, p.35).

Portanto, a noção de lugar pode contemplar diversos níveis. Para um torcedor, por exemplo, um “lugar maior” pode ser o bairro onde se localiza o estádio do clube pelo qual torce. Dentro deste, a rua do estádio seria um lugar dentro do lugar-bairro. Até chegar a um “lugar menor”, como: ficar nas arquibancas, nas gerais, atrás do gol, na lateral do campo, ou em qualquer outro setor dentro do estádio. São muitos os lugares para o torcedor. Neste sentido, Tuan (1983) já nos alertava para as diversas escalas de lugar.

Entendemos o lugar como “a porção do espaço apropriável para a vida, revelando o plano da microescala” (CARLOS, 2001, p.35). Ou seja, a ideia de lugar se enquadra no plano dos países, estados, cidades, bairros, ruas, etc., promovendo distintos encontros e, conseqüentemente, a possibilidade de gerar novos. O lugar é particular, não reprodutível, pois é constituído de interações e

experiências singulares. Sem o uso, não há apropriação, não há lugar (CARLOS, 2001).

Questionamos os participantes se os mesmos buscavam notícias relativas ao seu clube. Dentre os que responderam sim (91,6%)⁵², perguntamos onde buscavam as informações. Esta também foi uma questão aberta que permitiu ao torcedor fornecer múltiplas respostas.

Tabela 3.13
Como acompanha as notícias

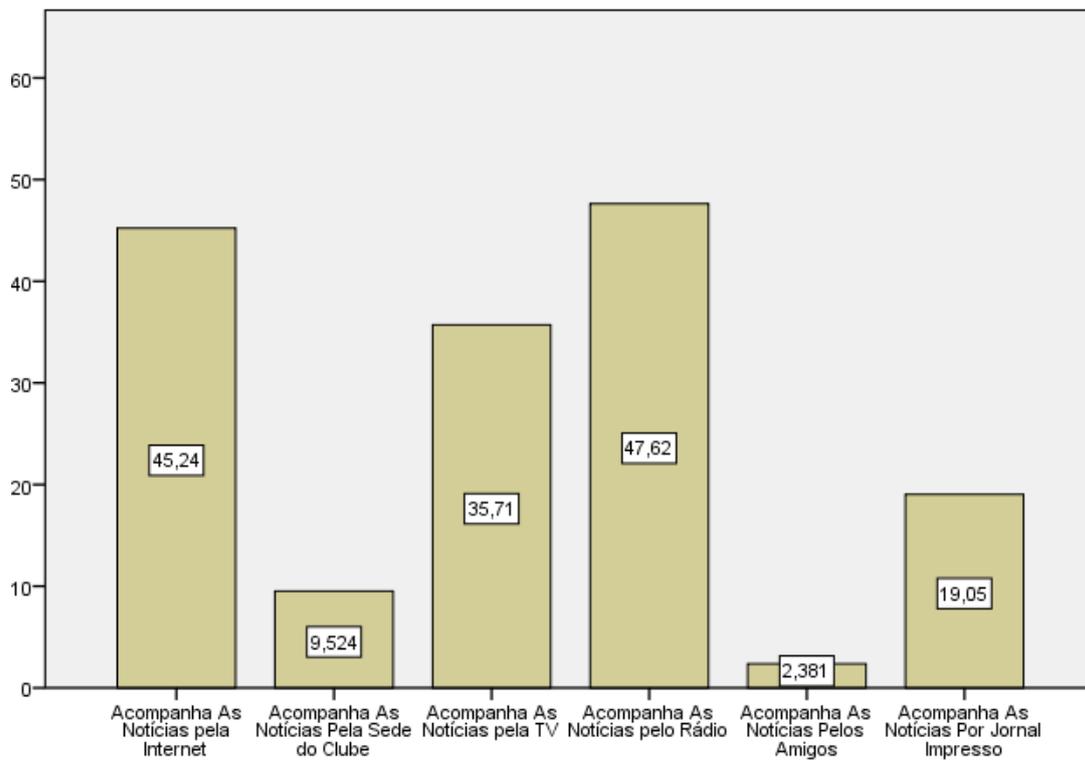
	Respostas	Porcentagem
	N	de casos
Acompanha pela internet	51	52,0%
Acompanha pelo rádio	41	41,8%
Acompanha por jornal impresso	24	24,5%
Acompanha pela televisão	18	18,4%
Acompanha indo à sede social do clube	11	11,2%
Acompanha pelos amigos	9	9,2%
Total	154	157,1%

Fonte: Elaborada pelos autores da dissertação.

Na tabela geral a maior frequência encontrada foi de torcedores que acompanham as notícias pela internet (52%), a menor de torcedores que conseguem informações por meio de conversas com amigos (9,2%). Podemos perceber como os meios de comunicação exercem um importante papel na circulação das notícias, embora maneiras alternativas como “ir à sede” e “conversar com os amigos” tenham surgido com considerável frequência. Entretanto, esses resultados não se refletem de igual forma nas duas torcidas.

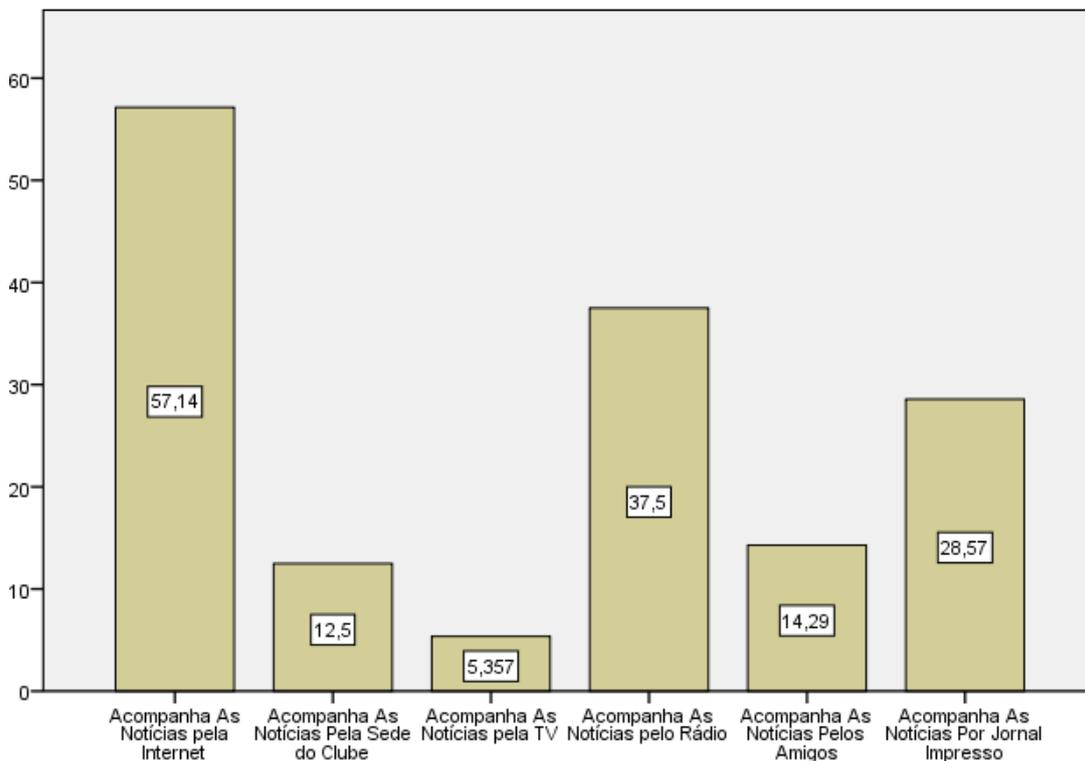
⁵² TG – 85,71%; TV – 96,55%.

Gráfico 3.15 – Como acompanha as notícias - em % (torcedor do Guarani)



Fonte: Elaborado pelos autores da dissertação.

Gráfico 3.16 - Como acompanha as notícias - em % (torcedor do Villa)



Fonte: Elaborado pelos autores da dissertação.

Para a TG as formas mais recorrentes de acompanhar as notícias do clube foram (em ordem decrescente de importância): ouvindo programas esportivos pelo rádio, através da internet e, assistindo programas esportivos pela televisão; para a TV foram: através da internet, ouvindo programas esportivos pelo rádio e, lendo jornais impressos.

Os clubes/estádios periféricos, embora muitas vezes estejam situados nas periferias das grandes cidades, aqui não estão sendo analisados pela sua localização geográfica. Nossa compreensão se encaminha no sentido destes estarem às margens da atenção midiática de uma forma geral, sejam elas impressas, televisivas, digitais, etc. Isto é, trata-se de clubes não pertencentes à chamada “elite do futebol brasileiro” ou, “série A”. A mídia esportiva notadamente direciona-se para os clubes da série A do campeonato brasileiro. A série B adquire maior importância (ainda que direcionada a equipes específicas) à medida que clubes de grande torcida pelo Brasil disputam a divisão, como ocorrido em 2012 (Atlético Paranaense), 2013 (Palmeiras) e 2015 (Botafogo), por exemplo.

Não obstante o principal campeonato nacional possua quatro divisões, as duas últimas ganham pouca repercussão nos programas esportivos, jornais impressos, e sites esportivos de maior veiculação. O aumento no volume de informações ocorre normalmente na reta final das competições. Corroboramos com Leda Costa (2015) ao afirmar que, para tais mídias, o “futebol brasileiro” se resume a seleção e a alguns poucos clubes (bem como seus torcedores) dominantes e ‘aspirantes’ aos títulos estaduais, nacionais, continentais, e intercontinentais, a cada temporada esportiva.

Provavelmente não se referem a agremiações como: Villa Nova Atlético Clube (MG), Clube Atlético Pirassununguense (SP), Sport Club Penedense (AL), Esporte Clube Novo Hamburgo (RS), Bangu Atlético Clube (RJ) e Vitória Futebol Clube (ES)⁵³. Nem mesmo a seus respectivos estádios: Castor Cifuentes (MG), Belarmino Del Nero (SP), Alfredo Leahy (AL), Estádio do Vale (RS), Proletário Guilherme da Silveira (RJ), e Salvador Costa (ES). Por vezes, esses clubes jogam em estádios precários, de pequeno porte, com gramado

⁵³ Todos estes clubes centenários.

mal conservado, muito aquém do “padrão FIFA”. São clubes que travam verdadeiras batalhas para permanecer ativos a cada ano (COSTA, 2015).

As mídias esportivas questionam o baixo nível dos campeonatos estaduais, responsabilizando os clubes periféricos que, possuem baixa qualidade técnica, elencos fracos, estádios precários, gramados ruins, etc. Como “consequência” desse cenário, apontam o baixo público presente nos estaduais. A lógica mercadológica atual privilegia os principais clubes do Brasil, em detrimento dos demais. Um importante destaque nesse sentido, percebemos com relação às cotas dos direitos televisivos repassadas aos clubes, consideravelmente destoantes (COSTA, 2012).

Interessante observarmos como tais desigualdades ocorrem inclusive entre os clubes “grandes”. Considerando o ano de 2016, para os direitos televisivos do campeonato nacional, temos clubes como Corinthians e Flamengo com receita de R\$ 170 milhões (cada); Cruzeiro, Atlético-MG, Internacional, Grêmio, Botafogo e Fluminense com R\$ 60 milhões (cada); e, Santa Cruz e América-MG com R\$ 20 milhões (cada)⁵⁴. No campeonato estadual de 2016, os “quatro grandes” do estado de São Paulo receberam das emissoras televisivas R\$ 17 milhões (cada); Cruzeiro e Atlético-MG receberam R\$ 7 milhões (cada); e, clubes periféricos como Villa Nova-MG e Guarani-MG, R\$ 800 mil (cada)⁵⁵. Não nos causa espanto que os clubes periféricos, com orçamentos tão enxutos, tenham que lutar tanto para subexistir.

Evidencia-se assim, que tais equipes não disponham de meios financeiros para arcar com a formação de elencos competitivos, reformas no estádio, melhoria do gramado, oferecer uma estrutura adequada para os seus torcedores. Dessa forma, o “baixo nível” dos estaduais deveria servir de norte para que soluções sejam pensadas para resolver as questões abordadas. Entretanto, a “solução” muitas vezes proposta, diz respeito à redução do número de clubes na competição e/ou vetos a realização de jogos de maior apelo nos estádios periféricos. As mudanças precisam ocorrer, entretanto, não deveriam ser realizadas de forma tão reducionista como as alternativas propostas (COSTA, 2012).

⁵⁴ Disponível em: <<http://torcedores.com/noticias/2016/05/brasileirao-2016-veja-quanto-o-seu-clube-ira-receber-em-dinheiro-da-tv-globo>>. Acesso em: 28 de jun. 2016.

⁵⁵ Disponível em: <<http://torcedores.com/noticias/2016/02/confira-quanto-seu-time-recebe-de-dinheiro-das-cotas-de-tv-nos-estaduais-2016>>. Acesso em: 28 de jun. 2016.

Assim, vemos em meio à mercantilização do futebol brasileiro, tentativas desenfreadas de exclusão não apenas dos torcedores, mas também dos clubes. Sem ao menos buscar soluções para as causas de tamanhas desigualdades. Com isso, o debate centra-se em tentativas de remover os problemas, ao invés de resolvê-los. Essa postura em nada contribui para avançar os – necessários - debates sobre a cultura do futebol brasileiro. Seguimos com muitos clubes/estádios sucateados em detrimento de alguns poucos que estampam as capas de jornais, revistas, sites (COSTA, 2012).

No entanto, esses clubes/estádios periféricos constituem importante parte da história do futebol brasileiro. Percebemos que o torcer nos clubes que não frequentam grandes competições, não disputam títulos nacionais e internacionais (efetivamente) e, às vezes sequer figuram na principal divisão dos torneios estaduais, adquire suas próprias configurações. Uma dessas particularidades é o torcer por duas equipes, fenômeno comum que pode ser observado nas torcidas periféricas (tal como observado nas torcidas dos clubes estudados). Onde vemos torcedores trajando camisas de outros clubes, principalmente da capital (COSTA, 2015).

Outra particularidade é o baixo público presente nos jogos, assim como aquele Villa *versus* CRAC-GO em que estivemos presentes com cinco pagantes no estádio. A medida que o futebol é tratado mercadologicamente como um produto, se manter “no mercado” e atrair os torcedores não é tarefa simples para os clubes sem projeção midiática (COSTA, 2015). Torcer por outra equipe, mais competitiva no que tange a disputa por títulos, “compensa” a baixa representatividade dos clubes periféricos no cenário esportivo.

Uma terceira particularidade refere-se às expectativas que a equipe delinea a cada temporada. São corriqueiramente limitadas. Embora a torcida tenha consciência destas limitações, isso não impede que os mais fiéis torcedores acompanhem o clube independente de em qual divisão ele esteja. Por vezes o alvo da equipe é se classificar para a uma próxima fase de um determinado torneio. Os longos períodos sem partidas no decorrer do ano (considerando que algumas equipes disputam apenas os torneios estaduais), pesam nos cofres dos clubes (COSTA, 2015). Embora Villa e Guarani sejam equipes já tradicionais no cenário mineiro, o risco de falência nunca se esvanece. Basta lembramos que o Villa por pouco deixou de disputar uma

edição da Série D por falta de verba para arcar com despesas de transporte do plantel. E que o Guarani esteve a ponto de perder seu estádio por conta de uma dívida de 30 mil reais.

Desde a eliminação da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2014, pela seleção alemã, muito tem se falado em “reformulação do futebol brasileiro”. Entretanto, soa estranho analisar profundamente algo conhecido de forma tão generalista como o futebol. Acreditamos que parte dessa renovação carece de um “olhar para esse futebol buscando nele sua diversidade, oferecendo suporte para manutenção e crescimento de clubes que embora possam estar longe do circuito principal são parte constitutiva do futebol nacional” (COSTA, 2015, não paginado).

3.3 Estádios “*versus*” Arenas

Com o intuito de analisar a percepção que os torcedores de estádios periféricos têm sobre estádios e arenas, fomentamos três questões iniciais. Na primeira um breve diálogo para identificar a existência de conhecimento prévio dos participantes com relação às reformas/construções de estádios/arenas que ocorreram em função da Copa do Mundo de 2014. Utilizamos como referência a reforma do Mineirão, Maracanã e a construção da Arena Itaquera (96,3% responderam positivamente) ⁵⁶. Constituiu-se enquanto questão aberta, na qual utilizamos das categorias para apresentar os resultados.

Para TGV as principais compreensões apresentadas em ordem decrescente de frequência, foram: 1) conforto e segurança – caracterizada por melhorias para os torcedores, principalmente no que tange ao aumento do conforto e da sensação de segurança. 2) desenvolvimento do futebol – definida por melhorias e/ou avanços para o futebol brasileiro de maneira geral, dando ênfase ao aumento da receita dos clubes. 3) infraestrutura – designada por melhorias físicas na infraestrutura dos estádios de forma geral, colocação de cadeiras nas arquibancadas, melhorias nos acessos do estádio. 4) corrupção – caracterizada por desvio e desperdício de dinheiro público. 5) decadência do futebol – definida em seu sentido mais amplo, causa de não haver mais bons

⁵⁶ TG – 97,96%; TV – 94,83%.

jogadores atuando no Brasil, endividamento dos clubes e torcida menos festiva nas arenas. 6) elitização – designada pela exclusão dos torcedores de menor poder aquisitivo dos estádios.

Na TG as principais compreensões apresentadas foram: Desenvolvimento do futebol - o qual pode ser ilustrado em afirmações como:

“É a revolução do esporte no país, algo necessário e positivo” (#38, masculino, 47 anos).

Conforto e segurança.

“Trazer mais público, que paga por um evento de qualidade, mais conforto, banheiros limpos, cadeira numerada” (#36, masculino, 40 anos).

Infraestrutura.

Corrupção.

“A crise de hoje é por causa dessas reformas/construções” (#101, masculino, 53 anos).

Decadência do futebol.

“Piora o futebol, porque investem apenas nos times ‘grandes’ e os estádios do interior não recebem nenhum investimento público. Isso aumenta a desigualdade entre os clubes” (#91, masculino, 36 anos).

Elitização.

“Está estragando o futebol, transformando-o em espetáculo” (#6, masculino, 30 anos).

Além dessas categorias, algumas falas isoladas chamaram nossa atenção. Precisamos ter cautela com alguns discursos muito entusiasmados, muito inflamados. Temos como exemplo:

“Crescimento cultural do brasileiro, mostrar o certo, o novo modelo de rentabilidade para os clubes” (#4, masculino, 30 anos).

Como dizia Nelson Rodrigues, o brasileiro e seu “complexo de vira-lata”. Pensamos neste trabalho que o *status* de uma tendência importada dos grandes centros mundiais, como Europa e Estados Unidos assume no imaginário popular, especificamente no caso brasileiro, uma denotação quase sempre positiva. Por vezes, sem que haja reflexão sobre o assunto. O Brasil produz coisas positivas e negativas, assim como Europa e Estados Unidos. Os próprios conceitos de ‘positivo’ e ‘negativo’ não são consensuais. Portanto, não consentimos com a ideia de que, incorporar um modelo externo, seja por si, o ‘crescimento cultural do povo brasileiro’.

Na TV as principais compreensões foram:

Conforto e segurança.

“Melhoria de condições de acesso e conforto para os torcedores” (#60, masculino, 54 anos).

Desenvolvimento do futebol.

“Maiores investimentos no futebol brasileiro” (#13, masculino, 54 anos).

Infraestrutura.

“Reformular, colocar nossos estádios no estilo dos europeus” (#65, masculino, 18 anos).

Corrupção.

“Desperdício de dinheiro, houve redução do público depois da Copa” (#21, masculino, 64 anos).

Decadência do futebol.

“Investem nos estádios e não nos clubes. Aí o nível dos clubes fica muito fraco, e os jogos ruins” (#34, masculino, 48 anos).

Elitização.

“Reforma, jeito de tirar as pessoas ruins do estádio, aumentando o preço” (#22, masculino, 21 anos).

Na segunda questão perguntamos se percebiam diferenças entre estádios e arenas (82,2% responderam positivamente) ⁵⁷. Também se constituiu enquanto questão aberta. Tanto para TG quanto para TV, as principais compreensões apresentadas em ordem decrescente de frequência, foram: 1) conforto e segurança – caracterizada por melhorias para os torcedores, principalmente no que tange ao aumento do conforto e da sensação de segurança.

“Clube lucra mais com isso (arena), porque oferece mais conforto e segurança” (TG#24, masculino, 49 anos).

“A acessibilidade, ângulo de visão, conforto, cadeiras, é tudo melhor na arena” (TV#66, feminino, 63 anos).

“Maior segurança e conforto na arena melhora a qualidade do espetáculo” (TV#14, masculino, 34 anos).

2) Infraestrutura e organização - definida por melhorias físicas na infraestrutura dos estádios de forma geral, organização espacial, colocação de cadeiras nas arquibancadas, melhorias nos acessos do estádio, presença de funcionários para orientar os torcedores, etc.

“Na arena é tudo certinho, tem cadeira numerada, tudo é organizado e limpinho” (TG#80, masculino, 45 anos).

“A arena é menor que o estádio, e fica mais vazio” (TV#96, feminino, 28 anos).

“Arena não tem a ‘geral’, era o lugar do povão” (TV#55, masculino, 68 anos).

A extinção da geral nas novas arenas não passou despercebida pelos torcedores, na perspectiva de ser considerado como um dos espaços mais democráticos dentro dos estádios.

3) futebol *versus* espetáculo – designada no sentido das arenas serem espaços multiuso, enquanto os estádios são exclusivamente espaços dedicados ao futebol.

“Estádio é para jogar futebol, arena é shopping” (TG#7, masculino, 51 anos).

⁵⁷ Para os demais (17,8%), o preenchimento do formulário se encerrou neste ponto; TG – 77,55%; TV – 86,21%.

“Arena possui vários usos, estádio é específico para futebol” (TV#31, masculino, 21 anos).

Na TV ainda surgiu uma quarta categoria, embora com baixa frequência:
4) comportamento da torcida – caracterizada pela redução nos casos de violência e conflitos ocasionados pelos torcedores em geral dentro das arenas.

“Nas arenas as pessoas são mais educadas” (#13, masculino, 54 anos).

Na terceira questão para aqueles que percebiam diferenças, perguntamos se o Farião ou Castor (de acordo com a cidade), se tratava de um estádio ou arena. O resultado está apresentado na tabela 3.14.

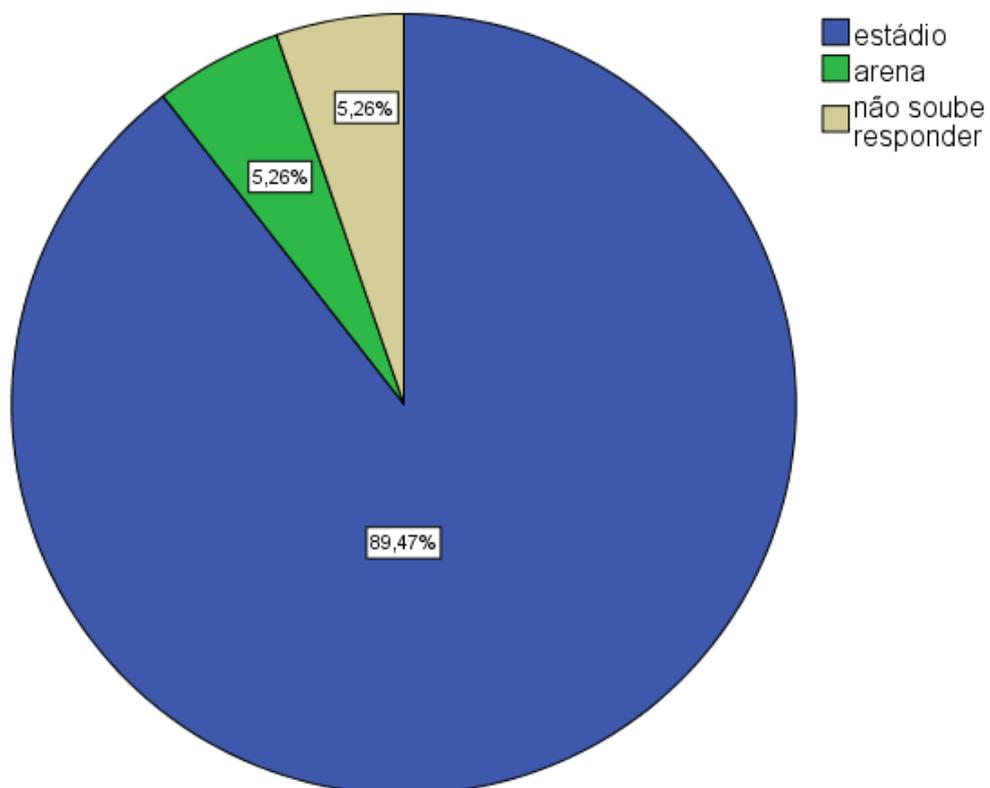
Tabela 3.14
O Castor/Farião é estádio ou arena

	Frequência	Porcentagem válida
Estádio	73	83,0
Arena	12	13,6
Não soube responder	3	3,4
Total	88	100,0
Ausentes	19	
Total	107	

Fonte: Elaborada pelos autores da dissertação.

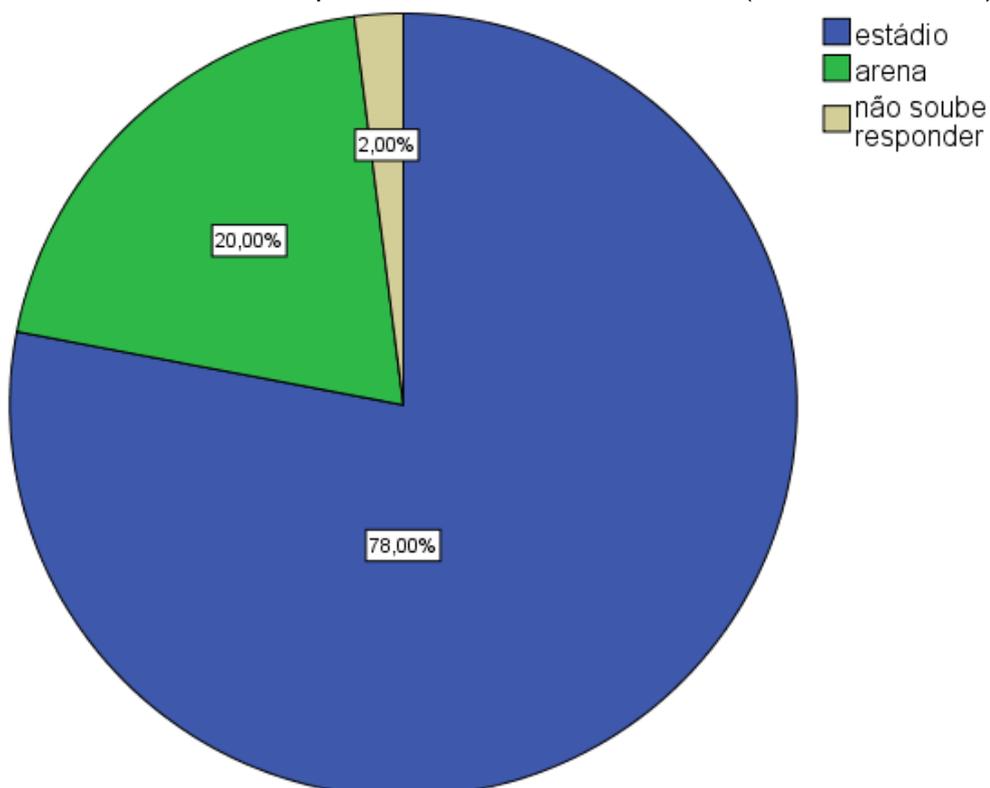
Na tabela geral a maior frequência encontrada foi de torcedores que classificaram o local como estádio (83%). Entre os que classificaram como Arena, foram recorrentes argumentos como: “porque é pequeno”, “porque o torcedor fica próximo ao campo”; visões estas que vão de encontro a concepção estabelecida neste trabalho. Algumas diferenças foram percebidas ao comparar estes resultados entre as torcidas.

Gráfico 3.17 – Aqui é estádio ou arena - em % (torcedor do Guarani)



Fonte: Elaborado pelos autores da dissertação.

Gráfico 3.18 - Aqui é estádio ou arena - em % (torcedor do Villa)



Fonte: Elaborado pelos autores da dissertação.

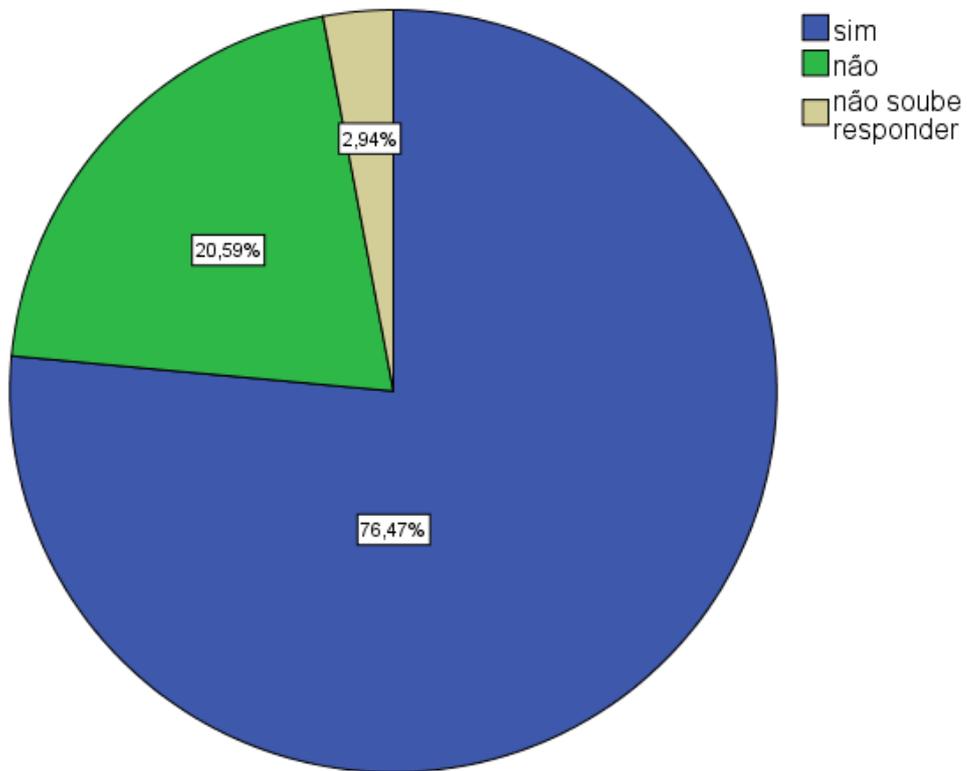
Para os que disseram se tratar de um estádio (83%), perguntamos se numa eventual reforma que transformasse o estádio em arena seriam favoráveis ou contrários. A tabela 3.15 ilustra as respostas obtidas.

Tabela 3.15
Gostaria que se tornasse arena

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	58	79,5
Não	14	19,2
Não soube responder	1	1,4
Total	73	100,0
Ausentes	34	
Total	107	

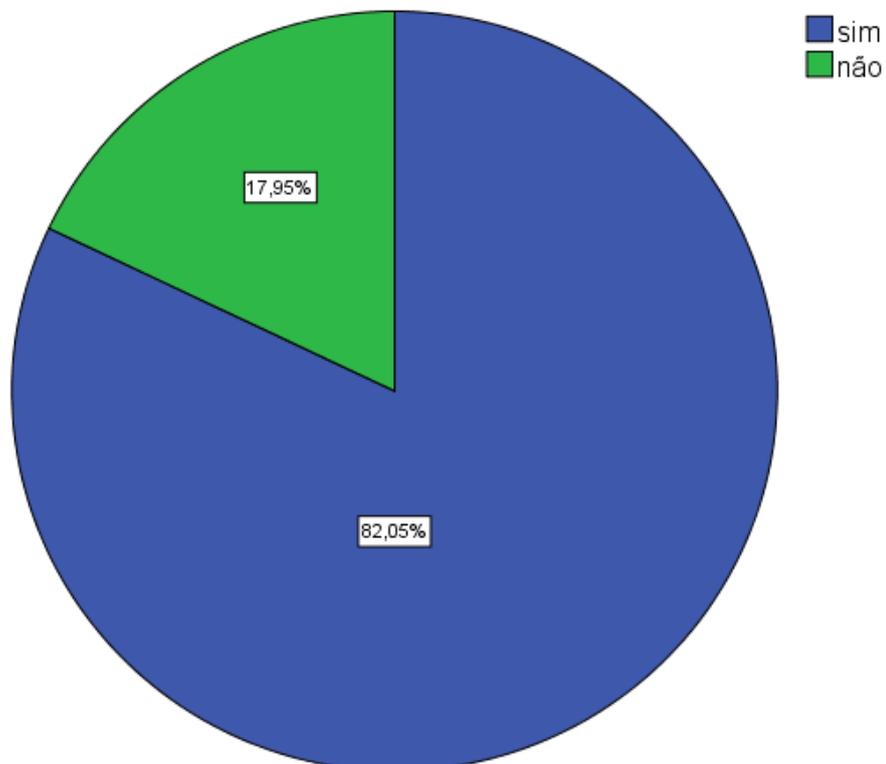
Fonte: Elaborada pelos autores da dissertação.

Gráfico 3.19 – Gostaria que se tornasse arena - em % (torcedor do Guarani)



Fonte: Elaborado pelos autores da dissertação.

Gráfico 3.20 – Gostaria que se tornasse arena - em % (torcedor do Villa)



Fonte: Elaborado pelos autores da dissertação.

Nesse sentido, perguntamos aos torcedores o porquê da escolha. Entre os favoráveis, para TGV as principais motivações apresentadas foram: 1) o clube - relacionada ao aumento da receita, portanto, positivo. 2) a torcida - definida por usufruir de maior conforto durante os jogos. 3) a cidade – designada por aumentar sua visibilidade a nível nacional e atrair maiores investimentos. Entre os contrários, para TGV as principais motivações foram: 1) elitização – relacionada ao fato de que com a elitização dos torcedores, alguns torcedores não poderiam mais frequentar o estádio. 2) tradição - definida pelo “jeito” de torcer que seria modificado, visto que os torcedores teriam que se comportar melhor.

Para a TG, entre os favoráveis, as principais motivações foram: o clube.

“Mais renda para o time melhorar a estrutura. Mais famílias, crianças e idosos indo ao estádio” (#37, masculino, 34 anos).

A cidade.

“Divinópolis não tem muitas opções de lazer, as pessoas gostam de futebol e *shows*” (#106, masculino, 36 anos).

A torcida.

“Mais visibilidade para a cidade e mais conforto para a torcida” (#107, masculino, 45 anos).

Entre os contrários: elitização.

“Afastaria o verdadeiro torcedor, igual aconteceu em Belo Horizonte (Mineirão)” (#24, masculino, 49 anos).

Tradição.

“Tira o romantismo do futebol, futebol precisa de arquibancada, de alambrado” (#27, masculino, 39 anos).

Para a TV, entre os favoráveis, as principais motivações foram: o clube.

“Enquanto o estádio for este, o Villa será pequeno. Ele limita o crescimento do time” (#94, masculino, 29 anos).

A torcida.

“Iria atrair o torcedor mais jovem (idade) e aumentar a torcida do time” (#14, masculino, 34 anos).

A cidade.

“Desde que não seja com dinheiro público. Atrairia mais investimentos para a cidade” (#12, masculino, 71 anos).

Outras afirmações se destacaram.

“O campo é muito antigo, deixou de atrair clubes da capital por causa da estrutura e iluminação” (#32, masculino, 69 anos).

“O clube merece uma arena condizente com a sua tradição” (#18, masculino, 70 anos).

É interessante observarmos o quanto o interesse dos torcedores pela construção de uma arena moderna, centra-se no “bem do clube”, e não essencialmente no “bem da torcida”. Entre os contrários da TV: tradição e elitização surgiram como as duas principais categorias apontadas. Diante todos os dados apresentados e discutidos até aqui, percebemos que de maneira geral, para TGV as diferenças entre estádios e arenas, bem como as normas de condutas que regem cada um desses espaços, parecem estar claras.

Martin Curi (2013) ao estudar legados de megaeventos esportivos no Brasil⁵⁸ destaca seus impactos não apenas no plano do local, mas no municipal, nacional e internacional. Pois, a realização de tais eventos abre possibilidade à propagação da imagem da cidade, estado, e país, para o restante do mundo. Os megaeventos não são apenas de interesse local, pelo contrário, são produtos globalizados. É a possibilidade do anfitrião se apresentar perante o mundo, ao passo que é influenciado por ele através de tendências globais (CURI, 2013).

A decisão de sediar (ou não) eventos de tal pujança divide opiniões. Principalmente porque tanto aqueles que são favoráveis quanto os contrários, são capazes de apresentar argumentos e dados convincentes, sobretudo de

⁵⁸ Referindo-se especificamente a três eventos: Jogos Pan-Americanos de 2007, Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016.

caráter financeiro, sobre tal proposta; de acordo com o ponto de vista de cada um. A comissão organizadora, membros das federações esportivas, políticos, entre outros, apresentam os megaeventos como positivos, uma forma de acelerar o crescimento do país, gerar empregos para a população, enfim, apresentam legados incalculáveis. Para estes agentes, especialmente, os megaeventos esportivos representam a possibilidade de aumentar sua projeção e influência a novos patamares (CURI, 2013).

Neste processo, o megaevento gera produtos comercializáveis: ingressos para os jogos, *souvenirs*, visitas nos estádios, uma larga variedade de produtos personalizados, *status* (pela noção de pertença a um evento que atrai interesse global), etc. Além disso, a visibilidade atraída pelo espetáculo pode proporcionar o aumento dos investimentos financeiros na região. Seja pelas empresas que buscam se estabelecer em locais estratégicos, e oferecer seus serviços durante o período de realização das festividades (ou mesmo em longo prazo); seja pelas grandes imobiliárias que usufruem da valorização dos imóveis (CURI, 2013).

Na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, várias obras de infraestrutura foram realizadas no entorno do Engenhão, como: renovação e ampliação da estação de trens, pavimentação de ruas, arborização, sinalização pública, etc. Se por um lado a construção do estádio (e das demais obras que vieram em concomitância) traz os benefícios já mencionados, por outro, estes espaços se tornam um incômodo para a vizinhança (principalmente moradores). Uma vez que além de não poder desfrutar do local em dias de semana, passam a conviver com o aumento significativo do barulho, do tumulto e das eventuais confusões que o local atrai em dias de eventos. Há também o eminente risco de desapropriação dos moradores com baixo poder aquisitivo em decorrência da inflação imobiliária (CURI, 2013).

Apesar deste panorama, Curi (2013) constatou que os moradores demonstram ter recebido as obras com satisfação. Assim que, o resultado deste conjunto de obras contribuiu para a melhora da autoestima dos residentes na área, apesar de uma provável diminuição da qualidade de vida. Analisar este fenômeno é complexo, envolve uma mescla de fatores que não podem ser encaixotados na dicotomia positivo/negativo, no que podemos dizer

que a construção do Engenhão gerou consequências dúbias para o bairro e seus moradores.

A conversão de estádios em arenas (bem como a construção destas) são decisões políticas que envolvem diversos agentes e que representaram (e ainda representam) grande parcela das chamadas obras de infraestrutura para ocorrência destes megaeventos. Ademais das perspectivas econômicas e urbanísticas, a modernidade, o progresso e a corrupção são categorias emergentes nos debates (CURI, 2013). Nesta perspectiva, acreditamos que guardadas as particularidades, relações análogas possam ser estabelecidas entre os destaques feitos com relação aos megaeventos, e os impactos ocasionados pelas arenas multiuso no Brasil, sobretudo às surgidas em decorrência da Copa do Mundo de Futebol de 2014.

Para saber se os torcedores possuíam alguma vivência em arenas, mesmo que mínima, ou se opinavam com base em outras vias, que não as suas próprias experiências, realizamos três perguntas: na primeira o objetivo foi saber se os torcedores já haviam assistido partidas de futebol nas novas arenas multiuso (83,9% responderam positivamente)⁵⁹; na segunda, perguntamos em qual arena haviam assistido, para detectar possíveis divergências no entendimento de arena; por fim, perguntamos em que ano haviam assistido aos jogos, para verificar se correspondia ao período de implementação das arenas no Brasil, distinguindo assim “velho Mineirão” de “novo Mineirão”, “velho Maracanã” de “novo Maracanã”, por exemplo. Nesta terceira, todas as respostas corresponderam a um período entre 2013-2016. A tabela 3.16 ilustra as respostas obtidas para a segunda questão.

⁵⁹ TG – 76,32%; TV - 89,8%.

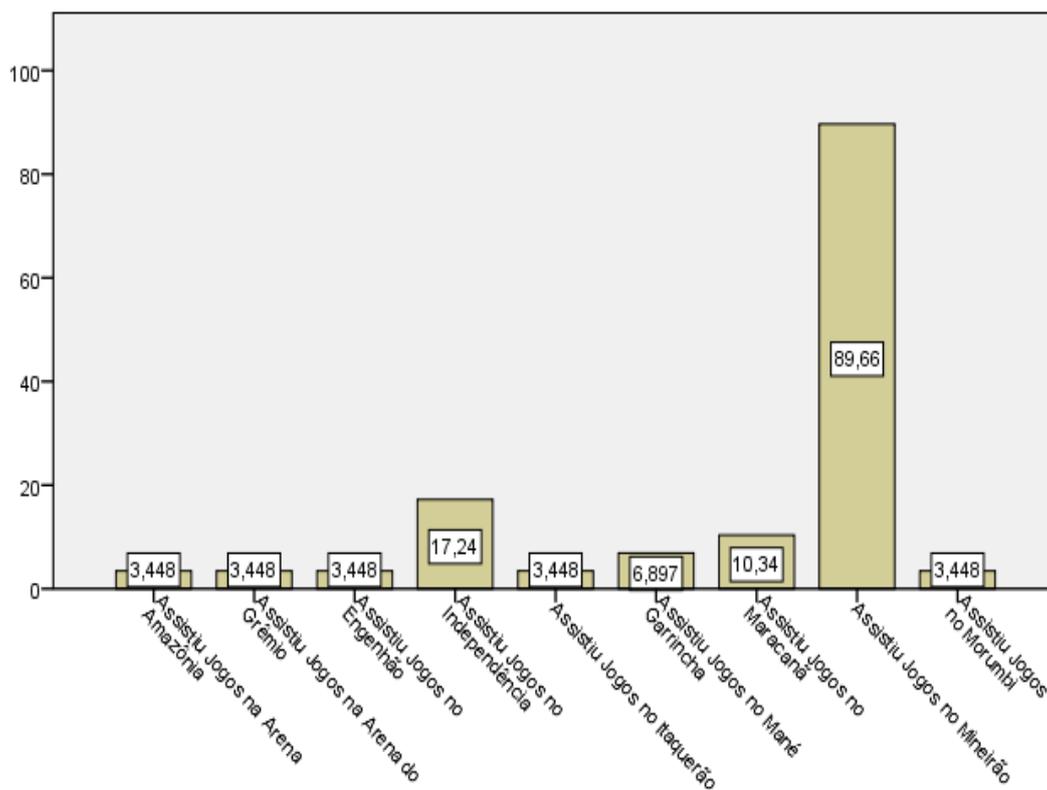
Tabela 3.16
Em quais arenas assistiu jogos

	Respostas N	Porcentagem de casos
Assistiu no Mineirão	60	82,2%
Assistiu no Independência	27	37,0%
Assistiu no Maracanã	6	8,2%
Assistiu no Mané Garrincha	3	4,1%
Assistiu na Arena do Grêmio	2	2,7%
Assistiu no Itaquarão	2	2,7%
Assistiu na Fonte Nova	2	2,7%
Assistiu na Arena Amazônia	1	1,4%
Assistiu na Arena do Jacaré	1	1,4%
Assistiu na Arena Pantanal	1	1,4%
Assistiu no Castor Cifuentes	1	1,4%
Assistiu no Engenhão	1	1,4%
Assistiu no Morumbi	1	1,4%
Total	108	147,9%

Fonte: Elaborada pelos autores da dissertação.

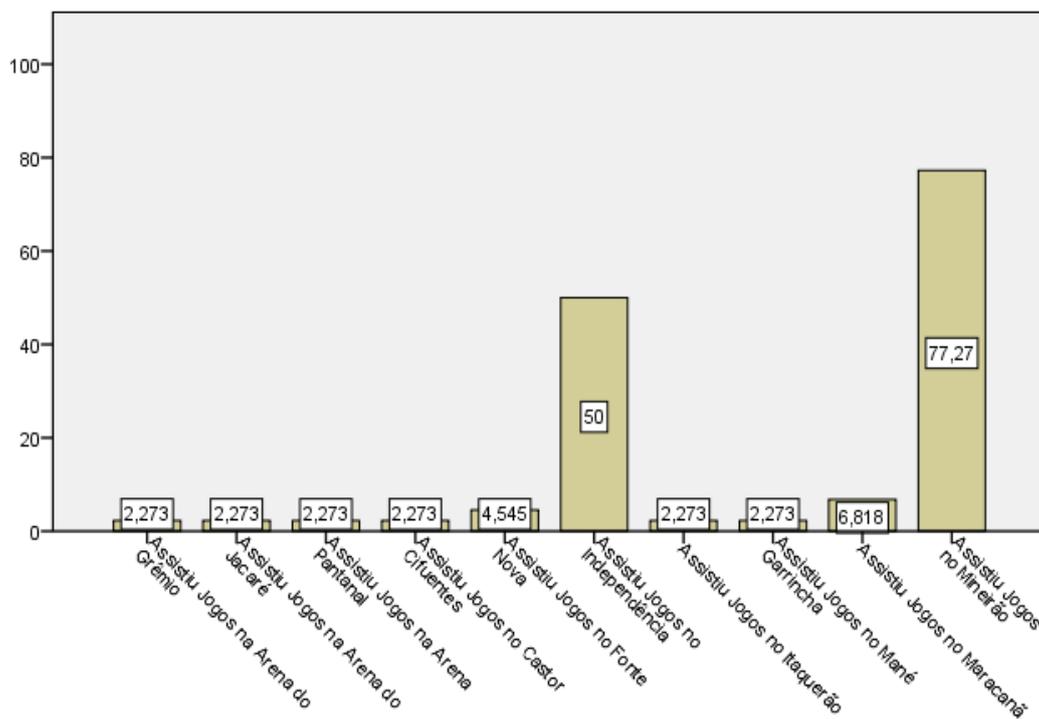
De forma geral os espaços citados se enquadram na concepção de arena aqui estabelecida, apenas 4,2% dos torcedores mencionaram locais que entendemos como estádio. A saber: Castor Cifuentes, Morumbi e Arena do Jacaré. Este último, apesar de ser reconhecido popularmente como arena é oficialmente nomeado como Estádio Joaquim Henrique Nogueira, e não se enquadra na lógica das arenas multiuso que aqui abordamos.

Gráfico 3.21 – Em que arena assistiu jogos - em % (torcedor do Guarani)



Fonte: Elaborado pelos autores da dissertação.

Gráfico 3.22 - Em que arena assistiu jogos - em % (torcedor do Villa)



Fonte: Elaborado pelos autores da dissertação.

Nesse sentido, perguntamos aos torcedores os pontos positivos e negativos observados na(s) arena(s). Entre os pontos positivos, tanto para TG quanto para TV os principais destaques foram: 1) conforto/segurança. 2) estrutura/organização. Na TV ainda surgiu uma terceira categoria, embora com baixa frequência: 3) ausência de pontos positivos.

Entre os pontos negativos para TGV as principais reclamações foram: 1) estacionamento – relacionada à redução do número de vagas disponíveis no estádio e, a grande distância dos estacionamentos alternativos. 2) nenhum. 3) altos custos - designada pelos altos valores dos ingressos e alimentos no estádio. 4) extinção da geral - associada a redução da capacidade de público. 5) alimentos - relacionada a baixa qualidade dos alimentos comercializados dentro das arenas. 6) organização – designada a insatisfação com a organização, pois alegam faltar funcionários capacitados para dar informações corretas. 7) controle – associada às restrições impostas aos torcedores, por meio de outros torcedores que mandam se assentar e pelos seguranças privados que solicitam que tirem os pés das cadeiras.

Entre os pontos negativos para TG foram: nenhum; altos custos; extinção da geral; estacionamento; alimentos; e, controle. Para TV foram: estacionamento; nenhum; altos custos; organização; extinção da geral; alimentos; e, controle.

No estudo realizado por Priscila Campos (2016), os resultados encontrados foram similares. Os três aspectos melhor avaliados pelos torcedores após a reforma do Mineirão foram, conforto, segurança e organização. Por outro lado, no que se refere aos aspectos negativos da reforma do estádio, foram apontados que, estacionamento, ingresso e alimentação estavam entre as principais reclamações. Dando ênfase a questão do valor dos ingressos e alimentação, a autora destacou a representatividade da insatisfação com o estacionamento nos resultados.

A última questão teve como finalidade investigar se os torcedores percebem que o fato de estar em uma arena ou em estádio interfere no comportamento da torcida durante os jogos. A maior frequência foi de torcedores que acreditam nessa interferência (56,3%)⁶⁰.

⁶⁰ TG – 55,26%; TV - 57,14%.

Por fim, perguntamos como esta interferência pode acontecer. Tanto para TG quanto para TV houve uma ideia central: vigilância – pautada na ideia que na arena o torcedor é mais comportado⁶¹ porque tem regras, dessa forma é mais seguro que o estádio.

“Arena é mais rígido, a pessoa perde a liberdade de torcer. Na arquibancada (estádio) é diferente” (TG#27, masculino, 39 anos).

“Segurança na arena é melhor, tem câmeras, selecionou as pessoas, ter tirado as bebidas alcoólicas⁶² também ajudou” (TV#84, masculino, 52 anos).

Em proporção inferior, surgiram duas outras categorias, para ambas torcidas: 1) festa - associada pela concepção de que na arena tem menos festa da torcida, menos utilização de bandeiras e sinalizadores.

“As regras de segurança são diferentes, no estádio é permitido foguetes e bandeiras” (TG#04, masculino, 30 anos).

“Aqui (estádio) o torcedor fica mais perto do campo e apoia mais o time” (TV#71, masculino, 54 anos).

2) apoio – centrada na visão de que na arena a torcida demonstra mais apoio ao clube.

“Nas arenas as pessoas entusiasmam mais” (TV#63, feminino, 36 anos).

Outras falas se destacaram também.

“No estádio o torcedor pode torcer de maneira mais livre” (TG#2, masculino, 32 anos).

“Nas arenas o torcedor precisa comportar mais, estádio tem menos controle” (TV#13, masculino, 54 anos).

⁶¹ Os participantes desta pesquisa sugeriam que esse torcedor “comportado”, assim o é, pelas repressões que ocorrem dentro do estádio e pelo público mais elitizado, mais “família”. Portanto se ouvem menos xingamentos e os torcedores assistem aos jogos sentados.

⁶² Durante o período de coleta em 2015, a venda de bebidas alcoólicas era proibida no interior dos estádios. Entretanto, em agosto do mesmo ano o Governo do Estado liberou a comercialização dentro dos estádios do estado. Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/mg/noticia/2015/08/serveja-liberada-venda-recomeca-no-mineirao-domingo-que-vem.html> >. Acesso em: 05 de jul. 2016.

O viés do controle e da regulação dos corpos tem se dado de tal maneira nas novas arenas, que o torcedor periférico, por vezes, declara que o estádio “comum” é uma “terra sem lei”.

Campos (2016) ao analisar as formas de uso e apropriação do Mineirão, após a sua conversão em arena, percebeu que a adoção de uma Parceria Público-Privada (PPP) para gerenciar o estádio, o transformou em uma empresa. Como tal, o espaço assumiu um papel atuante na busca por capital de investimento. Passando a ter regras mais rigorosas, tanto no trato com os torcedores quanto com os clubes. Ou seja, se aqui falávamos em torcedores-consumidores, nesse processo os clubes também se tornaram alvos do mercado. Por esta ótica, o clube se torna mais um cliente desse mercado. Assim que, estes espaços são cada vez mais transformados em mercadorias e a sua apropriação ocorre na perspectiva do consumo.

Campos (2016) destacou que, para os torcedores que frequentam o Novo Mineirão existe um imaginário coletivo pautado na ideia de que há relação direta entre aumento do valor dos ingressos e a mudança de comportamento dos torcedores presentes no estádio. Ou seja, os torcedores acreditam que a melhora do comportamento da torcida durante os jogos, nesse caso representado principalmente pela redução dos casos de violência registrados durante os jogos, se deu pela presença de torcedores com maior poder aquisitivo. Ditos mais civilizados. Entretanto, não podemos deixar de considerar os mecanismos de controle passaram a ser utilizados nas arenas multiuso, conforme já exploramos aqui. Quer pelo aumento das câmeras de vigilância, quer pela presença da segurança privada ou dos serviços de apoio ao torcedor, o novo conceito de estádio-empresa se mostra opressor (CAMPOS, 2016).

Arlei Damo (2013) também nos alertou para o processo de elitização em curso nas arenas multiuso, talvez a temática que gere a maior controversa no que diz respeito à modernização dos estádios. Não podemos esquecer que além das doze arenas que foram utilizadas para a Copa do Mundo de 2014, outros (as) estádios/arenas veem paulatinamente sofrendo com a redução de sua capacidade. A redução da oferta, leva ao aumento dos valores cobrados para se assistir aos jogos nas arenas “padrão FIFA”.

Como demonstrativo, comparamos os dados do CNEF de 2009 (versão mais antiga localizada) com os de 2016. O percentual de estádios com capacidade para 40 mil ou mais lugares caiu de 5,4% para 3%. O estádio Serra Dourada (GO) que possuía capacidade de 50.049, agora conta com 42 mil lugares. O estádio Castelão (MA) que possuía capacidade de 75.263, agora conta com 40.149 lugares. O estádio Mineirão (MG) que possuía capacidade de 75.783, agora conta com 61.846 lugares. O estádio Maracanã (RJ) que possuía capacidade de 82.238, agora conta com 78.838 lugares⁶³. Entre tantos outros que tiveram suas capacidades reduzidas.

É importante destacar que uma das ferramentas utilizadas para a redução da capacidade dos estádios, foi à extinção do setor conhecido como “geral”. Espaço mais popular e democrático, próximo ao campo, e que normalmente se destinava aos torcedores com menor poder de compra. Atualmente (2016) incrementado com cadeiras confortáveis e com uma visão privilegiada do espetáculo, tal espaço se tornou um dos mais valorizados nas novas arenas. A mudança de perfil das pessoas que hoje ocupam este setor é perceptível a olho nu (DAMO, 2013).

[...] As imagens de pessoas de camadas populares – com rádios no ouvido, sem camisa, bebendo no gargalo, entre outras – desapareceram das transmissões, pois agora as mesmas câmeras captam homens e mulheres bem trajados, de sorriso perfeito, pele e cabelos tratados. A reconfiguração do público nos estádios privilegia estratos mais abastados, de classe média-alta e da elite, em detrimento das classes populares (DAMO, 2013, p.55-56).

Em termos de receita para os clubes, o aumento no valor dos ingressos não apenas compensou a redução de público, como projetou maior lucratividade. Afinal, espera-se que um público economicamente favorecido consuma outros produtos que não apenas o jogo em si. Estacionamento e alimentação são integrantes deste *hall* de mercadorias. Embora não explicitem esta intenção, os gestores das arenas multiuso estão protagonizando um processo de higienização nestes espaços, distanciando os torcedores que consomem pouco ou que causam aborrecimentos. Contudo, a “substituição” do

⁶³ Apenas como ilustração, em uma busca rápida pela internet (sites variados) pudemos ver que o recorde de público nestes estádios está bem acima de suas capacidades atuais. Serra Dourada - 78 mil (em 1978), Castelão - 98 mil (1998), Mineirão - 133 mil (1997), e Maracanã - 195 mil (1950). (valores estimados e arredondados).

perfil atual pelo perfil “ideal”, almejada pelos administradores, é um processo que pode levar anos (DAMO, 2013).

O que percebemos não é a inclusão de um novo público, é a retirada de outro. Pois, os torcedores que hoje acompanham os jogos de seu clube nas arenas, em grande parcela, já o faziam nos antigos estádios. Embora os gestores desejem interferir no comportamento da torcida, o processo não ocorre sem que haja resistência.

O processo de confronto entre o novo e o “velho” promove transformações e também preservações. Dessa maneira, o espaço reforça seu sentido como um requisito necessário, um instrumento e um produto das reproduções sociais. Parece-nos claro que a cidade se reproduz, de forma contínua. Requisito indispensável ao desenvolvimento do capitalismo. A partir dos processos de produção, distribuição, troca e consumo, há a continuidade da sua reprodução (CARLOS, 2001). Temos assim, uma espécie de “mercantilização do espaço”.

Portanto, detectamos a tendência que se instaura a partir da vida cotidiana como produtora de lugares nas cidades: o cotidiano como elemento pertencente à reprodução no mundo moderno. Tal tendência se concretiza pela adoção de novos modelos culturais e comportamentais nos espaços da cidade. Fato que confronta as novas práticas, em certa medida, compreendidas como mercadorias globais, com as práticas peculiares que dão sentido às localidades (CARLOS, 2001). No caso de nosso objeto de estudo, a transformação de estádios em arenas e suas implicações no modo do torcedor se relacionar com o lugar.

Os novos padrões se encaminham num movimento do externo, global, para o interno, local. Estes se baseiam em valores quase sempre mercadológicos, de consumo desenfreado, e que pretendem universalizar as práticas humanas, impactando na multipluralidade das construções sociais. Neste cenário, a mídia exerce papel central ao priorizar e difundir certas vivências e comportamentos em função de outros, subjugadas e subvalorizadas (CARLOS, 2001). Assim, trazendo o global para o local, como acrescenta Campos (2016),

[...] Pela televisão, as pessoas, independentemente da classe social, são expostas à lógica do consumo por meio da publicidade que ensina o que ter, o que usar e o que desejar, oferecendo uma gama de bens simbólicos e serviços (CAMPOS, 2016, p. 241).

Damo (2013) contribui para o avanço da discussão ao reforçar a relevância da mídia esportiva como produtora de informações para os torcedores, seja ela, digital, impressa, radiofônica ou televisiva. Embora seja a televisiva a que mais proporciona retorno financeiro para a entidade máxima do futebol, a FIFA, todas elas contribuem à sua maneira. Uma vez que são as ‘mídias esportivas’, que no Brasil quase sempre podem ser traduzidas em ‘mídias futebolísticas’, que elaboram as narrativas audiovisuais e escritas que registram os jogos em toda sua espetacularização (verdadeiras tramas) para um grande número de pessoas (DAMO, 2013).

As empresas televisivas que se tornam parceiras comerciais das entidades ligadas ao futebol, são as mais susceptíveis a alinhar seus discursos com as mesmas. Afinal, a compra dos direitos de imagem de transmissão configura-se como um negócio de risco, em que a espetacularização do futebol é uma ferramenta utilizada para atrair a audiência, sendo esta convertida em lucro através dos grandes patrocinadores. Nas demais emissoras televisivas são mais recorrentes discursos que vão de encontro àqueles disseminados pelas grandes fomentadoras do futebol espetáculo. Entretanto, mesmo nestas, a propagação de ideias hegemônicas incide com mais veemência do que sua contestação; por vezes. A mídia esportiva, em geral, reproduz discursos engajados, focando-se em disseminar valores do esporte: coletividade, superação de limites, competitividade, eficácia, entre outros. (DAMO, 2013).

Em oposição aos discursos oficiais existem outros que concebem as narrativas em torno dos gastos (não considerados como investimentos) públicos com estádios e outras obras mais, e indagam a quem estes equipamentos estão direcionados: a elite do futebol brasileiro e alguns poucos setores da economia. Este papel tem sido desempenhado em grande parte pelas mídias alternativas: redes sociais, internet, rádios comunitárias, jornais impressos de menor circulação, periódicos acadêmicos, e, em alguns casos, mesmo na mídia convencional (DAMO, 2013).

Produzido enquanto mercadoria, paulatinamente o espaço tem sido incluído na pauta de diferentes setores da economia, sobretudo, pelo seu valor de troca. As maneiras de ocupação do espaço são gradativas, o que explica as tentativas das grandes instituições, como a FIFA, de vendê-lo enquanto uma mercadoria, direcionado para determinados usos e ocupações, fragmentado, vigiado, polido, e claro, reproduzível. Nesse novo contexto, o lugar da vida e das construções sociais, transforma-se em lugar do capital, adquire um viés de espaço esquecido em uma relação direta com um tempo quase sempre, transitório. Redefinindo assim, as relações outrora estabelecidas (CARLOS, 2001).

Esse espaço homogêneo limita os usos e os modos de vida. Por trás dele e de sua intencionalidade, aparentemente neutra, se esconde um sentido político, como meio de dominação (CARLOS, 2001). Contrastante com a maneira que entendemos os estádios de futebol, lugar de lutas e reivindicações sociais, da livre manifestação dos povos. Como consequência, o local se apresenta cada vez mais globalizado, menos diverso, menos identitário.

Nos causa espanto constatar que os TGV apoiam a iniciativa de modernização do Farião e do Castor Cifuentes, principalmente por estarem cientes dos riscos que tal obra possa causar na sua frequência ao lugar. Tratados como mercadoria, gradativamente os espaços têm seus valores estabelecidos pela lógica econômica, um processo que elimina a durabilidade das relações e promove um esvaziamento dos valores sociais. Assim que, as formas de apropriação e de uso dos espaços, se sujeitam, em escala crescente, aos interesses do capital. Estamos diante de um severo processo que deforma identidades e restringe os corpos, onde o valor de troca predomina sobre o valor de uso dos espaços. Uma tendência crescente no mundo globalizado (CARLOS, 2001).

No imaginário social a adequação a uma noção de modernização sempre esteve presente, algo a ser perseguido. No início do século XX o futebol chegou ao Brasil como uma prática moderna. No início da década de 1920 o América Mineiro inaugurou seu moderno estádio, com capacidade para 5 mil pessoas, uma revolução. Pelos inadequados estádios que existiam em Belo Horizonte, foi inaugurado o moderno estádio Independência em 1950. No

ano de 1965 é inaugurado o Mineirão – apelidado como “Gigante da Pampulha”, segundo maior estádio do mundo e um dos mais modernos.

Com a onda de modernização que se instalou no país no final da década de 1990, o Mineirão foi interditado para obras em 2010 a fim de se modernizar. Essa “tal modernidade”, embora pareça inalcançável, figurou (e ainda figura) entre os principais motivos que levaram às reformas nestes lugares tão caros para nós, os estádios de futebol, desde os primeiros campos de terra em lotes baldios destinados a prática esportiva no país.

Com os estádios, vemos que a tendência de globalização de um modelo considerado mais “adequado” de apropriação e uso dos espaços está posta. Surgida na Inglaterra, difundida pela Europa, enfim, pelo restante do mundo. Chegou ao Brasil tendo no estado do Paraná plantada sua primeira raiz, com a reformulação do estádio do Clube Atlético Paranaense. Vivemos tempos líquidos, em que predomina o supérfluo, o reciclável, o momento, em que cada vez mais o modelo hegemônico se difunde.

Os indivíduos se reconhecem nos espaços onde circulam, onde estabelecem relações, se organizam, e assim, formam sua identidade enquanto torcedores. Para isso, o sentir, o cheirar, o tocar, o ouvir, se tornam importantes elementos para se experimentar e vivenciar o espaço ao longo do tempo. Entretanto, o processo de mercantilização dos espaços acarreta na modificação da relação tempo-espaço, inserindo uma nova lógica na relação dos indivíduos com os espaços, uma lógica que não respeita as particularidades do global. Pelo contrário, busca impor a lógica global formando assim, as identidades abstratas (CARLOS, 2001).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pretensão com este trabalho foi analisar a vivência dos torcedores de estádios periféricos diante do processo de modernização dos estádios brasileiros. Especificamente investigar como se configuram as práticas do torcer pelos torcedores do Villa Nova de Nova Lima e do Guarani de Divinópolis em seus respectivos estádios; analisar a percepção que os torcedores de estádios periféricos têm sobre estádios e arenas; analisar em que o processo de modernização dos estádios influenciou no comportamento dos torcedores que frequentam os estádios periféricos; e, verificar o perfil dos torcedores periféricos.

A ascendente inquietação dos dirigentes esportivos, da imprensa, e do poder público, com as construções e modernizações de estádios pelo país, evidenciam a importância da temática para estes atores. O discurso pela necessidade de se enquadrar às novas formas de torcer (mais comportadas), dentro (principalmente) e fora dos estádios, é recorrente no “universo” do futebol espetáculo. Nesse sentido, buscamos avançar à discussão, na intenção de compreender como se dão as relações e apropriações dos torcedores no contexto da modernização dos estádios, tendo como sujeitos os torcedores que se encontram fora do centro das mudanças. Os torcedores de estádios periféricos.

Objetivamos dar notoriedade e representatividade aos torcedores de estádios periféricos que, desde o surgimento do futebol, são pouco contemplados nos estudos sobre futebol. Sendo o futebol um importante fenômeno social em nosso país, suscetível a mobilizar milhares de pessoas dos mais diferentes grupos sociais, faixas etárias, classe social, etc. buscamos conhecer melhor o torcer nesta dada especificidade. Ato de torcer, o qual, aliado a dimensão temporal e às experiências adquiridas, caracterizou-se neste trabalho como prática de lazer.

Nossa empreitada foi árdua e as experiências proporcionadas pelo trabalho de campo, intensas. A realidade encontrada em muito destoava da nossa, do futebol da capital, “série A”, dos jogadores reconhecidos nacionalmente. Nossas inquietações iniciais convergiam na possibilidade de que tais torcedores teriam seus comportamentos alterados em função desse

processo global de modernização, mesmo que os estádios deles não tenham sido (até o momento) atingidos diretamente pela onda da modernização instaurada no Brasil (e em vários outros países). Essa suspeita não se confirmou, entretanto, vários outros apontamentos importantes se tornaram perceptíveis.

Pensando na importância de conhecer os sujeitos para melhor entender suas vontades e desejos enquanto torcedores, levantamos alguns dados do perfil sociológico dos mesmos. Constatamos que a presença de mulheres, assim como evidenciado em outros trabalhos, segue desproporcional nos estádios quando comparada à dos homens. Nossa amostra foi composta em quase sua totalidade por homens, nas mais variadas idades.

O predomínio, ainda que sutil, se encontra na faixa dos 40 aos 50 anos. Os sujeitos pesquisados, na maior frequência, são torcedores comuns (não pertencentes a torcidas organizadas), moradores da cidade (em muitos casos do bairro), possuem renda mensal individual entre um e dois salários mínimos e na grande maioria assistem aos jogos sozinhos (maior frequência) ou acompanhados por amigos.

Percebemos que de maneira geral, para TGV as diferenças entre estádios e arenas, bem como as normas de condutas que regem cada um desses espaços, parecem estar claras. Lidamos com torcedores que acompanham os jogos do clube, indo constantemente ao estádio. Inclusive, sendo esta a principal forma apontada para acompanhar os jogos do clube. A relação dos TGV com o clube é marcada por uma aliança que denota compromisso e amor.

Ir ao estádio implica estar junto nos bons e maus momentos, por ser este um lugar rico em significados. Além disso, os participantes dessa pesquisa são pessoas que buscam se relacionar com o futebol, mantendo-se atualizadas com relação às principais notícias de seus clubes, tendo como principal fonte a internet. Trata-se, portanto, de torcedores que conhecem os códigos envolvidos na relação torcedor estádio.

Ter conhecimento prévio sobre o contínuo processo de modernização que parte dos estádios brasileiros vem passando; perceber diferenças (independente do viés) entre estádios de futebol e arenas multiuso; e, entender o Farião/Castor Cifuentes como um estádio, foram alguns dos aspectos

fundamentais para forjar um panorama geral da compreensão dos TGV com relação a este processo global. Esses critérios foram contemplados na maioria dos casos.

Houve por parte destes grupos a compreensão de que arenas são projetadas para oferecer conforto, ao passo que os estádios não. Inclusive sendo esta a principal diferença apontada entre estádios e arenas, junto ao aumento da sensação de segurança. Aparentemente, a modernização dos estádios não vem influenciando no comportamento do torcedor que frequenta os estádios periféricos.

Porquanto vimos, existe uma tendência da reformulação dos lugares nas cidades, conforme destacou Carlos (2001). Como discutido no segundo capítulo, os dois clubes têm propostas para aquisição de Arenas. Reformulação do Farião no caso do Guarani, e a construção de um novo espaço no caso do Villa. Aliado a isso, os dados mostram que os torcedores também são favoráveis a estas transformações, as quais ainda não ocorreram em decorrência da falta de recursos financeiros que viabilizassem as obras. O que nos leva a duas importantes questões.

De fato, os torcedores estão conscientes dos impactos que tais modificações podem ocasionar ou estão influenciados pelos discursos miditáticos aos quais são bombardeados cotidianamente que colocam as arenas em “pedestais” como um bem “necessário” para o sucesso dos clubes? Segunda questão: porque mesmo cientes de todos os pontos negativos abordados, correndo inclusive o risco da exclusão da vivência cotidiana nestes espaços, os torcedores estão dispostos a se submeter a tal processo?

Não temos elementos suficientes para responder estas duas questões, mais investigações serão necessárias para responder às novas questões que surgiram ao final das análises. Sugerimos que novos trabalhos sejam realizados se debruçando em cima dessa importante temática. A partir dos dados e das análises realizadas tornou-se perceptível o quanto as relações dos TGV com as diversas faces do torcer são complexas e diversificadas.

As interações entre os sujeitos, seus tempos e espaços, e o torcer são de difícil compreensão e essa pesquisa de modo algum esgota as possibilidades de análise desses fenômenos. Entretanto, dá luz a muitas informações relevantes sobre as relações do torcer estabelecidas nesses

estádios, ao mesmo tempo em que levanta novas questões e apontam para outras possibilidades de trabalho.

As relações humanas são cada vez mais instáveis, menos duradouras e menos intensas. Reiterando nossa convicção do quanto o fenômeno futebol dialoga com a sociedade influenciando-a e sendo influenciada por ela, temos que nos ater com as mudanças, cada vez mais em curso, impactando na redução das diversidades, das particularidades, e do esvaziamento das relações humanas.

Apesar de tantas preocupações, não estamos aqui afirmando que está tudo perdido e que a transformação de estádios em arenas é trágica. Acreditamos sim que essas mudanças trazem consigo algumas melhorias. Como já exemplificado, a redução nos casos de violência dentro dos estádios, a maior presença de idosos, crianças e mulheres já constatadas nas arenas. Tivemos o intento de resgatar a importância de refletir sobre os aspectos envolvidos nestas transformações, para assim, respeitar a constituição dos modos de torcer tão característicos do povo brasileiro, em toda sua complexidade. Visando garantir sua continuidade.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Método: organização da análise. In: _____. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. p. 123-131.

BARRETO, Lázaro. **Memorial de Divinópolis: História do Município**. Divinópolis: Serfor, 1992. 268 p.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. **As formas de uso e apropriação do estádio Mineirão após a reforma**. 2016. 313 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; AMARAL, Sílvia Cristina Franco. A Copa do Mundo de Futebol de 2014 e o (novo) Mineirão. **RUA** [online]. Campinas, v. 1, n. 19, p. 40-55, mar. 2013.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O espaço e o tempo sociais no cotidiano. In: _____. **O Espaço Urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007. p. 49-54.

_____. Introdução. In: _____. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001. capítulo 1, p. 11-44.

CERETO, Marcos. **Arquitetura de massas: o caso dos estádios brasileiros**. 2003. 311 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

CHIÉS, Paula. “Eis quem surge nos estádios: é atalante! A história das mulheres nos Jogos Gregos”. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 12, n.3, p. 99-121, set-dez. 2006.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. Hinos de Futebol nas Gerais. **Revista Aletria**. Belo Horizonte, v. 22, n.2, p. 59-71, mai-ago. 2012.

COSTA, Leda Maria da. Futebol para poucos. **Ludopédio**. 2012. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/futebol-para-poucos/>>. Acesso em: 01 de jul. 2016.

_____. Vesti uma camisa e saí por aí: Madureira x CRB e os futebóis do Brasil. **Ludopédio**. 2015. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/vesti-uma-camisa-listrada-e-sai-por-ai-madureira-x-crb-e-os-futebois-do-brasil/>>. Acesso em: 01 de jul. 2016.

COSTA, Sergio Roberto Mendonça. Nação, comunidade imaginada pela mídia? O futebol-espetáculo e as identidades nacionais. In: ENECULT – ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, III, 2007, Salvador. **Nação, comunidade imaginada pela mídia? O futebol-espetáculo e as identidades nacionais**. Salvador: 2007. p.1-14.

CURI, Martin. A disputa pelo legado em megaeventos esportivos no Brasil. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, n.40, p.65-88, jul-dez. 2013.

DAMO, Arlei Sander; OLIVEN, Ruben George. O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016: sua cara, seus sócios e seus negócios. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, n.40, p.19-63, jul-dez. 2013.

DAOLIO, Jocimar. As Contradições do futebol brasileiro. In: CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues (Org.). **Futebol: Paixão e Política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 29-44.

DIVINÓPOLIS. **Centenário de Divinópolis**: história de Divinópolis. Divinópolis: 2012. Disponível em < <http://divinopolis100anos.com.br/historia-de-divinopolis/> >. Acesso em: 15 mar. 2016.

FIFA. **Estádios de futebol**: recomendações e requisitos técnicos. 5ed. Zurique: 2011. Disponível em < http://pt.fifa.com/mm/document/tournament/competition/01/37/17/76/p_sb2010_stadiumbook_ganz.pdf >. Acesso em 18 mar. 2014.

FREITAS, Wagner Augusto Álvares de. **Villa Nova**: 100 anos de glórias em vermelho e branco. 1. ed. Belo Horizonte: Edição do autor, 2008. 613 p.

GAFFNEY, Christopher; BALE, John. Sensing the Stadium. In: VERTINSKY, Patricia; BALE, John (Org). **Sites of Sport: Space, Place, Experience**. London: Routledge, 2004. Capítulo 2. p. 25-38.

GARRAFONI, Renata. Arenas antigas e estádios modernos. **Recorde: Revista de História do Esporte**. Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 1-15, jun. 2008.

GIL, Antonio Carlos. Delineamento de Pesquisa. In: _____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. p. 64-74.

GIULIANOTTI, Richard. Fanáticos, seguidores, fãs e *flaneurs*: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. **Recorde: Revista de História do Esporte**. Rio de Janeiro, v. 5, n.1, p. 1-35, jun. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Senso Demográfico**. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

_____. **Síntese dos Indicadores Sociais** - Departamento de Comunicação Social. 2015. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006. 269 p.

_____. **Técnicas de Pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 69-85 p.

MASCARENHAS, Gilmar. O futebol no Brasil: reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios. In: DELOIZY, Francine; SERPA, Angelo (Org.). **Visões do Brasil**: estudos culturais em geografia. Salvador: Edições L' Harmattan, 2012. Capítulo 4. p. 67-86.

_____. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. **Revista Cidades**. São Paulo, vol. 10, n.17, p.142-170, jul-dez. 2013.

_____. “Não vai ter arena”: futebol e direito à cidade. **Revista Advir**. Rio de Janeiro, n.32, p.24-38, jul-dez. 2014.

MASCARENHAS, Gilmar; OLIVEIRA, Leandro Dias de. “Adeus ao proletariado?": a dimensão simbólica do estádio da cidadania (Volta Redonda – RJ / Brasil). **Efdeportes - Revista Digital**. Buenos Aires, año 11, n.101, p.1, oct. 2006a.

_____. A criação do estádio da cidadania em Volta Redonda – RJ: uma reflexão sobre simbolismo e ideologia na paisagem urbana. In: COLÓQUIO NACIONAL DO NEER, II, 2006, Curitiba. **A criação do estádio da cidadania**

em Volta Redonda – RJ: uma reflexão sobre simbolismo e ideologia na paisagem urbana. Curitiba: 2006b. p. 1-15.

MATTOS, Mauro Gomes de; ROSSETTO JÚNIOR, Adriano José; BLECHER, Shelly. **Metodologia da pesquisa em educação física:** construindo sua monografia, artigos e projetos. 3.ed. São Paulo: Phorte, 2008. 224 p.

MORESI, Eduardo. A pesquisa e suas classificações. In: _____. (Org.). **Metodologia da pesquisa.** Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2003. p. 8-11

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. O Orgulho da Nação. In: _____. **Footballmania:** uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. capítulo 2, p. 103-202.

PRONI, Marcelo Weishaupt; ZAIA, Felipe Henrique. Gestão Empresarial do Futebol Num Mundo Globalizado. In: RIBEIRO, Luiz Carlos (Org.). **Futebol e Globalização.** Jundiaí: Fontoura, 2007. Capítulo 1. p. 19-47.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal:** os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921). 2007. 180 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

_____. O futebol em Belo Horizonte e a constituição do *campo esportivo* (1904-1921). In: SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; SILVA, Tiago Felipe (Org.). **O futebol nas Gerais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 129-146.

SANTOS, Milton. O Espaço: Sistemas de Objetos, Sistemas de Ação. In: _____. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4ª edição, 8ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. capítulo 2, p. 61-88.

SOUZA NETO, Georgino Jorge. A invenção do torcer em Belo Horizonte. In: SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; SILVA, Tiago Felipe (Org.). **O futebol nas Gerais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 129-146.

_____. **Do Prado ao Mineirão:** a história dos estádios na capital inventada. Tese em andamento. (Doutorado em Lazer) – Escola de Educação Física,

Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Tese em andamento.

SERPA, Angelo. Acessibilidade. In: _____. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007. Capítulo 1. p. 15-40.

_____. Microterritórios e segregação no espaço público da cidade contemporânea. **Revista Cidades**. São Paulo, v. 10, n.17, p. 61-75, jul-dez. 2013.

SIGOLI, Mário; JUNIOR, Dante. A história do uso político do esporte. **Revista brasileira de Ciência e Movimento**. Brasília, v. 12, n.2, p. 111-119, jun. 2004.

TUAN, Yi-Fu. Perspectiva Experencial. In: _____. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983. p. 9-21.

VILLELA, Bráulio Carsalade. **Nova Lima: formação histórica**. 1^a. ed. Belo Horizonte: Editora Cultura, 1998. 270 p.

VOGEL, Arno. O Momento Feliz, Reflexões sobre o Futebol e o *ethos* nacional. In: DAMATTA, Roberto. *et al.* **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. Capítulo 4. p. 77-115.

APÊNDICE A
FORMULÁRIO – TORCIDA DO VILLA NOVA



UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS DO LAZER
PESQUISA: PERCEPÇÃO E MANIFESTAÇÃO DOS TORCEDORES SOBRE O PROCESSO
DE MODERNIZAÇÃO DOS ESTÁDIOS BRASILEIROS - 2016.

RESPONSÁVEIS: SILVIO RICARDO DA SILVA E CHRISTIAN MATHEUS KOLANSKI
VIEIRA

E-MAIL: CHRISTIAN_KOLANSKI@HOTMAIL.COM

Data: / / 2016		Jogo:	
Horário:		Aplicador:	
Local de aplicação:			
Nome:		Sexo: () M () F	Idade:
Uniformizado: () Sim () Não		Clube:	
Torcida organizada: () Sim Qual ? _____ () Não			
Renda mensal:			
() até 788 () de 789 a 1576 () de 1577 a 2364 () de 2365 a 3152			
() de 3153 a 3940 () de 3941 a 5516 () de 5517 a 7092 () de 7093 a 8668			
() mais de 8669 () Não respondeu			
Cidade em que mora: () Nova Lima () Outra: _____			
Quem te acompanha nesse jogo: () Sozinho () Relacionamento afetivo			
() Familiares () Amigos () Outros: _____			

1) Como você conheceu o Villa Nova Atlético Clube?

2) Por que torce pelo time?

3) Há quanto tempo torce pelo time? _____

4) Você acompanha os jogos do time? Como?

() Sim. _____ () Não

5) Com que frequência você vem aos jogos do Villa no Castor Cifuentes?

() Sempre () Frequentemente () Raramente () 1ª vez

6) Você acompanha as notícias do time? Como?

() Sim. _____ () Não

7) Você já ouviu a expressão “modernização dos estádios brasileiros”?

() Sim. Para você, o que é a modernização dos estádios brasileiros?

() Não

8) Você percebe diferenças entre um estádio de futebol e uma arena de futebol?

() Sim. Para você, qual(is) é(são) a(s) diferença(s)?

() Não

[em caso de “não” encerrar o questionário]

8.1) Em sua opinião, o Castor Cifuentes é um estádio ou uma arena?

() Estádio () Arena () Não soube responder

[em caso de “estádio” responder a 8.1.1]

8.1.1) Você gostaria que ele se tornasse uma arena? Por que?

() Sim () Não () Não soube responder

8.2) Você já assistiu alguma partida de futebol em uma arena de futebol?

() Sim. Qual? _____ Em que ano? _____

() Não () Não soube responder

[em caso de “sim” responder a 8.2.1]

8.2.1) Para você, quais foram os pontos negativos e positivos em assistir o jogo na arena?

8.3) Você acha que as pessoas torcem de forma diferente quando estão em uma arena em relação à quando estão em um estádio? Como?

() Sim () Não

Você aceitaria, em outro momento, ser contactado/a para uma entrevista como o objetivo de dar continuidade a essa pesquisa? () Sim () Não

Telefone: () _____ **E-mail:** _____